

---

# VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

ANAIS DO VII SEMINÁRIO REGIONAL DE GEOSOCIOLINGUÍSTICA

(Orgs.)

Abdelhak Razky

Alcides Fernandes de Lima

Marilucia Barros de Oliveira

Carlene Ferreira Nunes Salvador

Romário Duarte Sanches

---

I EDIÇÃO

BELÉM - PA

2019

# VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

ANAIS DO VII SEMINÁRIO REGIONAL DE GEOSOCIOLINGUÍSTICA

(Orgs.)  
Abdelhak Razky  
Alcides Fernandes de Lima  
Marilucia Barros de Oliveira  
Carlene Ferreira Nunes Salvador  
Romário Duarte Sanches

I EDIÇÃO

BELÉM - PA  
2019



## AGRADECIMENTOS

Ao apoio e incentivo recebido da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio da Reitoria, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP), do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), do Curso de Livre de Línguas Estrangeiras, do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UFPA).

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo incentivo recebido do Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP) que proporcionou a realização do VII Seminário Regional de Geossociolinguística.

Aos integrantes do projeto GeoLinTerm (Geossociolinguística e Socioterminologia), à comissão de apoio e aos participantes que prestigiaram o evento.

## COMITÊ CIENTÍFICO

---

Profa. Dra. Carlene Ferreira Nunes Salvador  
(Universidade do Estado do Pará)

Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz  
(Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Celeste Maria da Rocha Ribeiro  
(Universidade Federal do Amapá)

Prof. Dr. Regis José da Cunha Guedes  
(Universidade Federal Rural do Pará)

Prof. Dr. Eduardo Alves Vasconcelos  
(Universidade Federal do Amapá)

Profa. MSc. Anne Caroline Pamplona Chagas  
(Escola de Aplicação da UFPA)

Profa. Dra. Edna dos Santos Oliveira  
(Universidade do Estado do Amapá)

Profa. MSc. Celiane Sousa Costa  
(Universidade Federal do Oeste do Pará)

Profa. Dra. Eliane da Costa Oliveira  
(Universidade Federal do Pará)

Prof. MSc. Davi Pereira de Souza  
(Universidade do Estado do Pará)

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias  
(Universidade Federal do Pará)

Prof. MSc. Romário Duarte Sanches  
(Universidade do Estado do Amapá)

Profa. Dra. Raquel Maria da Silva Costa  
(Universidade Federal do Pará)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

---

Varição e diversidade linguística (1.: 2019: Belém, PA)

Anais do VII SERGEL – VII Seminário Regional de Geossociolinguística /  
RAZKY, Abdelhak (et al.). Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2019.  
126 p.

Modo de acesso: [www.geolinterm.com](http://www.geolinterm.com)

Seminário realizado na Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto da  
Universidade Federal do Pará, no período de 22 a 24 de novembro de 2017.

ISBN – 978-85-64233-24-9

---

1. Dialetoлогия. 2. Sociolinguística. 3. Socioterminologia. 4. Ensino de línguas. 5.  
Educação indígena. 6. Fraseologia.

# SUMÁRIO

---

	Apresentação .....	08
Capítulo 1	Denominações para <i>feitiço</i> na fala de quilombolas do Pará e de Pernambuco: um estudo baseado em dois atlas linguísticos Edmilson José de Sá .....	10
Capítulo 2	<i>Gambá</i> ou <i>mucura</i> ? Como falam os amapaenses Romário Duarte Sanches .....	19
Capítulo 3	Instrumentos metodológicos de estudos geolinguísticos da região Norte do Brasil Bryana Connie Linda Lopes Batista .....	29
Capítulo 4	Análise comparativa do Português Brasileiro falado em São Luís e em Belém: uma abordagem geoprosódica Brayna Conceição dos Santos Cardoso; Regina Célia Fernandes Cruz .....	37
Capítulo 5	Os padrões prosódicos dos agrupamentos numéricos Juliana de Amorim Marques .....	55
Capítulo 6	Categorização dos registros gráficos do <r> em coda silábica interna na escrita infantil escolar Elaine Patrícia do Nascimento Modesto; Regina Célia Fernandes Cruz; Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiller .....	64
Capítulo 7	A desnasalização em sílabas átonas finais no falar de Belém: um estudo de variação linguística Fábio Luidy de Oliveira Alves .....	72
Capítulo 8	Imigrações, ocupações e memória: um estudo dos nomes dos municípios do Sudeste do Pará Letícia Santos Gomes; Elaine Ferreira Dias .....	78
Capítulo 9	A singular diversidade linguística em São Gabriel da Cachoeira (AM) Maria Ivanete de Santana Felix .....	84
Capítulo 10	<i>Debaixo desse angu tem caroço?</i> A presença de fraseologismos no discurso político brasileiro Davi Pereira de Souza .....	95
Capítulo 11	Fraseologismos do futebol com o item lexical <i>gol</i> Carlene Ferreira Nunes Salvador .....	111
	Sobre os autores .....	124

# APRESENTAÇÃO

---

A coletânea “Variação e Diversidade Linguística” é fruto dos trabalhos apresentados no VII Seminário Regional de Geossociolinguística (SERGEL). Trata-se de um evento bianual organizado pelo grupo de pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação (ILC), da Universidade Federal do Pará (UFPA). O SERGEL se configura como um evento de caráter regional, mas com importante contribuição de participantes de várias regiões do Brasil e até do exterior. Seu objetivo principal é integrar pesquisa, ensino e extensão, aproximando a graduação e a pós-graduação no Curso de Letras, a fim de contribuir para a ciência e a educação na região amazônica.

A cada edição, o SERGEL apresenta uma nova temática, sempre procurando abranger a pesquisa, o ensino e a extensão. Na edição mais recente, em 2017, o Evento abordou a temática “Variação e Diversidade Linguística: as novas tendências dos estudos variacionistas”. A escolha dessa temática teve como foco, dentre outros, reavaliar as bases teóricas e metodológicas das pesquisas em variação linguística, refletindo sobre as novas tendências dos estudos neste campo da linguística.

Nesta coletânea, reunimos 11 trabalhos por professores-pesquisadores, estudantes de pós-graduação e graduação, de diferentes universidades brasileiras, frutos das discussões realizadas durante a sétima edição do SERGEL.

O capítulo 1 é de autoria de Edmilson José de Sá, intitulado “Denominações para feitiço na fala de quilombolas do Pará e de Pernambuco: um estudo baseado em dois atlas linguísticos”. O autor compara dados do Atlas Linguístico Quilombola do Nordeste do Pará com os do Atlas Moxotó-Ipanema Pernambucano. A ideia central foi refletir sobre algumas denominações encontradas nos dois atlas investigados, como *macumba* e *catimbó*, que ora conceituam instrumentos musicais da cultura afro, ora conceituam práticas de malefícios.

O capítulo 2 é de autoria de Romário Duarte Sanches, intitulado “*Gambá* ou *mucura*? Como falam os amapaenses”. O objetivo do trabalho é mostrar qual a preferência lexical dos amapaenses para denominar o *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*, se é *gambá* ou *mucura* e como isso se configura com base na abordagem da geossociolinguística.

O capítulo 3 é de autoria de Bryana Connie Linda Lopes Batista, intitulado “Instrumentos metodológicos de estudos geolinguísticos da Região Norte do Brasil”. A autora busca identificar e apresentar os principais meios de registro de informações e ferramentas para elaboração de cartas linguísticas nos estudos geolinguísticos realizados na Região Norte do Brasil.

O capítulo 4 é de autoria de Brayna Conceição dos Santos Cardoso e Regina Célia Fernandes Cruz, intitulado “Análise comparativa do Português Brasileiro falado em São Luís e em Belém: uma abordagem geoprosódica”. As autoras apresentam um mapeamento geoprosódico das variedades do Português Brasileiro falado em São Luís do Maranhão e em Belém do Pará. O estudo faz parte das ações do Projeto AMPER Amazônia.

O capítulo 5 é de autoria de Juliana de Amorim Marques, intitulado “Os padrões prosódicos dos agrupamentos numéricos”. A autora objetiva descrever o padrão das estratégias numéricas e decimais dos agrupamentos numéricos de dígitos de telefones e documentos (CPF e RENACH). Segundo ela, o trabalho possibilitará desvendar o padrão prosódico desse tipo de enunciado e propor um modelo de descrição a ser usado para aprimorar o sistema de reconhecimento de fala em relação ao Português do Brasil.

O capítulo 6 é de autoria de Elaine Patrícia do Nascimento Modesto, Regina Célia Fernandes Cruz e Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiller, intitulado “Categorização dos registros gráficos do <r> em coda silábica interna na escrita infantil escolar”. As autoras

apresentam resultados dos registros do grafema <r> em coda silábica na escrita escolar. Para o estudo, elas utilizam o *corpus* do projeto “Programa de Apoio a Pesquisas com Intervenção Metodológica” (PAPIM).

O capítulo 7 é de autoria de Fábio Luidy de Oliveira Alves, intitulado “A desnasalização em sílabas átonas finais no falar de Belém: um estudo de variação linguística”. O autor estuda o processo de desnasalização em sílabas átonas finais que ocorrem nas palavras *homem* e *passagem* na variedade do Português falado no município de Belém no Estado do Pará.

O capítulo 8 é de autoria de Letícia Santos Gomes e Elaine Ferreira Dias, cujo título é “Imigrações, ocupações e memória: um estudo dos nomes dos municípios do Sudeste do Pará”. As autoras buscam discutir como o processo de imigração refletiu na designação dos topônimos da mesorregião sudeste paraense, mais especificamente nas designações dos municípios de Abel Figueiredo, Bannach, Ulianópolis, Rondon do Pará, Canaã dos Carajás, Eldorado dos Carajás, Goianésia do Pará, Palestina do Pará e Paragominas. Os quatro primeiros municípios/localidades possuem motivação em nomes de pessoas (antropotopônimos), ao passo que os demais apresentam motivação em nomes de cidades, países ou regiões (corotopônimos).

O capítulo 9 é de autoria de Maria Ivanete de Santana Felix, intitulado “A singular diversidade linguística em São Gabriel da Cachoeira (AM)”. Em seu texto, a autora apresenta a história de São Gabriel da Cachoeira, com a intenção de focalizar a diversidade linguística da região, que abriga cerca de 30 etnias indígenas em uma mesma área geográfica.

O capítulo 10 é de autoria de Davi Pereira de Souza, intitulado “*Debaixo desse angu tem caroço?* A presença de fraseologismos no discurso político brasileiro”. O trabalho é um recorte de uma investigação mais ampla (SOUZA, 2018), ancorada nos aportes teóricos da fraseologia francesa e na abordagem metodológica da Linguística de *Corpus*. O autor objetiva mostrar a presença de fraseologismos no discurso político brasileiro, com foco nos contextos de uso real em que tais unidades foram utilizadas.

Por último, temos o capítulo 11, de autoria de Carlene Ferreira Nunes Salvador, intitulado “Fraseologismos do futebol com o item lexical *gol*”, trabalho que resulta de um recorte da tese de doutorado de Salvador (2017). Nesse trabalho, a autora mostra o comportamento do item lexical *gol* na estrutura dos sintagmas fraseológicos no domínio do futebol no Brasil.

Carlene Ferreira Nunes Salvador  
Romário Duarte Sanches

# 1

---

## Denominações para *feitico* na fala de quilombolas do Pará e de Pernambuco: um estudo baseado em dois atlas linguísticos

Edmilson José de Sá

### Introdução

O léxico representa parte do conhecimento linguístico de qualquer falante. Assim, associado à pronúncia (fonética) e à concordância (morfofossintaxe), o léxico auxilia na compreensão do falar característico de uma comunidade e na identificação de variantes diatópicas, diastráticas e até diafásicas.

No caso de do Estado de Pernambuco, tendo em vista as características históricas, geográficas e culturais, tem-se um falar peculiar, o que permite emitir comparações quer com outros falares do Nordeste, quer com falares de outros estados brasileiros. Isso não é, pois, um fato inerente à zona urbana, haja vista a variação falada na zona rural, especialmente onde habitam quilombolas e indígenas, em que as línguas de origem se imbricam junto ao étimo latino na construção de um português notadamente heterogêneo.

Por isso, pretende-se, aqui, usar os *corpora* coletados para dois trabalhos da geolinguística étnico-racial, o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará - AGQUINPA (DIAS, 2017) e o Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano - ALQUIMPE (SÁ, 2018), referentes às denominações para a pergunta sobre “o que se pode fazer com a ajuda de espíritos para matar alguém” (QSL- 12 e QSL - 188), de modo a verificar aspectos tanto semelhantes quanto divergentes em relação às variantes registradas nos dois trabalhos.

### Dialetologia e Geolinguística: os limites espaciais da variação

A *Dialetologia* investiga as realizações linguísticas de uma dada comunidade, sem necessariamente, interpretá-las à luz de restrições externas, como ocorre com a *Sociolinguística*, mas dentro da própria estrutura da língua ou, como tem sido mais recorrente, com a adoção do método cartográfico emprestado pela geografia, daí o fato de esse método ser chamado de *Geografia Linguística* ou, simplesmente, *Geolinguística*.

A aplicação desse método, embora ainda pouco conhecido e não alcunhado foi pensada por Nascentes (1958), visando à realização de uma descrição detalhada no idioma falado no Brasil. Contudo, esse feito pareceu mais difícil do que ele pensava. Assim, o linguista adiou a elaboração de atlas regionais e também o seu projeto de Atlas Linguístico de Brasil. Nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico de Brasil*, o autor preconiza que:

[...] um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro embora seja muito vantajoso, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, *op cit*, p. 07).

Desde o fim dos anos cinquenta, portanto, alguns trabalhos importantes estão sendo ampliados a fim de servirem de apoio teórico aos estudos variacionistas e, pelo *continuum*, para as pesquisas geolinguísticas mais recentes.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, trabalho pioneiro de Nelson Rossi, em 1963, inspirou outros trabalhos atualmente localizados nas bibliotecas do Brasil.

Depois do atlas baiano, foram construídos outros atlas tanto de domínio estadual como regional, além de outros que se encontram em fase inicial ou avançada de elaboração.

Mas foi durante o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Faculdade de Letras da UFBA, em novembro de 1996, a ideia de uma documentação dialetal de todo o território nacional, retomando o anseio de Nascentes para a construção de um atlas linguístico. Apresentou-se aí o projeto ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*).

A partir da revisão de pontos previamente propostos por Nascentes ainda nos anos de 1950, o projeto se desenvolveu em 250 localidades do Oiapoque ao Chuí, perfazendo 1100 informantes, uma vez que, em cada ponto, foram inquiridos quatro informantes com escolaridade não superior ao quinto ano do ensino fundamental, à exceção das capitais que tiveram também os inquiridos com informantes de formação superior. Assim, dos quatro informantes, houve um homem e uma mulher com faixa etária entre 18 e 30 anos e a mesma classificação diagenérica para a faixa de 50 a 65 anos. A publicação dos primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* ocorreu em 2014.

Uma vez publicado o *Atlas Linguístico do Brasil*, prenuncia-se o que, ousadamente, se pode chamar de *quinta fase* dos estudos dialetais, quando são evidenciados os fenômenos linguísticos de natureza étnico-racial, a partir do qual se descreve a linguagem falada em grupos étnicos definidos geograficamente. Já que cabe à *etnolinguística* o estudo do papel das línguas, a compreensão dos sistemas linguísticos e a documentação do seu uso (DURANTI, 2001). Deste modo, usufrui-se da *geolinguística*, enquanto método para o traçado de limites onde os fenômenos linguísticos são distribuídos numa dada extensão territorial, que são interpretados à luz da história da língua ou da influência de aspectos sociais como afirma Cardoso (2009).

A despeito de trabalhos explicados conspicuamente pela sociolinguística e de atlas que registram variantes conforme o contato linguístico, a língua portuguesa falada no Brasil por grupos étnicos como quilombolas e indígenas, por exemplo, ainda se encontra em estado embrionário no que tange à dialetologia, preocupação já apontada por docentes da Universidade Federal do Pará (UFPA), pela qual se reconhecem alguns trabalhos já concluídos e outros em fase inicial ou avançada de elaboração.

O trabalho de Rodrigues (2017), por exemplo, visou ao *mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística*. Foi realizada uma pesquisa em cinco pontos de inquiridos quais sejam: *Aramirã, Pairakae, CTA, Mariry e Kurani'yty*, nos quais se aplicou o Questionário Semântico Lexical (QSL) do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* a uma amostra de 20 informantes, quatro em cada ponto, seguindo, portanto, a metodologia do atlas nacional, com pequenas adaptações.

Em seguida, coube a Guedes (2017) organizar o *perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão*. Nesse trabalho, o autor realizou o mapeamento fonético do português em contato com as línguas *Suruí Aikewára, Asurini do Tocantins, Tembê e Guarani Mbyá*.

Por outro lado, evidencia-se o projeto encabeçado em áreas quilombolas, realizado por Dias (2017), com a criação do primeiro atlas nomeadamente linguístico sob o nome de *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)*, orientado pela prof<sup>a</sup> Marilúcia Oliveira. Nesse primeiro atlas, foram consideradas seis comunidades quilombolas pertencentes aos municípios de *Abaetetuba, Bragança, Castanhal, Colares, Moju e São Domingos do Capim*, de cada uma das quais foram selecionados quatro informantes

escolhidos sob as dimensões diagenérica e diageracional já utilizadas no ALiB e em outros trabalhos de mesma natureza. Os inquéritos ocorreram por meio da aplicação do QSL do ALiB, somando-se 31 questões de origem etimológica *banto*, de modo a averiguar a possível difusão do léxico de origem africana. O resultado da pesquisa culminou na construção de 136 cartas que apresentaram variação não-categorica.

Outros atlas linguísticos e estudos geossociolinguísticos étnico-raciais do contato do português latino com outras raças não latinas estão sendo construídos também na UFPA:

**Quadro 01:** Estudos geossociolinguísticos étnico-raciais em fase de execução

AUTOR(ES)	TÍTULO DO PROJETO
Dietrich <i>et al</i> (2010)	Atlas Linguístico Guaraní-Românico
Costa (2014)	Atlas linguístico do português de áreas indígenas no Pará.
Felix (2015)	Um estudo geossociolinguístico da língua geral amazônica (nheengatu) falada EM São Gabriel da Cachoeira (AM).
Costa (2015)	Atlas quilombola do médio amazonas paraense.
Cabral <i>et al</i> (2015)	Atlas Sonoro das Línguas Indígenas (ALSLIB)
Alves (2016)	Estudo geossociolinguístico de aspectos semântico-lexicais da variedade do português falado em terras indígenas do estado do Pará
Teixeira (2016)	Mapeamento lexical do português falado em quatro comunidades da terra indígena Kayapó/PA: uma abordagem geossociolinguística
Guedes & Razky (2017)	Mapeamento do perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas pertencentes à família Tupí-Guarani, localizada no Estado do Pará – (Surui Aikewára, Asurini do Tocantins, Tembê e Guaraní Mabyá)
Sanches, Razky & Thun (2017)	Microatlas linguístico bilíngue (português-kheul) da etnia Karipuna da Terra Indígena Uaçá, no Estado do Amapá
Rodrigues & Razky (2017)	Mapeamento lexical do Português falado pelos Wajãpi, do Estado do Amapá
Alves & Oliveira (2017)	Aspectos semântico-lexicais da variedade do português falado em terras indígenas do Estado do Pará (Asuriní do Xingu, Parakanã e Araweté Igarapé Ipixuna)
Razky (2017)	Atlas Linguístico do Português Falado em Área Indígena (ALiPAI)

Fonte: Elaborado pelo autor.

## Atlas Linguísticos Quilombolas do Pará e de Pernambuco

### *O Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará - AGQUINPA*

O trabalho geolinguístico nas comunidades quilombolas do Pará foi organizado por Dias (2017) com base em indagações realizadas em seis comunidades pertencentes aos municípios de *Abaetetuba, Bragança, Castanhal, Colares, Moju e São Domingos do Capim*, cujos informantes foram escolhidos sob a égide metodológica do ALiB quanto às dimensões diagenérica e diageracional. Os inquéritos ocorreram por meio da aplicação do QSL do ALiB, somando-se 31 questões de origem etimológica *banto*, de modo a averiguar a possível difusão do léxico de origem africana.

O resultado da pesquisa culminou na construção de 136 cartas que apresentaram variação não-catórica, construídas por meio do programa de georreferenciamento e edição de dados georreferenciados *QGIS 2.8* (versão *Wien 2015/2016*), empregado para construção de mapas vetoriais, junto às bases cartográficas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Após o estudo das variantes registradas nos inquéritos, contabilizou-se o número de 23 lexias de origem *bantu*, a saber: *caolho, meleca, cangote, corcunda, cuturuca, calombo, cumbu, catinga, inhaca, cutica, bode, moleque/moleca, macumba, moringa, calombo, caxumba, diamba, cachimbo, angu, cará, jabá e bobó*.

#### *O Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó e Ipanema de Pernambuco – ALQUIMPE*

Em Pernambuco, os inquéritos foram realizados em cinco comunidades quilombolas, sendo três pertencentes ao Moxotó (*Poço Dantas, Riacho dos Porcos e Buenos Aires*) e duas pertencentes ao Ipanema (*Quilombo e Mundo Novo*).

Aos informantes foram aplicadas as perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) utilizadas nos inquéritos do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* e em outros trabalhos de mesma natureza, com acréscimos nos campos semânticos já existentes, uma adaptação do campo semântico ‘vida urbana’ para ‘vida no quilombo’ e a inserção do campo semântico ‘aspectos culturais do quilombo’.

Após a conclusão dos inquéritos, foi realizada a transcrição das respostas e a catalogação dos resultados mais relevantes quanto aos níveis fonético-fonológicos e semântico-lexicais para, a seguir, serem construídas as cartas linguísticas a partir do programa de georreferenciamento e edição de dados georreferenciados *QGIS 2.8* (versão *Wien 2015/2016*), tal como ocorrera na construção do AGQUINPA.

Para cartografar a variação fonética, resolveu-se agrupar os itens que detinham os mesmos fenômenos para verificar a ausência e/ou a presença desses fenômenos. Isso resultou na construção de onze cartas, envolvendo o comportamento das proparoxítonas, da lateral pós-vocálica /l/, da vogal pretônica /e/ em sílaba inicial, da lateral palatal /ʎ/ e das oclusivas dentais /t/ e /d/ em posição pré-vocálica.

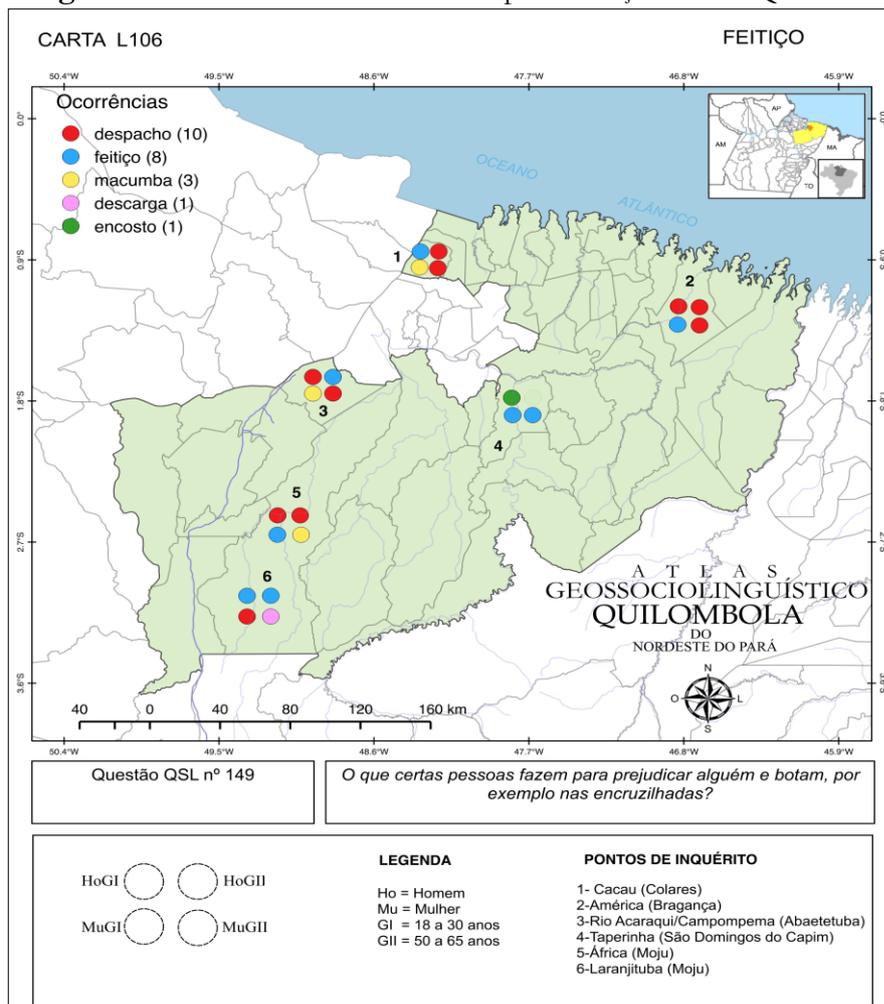
No caso da variação lexical, foram selecionados vinte e um itens lexicais, pertencentes aos seguintes campos semânticos que fizeram parte do questionário semântico-lexical: *acidentes geográficos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, convívio e comportamento social, religiões e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, vida no quilombo e aspectos culturais no quilombo*.

O propósito maior da construção dessas cartas foi verificar que itens lexicais detiveram maior ou menor heterolexidade e como as dimensões diatópico-diastráticas e antropológicas interferiram nessa variação.

#### **Denominações para ‘feitiço’: um estudo baseado nos dois atlas**

Para responder à pergunta sobre ‘o que se pode fazer com a ajuda de espíritos para matar alguém’ (QSL- A 12 e QSLA 188), foram construídas cartas léxicas específicas para os dois atlas. No AGQUINPA, a carta L 106 registrou cinco variantes (*despacho, feitiço, macumba, descarga e despacho*), conforme é possível contemplar na figura 1:

**Figura 01:** Carta léxica com variantes para ‘feitiço’ no AGQUINPA



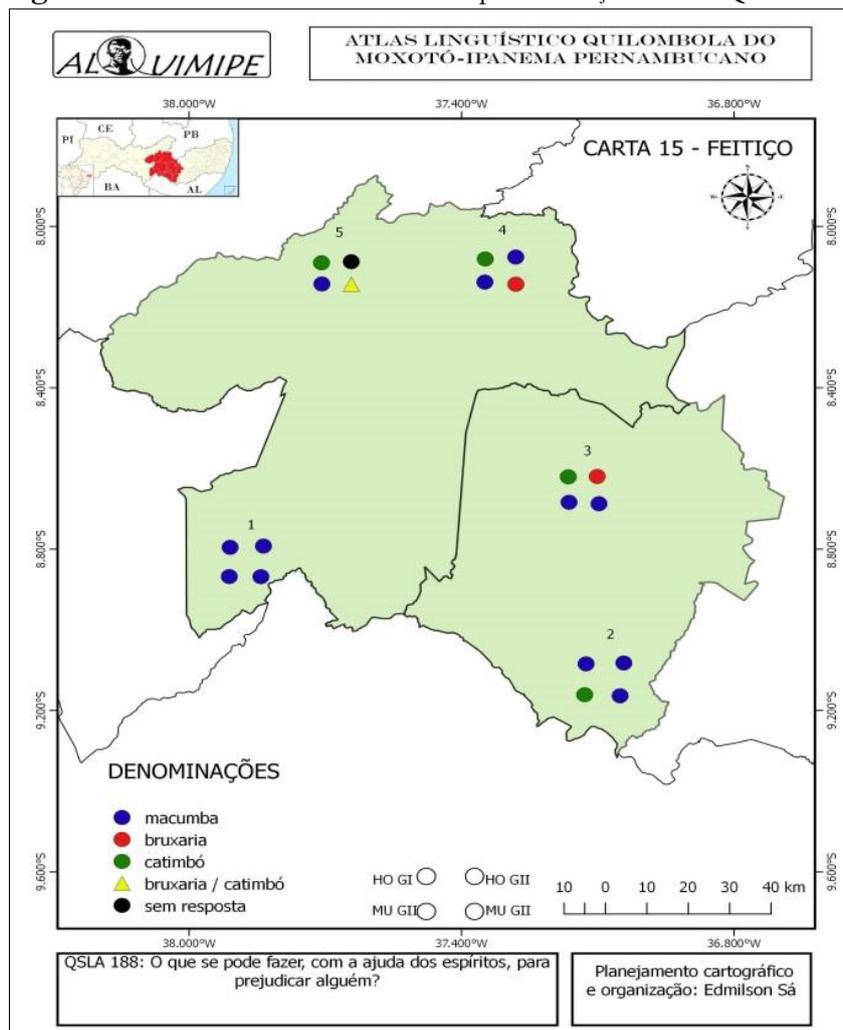
Fonte: Elaborado pelo autor.

Na carta do AGQUINPA, destaca-se com maior percentual a variante *despacho* com 42% do total de ocorrências, já que *feitiço* obteve 34%, *maçumba* obteve 12% e as demais – *encosto* e *descarga* – foram proferidas, cada uma, por apenas 4% dos informantes, sendo esse o mesmo percentual de ausência de respostas.

Cabe, aqui, uma colocação acerca da predominância de *despacho*, haja vista a origem provençal que a lexia detém (HOUAISS, 2009). Consta que os primeiros franceses que imigraram ao Brasil no século XIX se dirigiram para o Pará, fundaram microcolônias, atraídos pela borracha e pela riqueza fácil. (VIDAL; DE LUCA, 2009, p. 348), da mesma forma que teriam levado o segundo item mais estratificado, *feitiço*, de origem latina, mas trazido por escravos que vieram com franceses.

A pergunta para averiguar denominações para *feitiço* foi igualmente proferida aos quilombolas pernambucanos e resultou na construção da carta 15, disposta na figura 2.

**Figura 02:** Carta léxica com variantes para ‘feitiço’ no ALQUIMPE



Fonte: Elaborado pelo autor.

Das variantes cartografadas, 55% couberam à *macumba* e 25% foram os percentuais de *catimbó*. O item *bruxaria* obteve 15% e apenas 5% foi conferido para ausência de respostas.

Em Pernambuco, constatou-se que os itens com percentual mais elevado – *macumba* e *catimbó* – são de origem africana, enquanto o item lexical *bruxaria* apresenta étimo de origem hispânica.

*In totum*, sete denominações atribuídas ao feitiço se distribuíram nos atlas quilombolas do Pará e de Pernambuco. A seguir, é possível essa coadunação com apenas um item lexical – *macumba* – registrado nas comunidades dos dois Estados.

**Quadro 02:** Distribuição das variantes para *feitiço* a partir dos atlas quilombolas

ITENS LEXICAIS	AGQUIMPA	ALQUIMPE
Bruxaria	-	X
Catimbó	-	X
Descarga	X	-
Despacho	X	-
Encosto	X	-
Feitiço	-	X
Macumba	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso das comunidades quilombolas paraenses, a variante *macumba* se distribui em percentual limitado com apenas 12% do total de itens registrados para denominar o *feitiço*, pois o item que se sobressaiu com 42% foi *despacho*. Já em Pernambuco, dentre as variantes encontradas, *macumba* atingiu o maior percentual, ultrapassando a metade dos itens computados com 55% do total.

Em termos diastráticos, a variante *bruxaria* foi registrada apenas na fala de pessoas da segunda faixa etária, enquanto as três ocorrências de *catimbó* foram registradas apenas na fala do homem mais jovem. *Descarga* só teve uma ocorrência na fala da mulher da segunda faixa enquanto *encosto* teve uma ocorrência na fala do homem da primeira faixa.

O percentual maior das ocorrências de *feitiço* coube à mulher da primeira faixa etária. Já no caso de *despacho*, maior distribuição nas comunidades paraenses, das dez ocorrências, apenas uma delas ocorreu na fala da mulher da primeira faixa. As demais se distribuíram equitativamente nos níveis diastráticos restantes. Por sua vez, a variante *macumba*, que se sobressaiu nas comunidades pernambucanas, mesmo com três ocorrências nas comunidades paraenses, teve maior percentual na fala da mulher, principalmente da primeira faixa etária.

## Conclusão

A proposta para a construção do primeiro *Atlas Linguístico Quilombola de Pernambuco* se constitui a partir dos seguintes fatores: a importância dos povos de origem africana para a constituição da cultura linguística do seu povo e a análise dos fenômenos encontrados em seu modo espontâneo de falar, confirmando a riqueza que o povo africano deixou em seus descendentes, unindo-se ao inspirador *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste Paraense*.

Por isso, a análise aqui apresentada em comunidades de cinco municípios do Moxotó e do Ipanema pernambucano e de seis comunidades do Nordeste Paraense nem de longe representa o que se poderia encontrar nos dois *corpora* coletados, e os resultados para as denominações de ‘feitiço’ com acepções marcantes originárias de outras línguas que não a africana já revelam per se a miscigenação e contato multiétnico por que passaram os Estados, inclusive com comunidades quilombolas relativamente próximas a comunidades indígenas. Por isso, ainda há muito o que se pesquisar, discutir e investigar, visto que um trabalho de descrição linguística não acompanha a sua evolução cada vez mais rápida. Umhas palavras são produzidas, mas num curto espaço de tempo são esquecidas e são facilmente substituídas, tornando a heterogeneidade da língua ainda mais acentuada.

É mister considerar que os povos africanos que atracaram em terras brasileiras não devem ser lembrados apenas como trabalhadores que foram escravizados, mas como sujeitos importantes na criação da língua que continua a ser falada tão ricamente.

## Referências

- ALBUQUERQUE, W. R. de; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 2. ed. São Paulo: HUICITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].
- CASTRO, Y. P. de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afrobrasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- DIAS, M. P. **Atlas geossociolinguístico quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)**. Tese de Doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.

- GOULART, M. **A escravidão africana no Brasil: das origens à extinção do tráfico**. São Paulo: Alfa-Ômega. 1975.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo, Objetiva, 2004
- LABOV, W. Field methods used by the project on linguistic change and variation", dins. In: BAUGH, J. & SHERZER, J. (eds.) **Language in use: Readings in sociolinguistics**, Englewood Cliffs: NJ Prentice-Halle.1984.
- \_\_\_\_\_. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, N. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- \_\_\_\_\_. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. **Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Pelotas, Educat, 2008, p.1-9.
- MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996. [1934].
- MELLO, J. A. G. de. **João Fernandes Vieira**. Recife: Universidade de Recife, 1953.
- MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- MILLER, J. C. Légal Portuguese Slaving from Angola. Some Preliminary Indications of Volume and Direction. In: **Revue française d'histoire d'outre-mer**, tome 62, n°226-227, 1er et 2e trimestres 1975. La traite des Noirs par l'Atlantique : nouvelles approches. p. 135-176.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões 1953. [1922].
- PEREIRA DA COSTA, F. A. Vocabulário pernambucano. **Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano** - Separata do volume XXXIV. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- QUESTIONÁRIOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Londrina: EDUEL, 2001.
- RODRIGUES, N. **Os africanismos no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945.
- SOUZA, L. O. C. de. **Quilombos: identidade e história**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- TEIXEIRA, F. M. P.; CHIANCA, R. B. **História e geografia de Pernambuco**. Projeto Identidade. São Paulo: Ática, 2012.
- THUN, H.; ELIZAINCÍN, A. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU), I, 1-2**, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

TRIO PARADA DURA. Arapuca. Composição de Solevante, Itamaracá e Mangabinha. **LP Último adeus**. Rio de Janeiro: Gravadora Copacabana, 1981.

VIDAL, L.; DE LUCA, T. R. **Franceses no Brasil**: séculos XIX – XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

VIEIRA, A. **Cartas do Padre António Vieira**. (coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo). Tomo I. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

## 2

---

## *Gambá* ou *mucura*? Como falam os amapaenses

Romário Duarte Sanches

### Introdução

Por muito tempo a dialetologia tradicional, acompanhada do método geolinguístico, priorizou o aspecto geográfico da variação em detrimento dos aspectos sociais. Os primeiros resultados com base no método geolinguístico foram materializados em forma de atlas linguísticos. São inúmeros os atlas constituídos pelo mundo, sendo estes de caráter monodimensional, bidimensional ou pluridimensional.

No cenário brasileiro, observamos que os trabalhos dialetais e geolinguísticos começam a ganhar espaço em meados do século XX, sobretudo com a elaboração dos primeiros atlas linguísticos, como o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, *et al.* 1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (ZÁGARI, *et al.* 1977); o Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984) e o Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA, *et al.* 1987).

O lançamento do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 1996, sem dúvida, foi um marco na história da linguística nacional. A partir desse período houve um aumento significativo na produção de atlas linguísticos e de estudos monográficos (teses e dissertações), na área da geolinguística.

Diante dessa contribuição, este capítulo constitui-se como um desdobramento dos avanços metodológicos da dialetologia moderna, buscando investigar a variação lexical do Português Brasileiro falado no Amapá, a partir dos postulados da Geossociolinguística, e tomando como base os dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Deste modo, busca-se saber qual a preferência lexical dos amapaenses para denominar o *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*, *gambá* ou *mucura*? Assim, o texto divide-se em cinco partes: introdução, discussão teórica, metodologia, apresentação dos resultados e conclusão.

### Postulados da Geossociolinguística

A geografia linguística, como método da dialetologia, surge nos fins do século XIX e início do século XX, sobretudo, vinculada aos nomes de Georg Wenker, na Alemanha, e Jules Gilliéron, na França.

O trabalho pioneiro da geografia linguística foi realizado na Alemanha por Georg Wenker, em 1876. Ele inicia esse tipo de pesquisa enviando questionários (via correspondência) aos professores residentes no Norte da Alemanha, pedindo-lhes que fornecessem palavras equivalentes à variedade do alemão padrão. Wenker levou dez anos para cobrir todo o território germânico, enfrentando diversas dificuldades durante a coleta dos dados. Ao final da pesquisa, ele resolveu limitar sua análise às palavras específicas, resultando, assim, em dois conjuntos de mapas que foram publicados sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reiches* (1881).

Embora fosse possível reunir uma grande quantidade de dados, enviando questionários por correspondência, este método tinha suas limitações, principalmente porque as pronúncias do dialeto não podiam ser registradas com precisão. Portanto, em

1896, Jules Gilliéron surgiu com uma alternativa ao método aplicado. Um pesquisador de campo de Gilliéron, Edmond Edmont, famoso por sua boa audição, percorreu a França de 1896 a 1900 e realizou cerca de 700 entrevistas. Os resultados de suas observações, juntamente com os resultados de Gilliéron e seus outros assistentes, foram posteriormente publicados entre 1902 e 1910 sob o título *Atlas Linguistique de la France*.

Com base nas experiências dialetológicas de Wenker e Gilliéron, a aplicação do método da dialetologia, ora chamada também de geolinguística, incidiu em outros projetos de atlas linguísticos pelo mundo afora, principalmente na Europa e na América.

Vale ressaltar que os trabalhos geolinguísticos dos séculos XIX e XX traziam em seu aparato metodológico a abordagem tradicional ou monodimensional da dialetologia, ou seja, por muito tempo a geolinguística buscou registrar o *dialeto puro* e sua variação geográfica, colocando em destaque o fator espacial e deixando em segundo plano os fatores sociais. Isso gerou inúmeras críticas à dialetologia, bem como, a de que a mesma não se sustentaria por muito tempo, perdendo espaço para a sociolinguística.

Com o surgimento da linguística moderna, sobretudo, da sociolinguística, a dialetologia passou a integrar ao método geolinguístico, aspectos sociais da língua como uma tentativa de superar suas lacunas teórico-metodológicas. Para este cenário da dialetologia, Chambers e Trudgill (1994) vão denominar de *dialetologia social*, pois, agora, os dialetólogos começam a controlar em sua abordagem metodológica questões extralinguísticas, como idade, sexo e escolaridade do informante. Rona (1976) afirma que esse aspecto social na dialetologia é uma superposição interdisciplinar da sociolinguística e da dialetologia, podendo ser denominada de “sociodialetologia<sup>1</sup>” ou uma nova forma de dialetologia que incorpora precisamente a dimensão social.

No Brasil, como forma de compensar os aspectos sociais isentos na abordagem da geolinguística tradicional, Razky (1997, 1998, 2004, 2010, 2015) apresenta a *Geossociolinguística* que, grosso modo, é a união do aparato metodológico da Sociolinguística com o da Geolinguística.

Para Razky (2010), a Geossociolinguística é necessária para suprir os limites tanto da Sociolinguística quanto da Geolinguística tradicional, uma vez que os estudos sociolinguísticos realizados no Brasil priorizam a dimensão social e local e os estudos geolinguísticos limitam-se ao aspecto espacial e uma estratificação social mínima, como podemos apreciar no Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA *et al.*, 1987) e no Atlas Linguísticos do Paraná (AGUILERA, 1996)<sup>2</sup>.

Essa nova abordagem adotada nos estudos geolinguísticos nos fins da década de 1990, Razky (1998) nomeou de *Geossociolinguística*.

A expressão foi cunhada unindo-se o prefixo “Geo” (que referencia o tratamento da variante geográfica, tradicionalmente estudada pela Geolinguística) ao vocábulo “sociolinguística” (...) *Geossociolinguística*, criado por Razky (1998), não significou uma nova área ou subárea da Linguística, mas designa uma conjunção de metodologias (a Geolinguística e a Sociolinguística) que, juntas, podem permitir melhores resultados na investigação da variação linguística. (GUEDES, 2017, p. 46).

O termo *Geossociolinguística* foi empregado por Abdelhak Razky pela primeira vez, em 1997, dando nome ao projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA), que posteriormente, em 2004, resultou na publicação do primeiro atlas falante brasileiro: o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA).

<sup>1</sup> Termo também empregado por Gregory Guy (2012).

<sup>2</sup> As autoras consideram somente o sexo dos informantes, controlando, assim, a fala de homens e mulheres em diferentes áreas geográficas.

Para Razky e Guedes (2015), a perspectiva Geossociolinguística oferece uma imagem mais autêntica sobre como mapear a variabilidade linguística do Português Brasileiro e permite compreender melhor os problemas concernentes à homogeneidade dialetal nos mapas linguísticos de atlas monodimensionais.

Em suma, a abordagem Geossociolinguística pode ser esquematizada da seguinte forma:

**Figura 01** - Esquema de configuração da Geossociolinguística



Fonte: Elaboração do autor.

A figura 01 nos permite inferir que, assim como a dialetologia social, a Geossociolinguística também busca controlar o aspecto geográfico e social da variação linguística. Em relação ao primeiro aspecto, o foco está na caracterização de áreas dialetais ou agrupamentos lexicais<sup>3</sup>; e o segundo se concentra nas influências de variáveis sociais, como idade, sexo e nível de escolaridade, nas escolhas linguísticas dos informantes.

Conforme Razky e Guedes (2015), esse controle social nos dados linguísticos contribuiu de forma elementar para o mapeamento geossociolinguístico. Além disso, Razky e Sanches (2016) comentam a possibilidade de analisar esses mapas sob uma perspectiva *geossocial*, isto é, uma análise que contemple o espaço geográfico (variação geográfica ou diatópica) e os fatores sociais (variação diasssexual, diageracional e diastrática).

Em suma, a *Geossociolinguística* vem se firmando, desde 1997 até os dias atuais, cada vez mais no campo da dialetologia brasileira, sendo considerada uma abordagem moderna e que visa suprir as lacunas deixadas pela dialetologia tradicional. Sobre esse novo momento da geolinguística brasileira, Cardoso (2003) acredita que:

A Geolinguística hoje deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, e modo a complementar os próprios dados areais. (CARDOSO, 2003, p. 190).

Com isso, ratificamos a ideia de que adotar a abordagem Geossociolinguística não significa que tenhamos de deixar como segundo plano as discussões diatópicas da tradição dialetológica, ao contrário, devemos torná-las tão importantes quanto às discussões dos fatores sociais para explicar os fenômenos linguísticos.

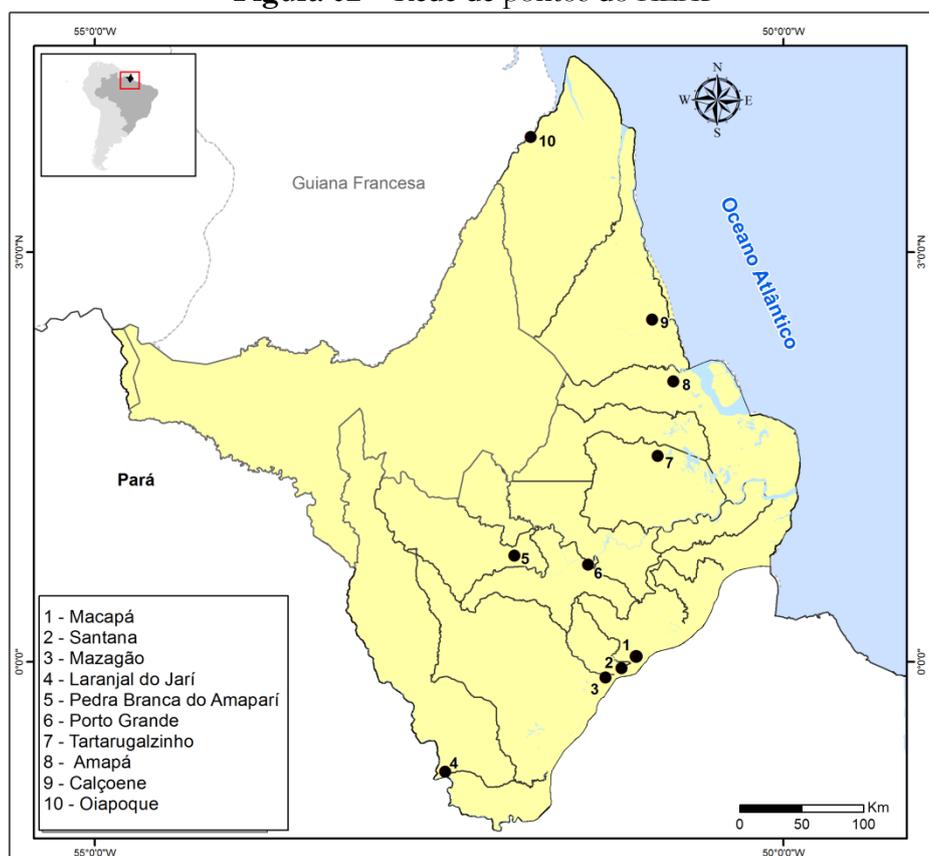
<sup>3</sup> Coexistência de variantes lexicais em uma mesma demarcação territorial (RAZKY, 2013).

## Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido, estritamente, sob os postulados da Geossociolinguística (RAZKY, 1997). Assim, apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos adotados para este estudo, com base nos dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

O ALAP considerou em sua rede de pontos 10 localidades, entre os 16 municípios do Estado do Amapá. A seleção foi feita mediante alguns critérios, como a densidade demográfica e populacional; os aspectos históricos, econômicos e socioculturais das localidades; além do tempo de origem de cada município. É importante ressaltar que em decorrência da dificuldade de encontrar informantes com o perfil exigido pelo projeto ALAP, os municípios de Serra do Navio, Ferreira Gomes, Pracuúba, Itaubal, Vitória do Jarí e Cutias não foram considerados como pontos de inquérito. Os pontos selecionados foram: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amaparí, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Conforme figura abaixo.

**Figura 02 – Rede de pontos do ALAP**



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53) (adaptado pelo autor).

Para a seleção dos informantes foram considerados 40 colaboradores residentes nos respectivos pontos fixados. Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes, com o seguinte perfil: um homem e uma mulher de 18 a 30 anos, com ensino fundamental incompleto; e um homem e uma mulher de 50 a 75 anos com ensino fundamental incompleto. Os informantes se dividem em dois grupos: sexo (homens e mulheres) e idade (os de primeira faixa etária (18-30) e os de segunda faixa etária (50-75)).

## Apresentação dos resultados

Para a descrição e análise dos resultados, consideramos o aspecto *geossocial* dos dados. Sanches (2015, p. 59) denomina de *geossocial* a análise geossociolinguística que contempla a dimensão espacial (variação geográfica ou diatópica) e social (variação diasssexual, diageracional e diastrática) dos itens lexicais e fonéticos. Os resultados expostos aqui constituem uma amostra da descrição e do mapeamento lexical feito para o Atlas Linguístico do Amapá. Neste sentido, analisamos o item lexical *gambá*<sup>4</sup>, questão de número 71 do Questionário Semântico-Lexical (QSL).

### O *Gambá* brasileiro

Antes de iniciar a análise é importante ressaltar algumas características sobre a espécie *gambá*. Segundo Schmidt e Gabriel (2016), os nomes mais comuns no Brasil para *gambá* são: *gambá-de-orelha-branca*, *timbú*, *mucura*, *sariguê*, *saruê*, *micuré*, *cassaco*. Nos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina são conhecidos como *raposa* ou *raposinha*. As autoras apontam que este animal é o maior mamífero marsupial do Brasil, pertencente à família *Didelphidae*. Sua espécie é encontrada por todo o território brasileiro, principalmente nas regiões de Cerrado, Caatinga e no Pantanal. O *gambá* brasileiro possui as seguintes características morfológicas:

[...] coloração cinza, com pelos em duas camadas, a inferior tem pelos claros ou brancos e a camada superior de pelos pretos grossos. Orelhas claras com faixa preta na face que inclui os olhos. Corpo de até 70 cm. Cauda comprida e preênsil coberta de pele grossa e nua com pelos apenas na base. Hábito solitário e noturno, ninhadas de sete a onze filhotes. Apresenta glândula sob a cauda que produz substância de odor característico, secretada como mecanismo de defesa ou durante o cio para atrair o parceiro. Hábitos crepusculares ou noturnos. (SCHMIDT; GABRIEL, 2016, p. 33-35).

Abaixo apresentamos a fig. 03 com o referido mamífero e suas respectivas características morfológicas descritas acima.

**Figura 03** - Gambá



Fonte: Imagem extraída da internet.

No âmbito dos estudos geolinguísticos, as denominações para *gambá* já foram mapeadas por Silva-Costa e Isquerdo (2012), Altenhofen e Klessmann (2011) e Sá (2016).

<sup>4</sup> Para verificar a análise de outros itens lexicais recomendamos a leitura de Sanches (2015).

Silva-Costa e Isquierdo (2012, p. 779), documentaram, com base nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nas capitais do Centro-Oeste brasileira, as seguintes variantes lexicais: *gambá*, *mucura*, *jaratataca*, *mixila* e *raposa*. Altenhofen e Klassmann (2011, p. 229), no Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (ALERS), registraram as variantes *gambá* e *raposa(o)*. E Sá (2016, p. 149), no Atlas Linguístico de Pernambuco (ALIPE), mapeou as variantes: *gambá*, *ticaca/tacaca*, *cassaco*, *cangambá/cambambá/camabá* e *timbu/tembu*. Na próxima seção apresentaremos as variantes encontradas no Estado do Amapá.

### Variação diatópica para o item *gambá*

Após essa breve apresentação do objeto de estudo desta pesquisa, buscamos saber quais nomes que os amapaenses utilizam para designar aquele *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*. Com base nessa questão, foram registradas no Amapá duas variantes lexicais: *gambá* e *mucura*, conforme se visualiza na tabela abaixo.

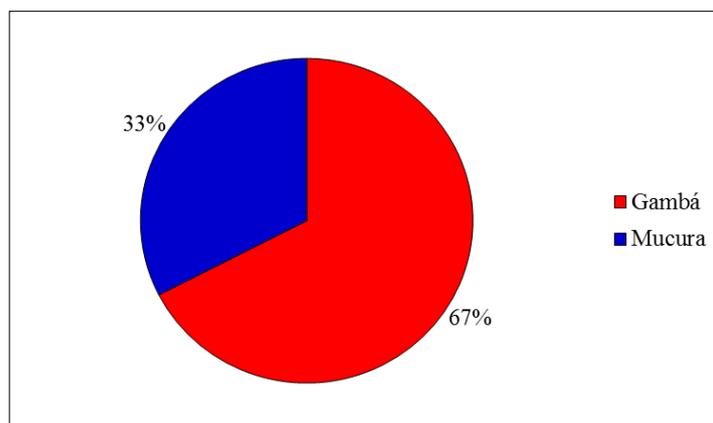
**Tabela 01** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Gambá*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
<i>Gambá</i>	75%	50%	50%	75%	75%	100%	80%	57%	60%	67%
<i>Mucura</i>	25%	50%	50%	25%	25%	-	20%	43%	40%	33%

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 01 e o gráfico 01 mostram que em quase todas as localidades pesquisadas a variante *gambá* predominou na fala dos amapaenses com 67% de ocorrência em detrimento a 33% de frequência para *Mucura*. Nos pontos 02 (Santana), 03 (Mazagão) e 08 (Amapá) percebemos a coocorrência entre *gambá* e *mucura*, pois ambas aparecem com 50% de frequência em cada. Verificamos também que no ponto 06 a frequência para *gambá* foi categórica, com 100%.

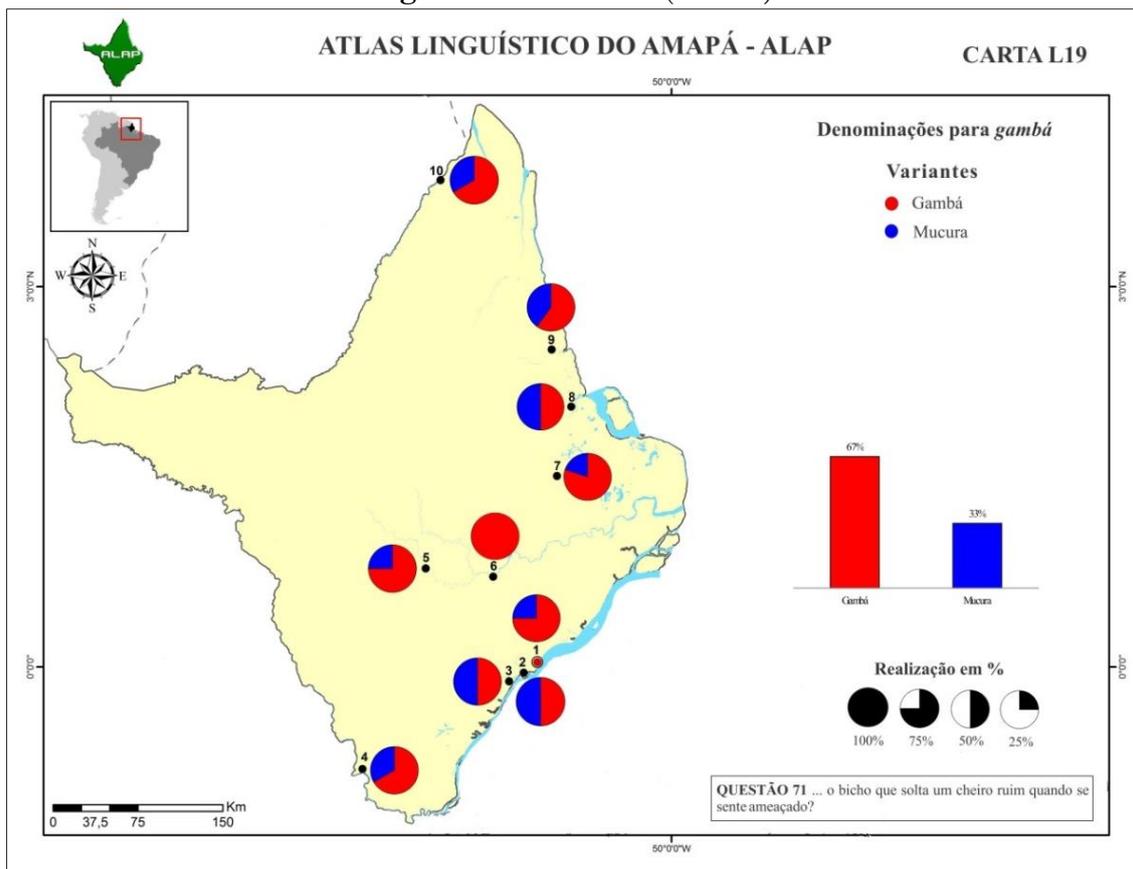
**Gráfico 01** – Realização em % para o item *gambá*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O mapeamento do item *gambá* já se encontra disponível no Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). Trata-se da carta lexical 19 (Carta L19). Na carta linguística é possível notar a distribuição geográfica das variantes *gambá* e *mucura*. Como mostra a figura 03.

Figura 03 – Carta L19 (Gambá)



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 110).

### Varição diageracional e diassexual para o item *gambá*

Em relação à variação diageracional, constatamos que a faixa etária dos informantes exerce certa influência em suas escolhas lexicais. Observamos que as variantes *gambá* e *mucura* estão marcadas socialmente pelo fator idade, pois os informantes da faixa etária I (18-30 anos) fazem uso predominante da variante *gambá*, enquanto os da faixa etária II (50-75 anos) preferem a variante *mucura*. Como mostra a tabela 02.

Tabela 02 – Variação para *gambá* conforme a faixa etária

Variantes	Faixa etária			
	I		II	
	18 – 30		50 - 75	
	%	ocor.	%	ocor.
<i>Gambá</i>	85%	17	52%	12
<i>Mucura</i>	15%	3	48%	11

Fonte: Sanches (2015).

Sobre a variação diassexual, os dados evidenciam que não houve influência do fator sexo de forma representativa, pois tanto os homens quanto as mulheres utilizam ambas as variantes lexicais com uma diferença mínima de frequência/ocorrência. Na fala dos homens, *gambá* ocorreu com 65% e 70% na fala das mulheres. Já *mucura* apareceu com 35% de frequência na fala dos homens e 30% na fala das mulheres. Esse resultado, quando comparado ao número de ocorrências, apresenta uma diferença de apenas uma ocorrência para *gambá* e duas ocorrências para *mucura*. Como mostra a tabela 03.

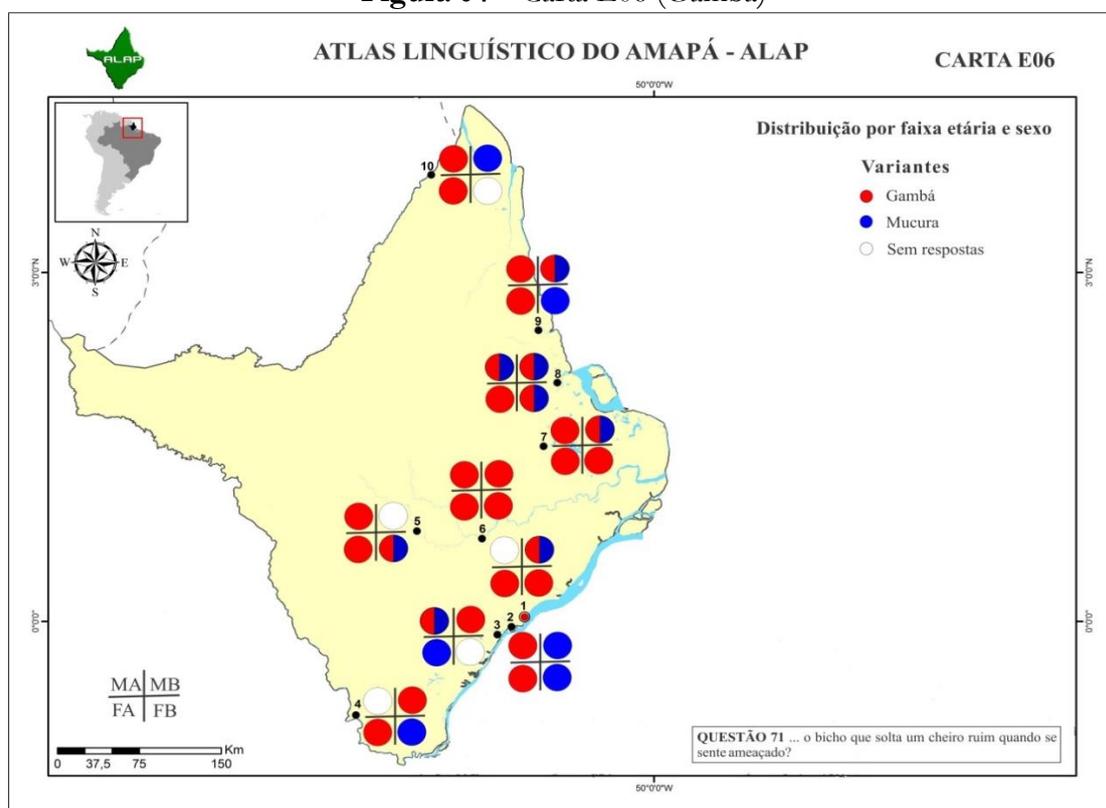
**Tabela 03** – Variação para *gambá* conforme o sexo

Variantes	Sexo			
	Homem		Mulher	
	%	ocor.	%	ocor.
<i>gambá</i>	65%	15	70%	14
<i>mucura</i>	35%	8	30%	6

Fonte: Sanches (2015).

O mapeamento diatópico (apresentado na seção 4.2) pode também ser visualizado no mapeamento diastrático do item *gambá*, fig. 04, que mostra a configuração da variação diageracional e diassexual para *gambá* e *mucura* no Amapá. A figura abaixo ilustra a ocorrência das variantes supracitadas conforme o perfil do informante, representado pela cruz de estratificação.

**Figura 04** – Carta E06 (Gambá)



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 232).

Para leitura da carta, é preciso considerar a posição dos símbolos em forma de círculo (na cor vermelha, azul e branca), ou seja, os símbolos dispostos acima da cruz indicam os informantes masculinos (MA e MB), já os dispostos abaixo da cruz indicam informantes mulheres (FA e FB). No caso dos símbolos dispostos ao lado esquerdo da cruz indicam os informantes jovens (MA e FA) e ao lado direito indicam os informantes idosos (MB e FB).

### Considerações finais

O principal foco deste trabalho foi identificar qual a preferência lexical dos amapaenses para denominar o *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*, *gambá* ou *mucura*? Tal objetivo foi alcançado por meio da descrição e do mapeamento do item lexical

em questão. Os resultados foram apresentados a partir de dois tipos de análise: espacial (geográfica ou diatópica) e social (diageracional e diassexual).

Na análise da variação diatópica, constatamos que foram registradas no Amapá duas variantes lexicais: *gambá* e *mucura*. Sendo a primeira de uso predominante na fala dos amapaenses. Já na análise da variação diageracional os dados evidenciam que a variante *gambá* ocorreu predominantemente na fala dos informantes jovens e *mucura* na fala dos informantes idosos. Em relação à variação diassexual, os resultados apontam que tanto *gambá* quanto *mucura* não sofreu influência do fator sexo, mostrando-se uma variável estável.

Em suma, os amapaenses tendem a usar duas variantes lexicais (*gambá* e *mucura*) para denominar o *bicho que solta um cheiro ruim*, diferentemente de outras regiões brasileiras que tendem a usar denominações, como *jaratataca*, *mixila* e *raposo*, na região Centro-Oeste; *raposo(a)*, na região Sul; e *ticaca/tacaca*, *cassaco*, *cangambá/cambambá/camabá* e *timbu/tembu* na região Nordeste, especificamente no Estado de Pernambuco.

## Referências

- AGUILERA, V. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- CARDOSO, S.; RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: o projeto piloto. **Asas da palavra**, UNAMA, n. 4, v. 7. dez., p. 97-100, 1997.
- CARDOSO, S. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. **Revista Gelne**, ano 5, n. 1 e 2, p. 195-192, 2003.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- FERREIRA, C. *et al.* **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, C. *et al.* **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.
- GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France (ALF)**, 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.
- GUY, G. Rumos da sociodialetoлогия da América Latina. *In*: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (2.: 2012 : Belém, PA). Diversidade linguística e políticas de ensino: **anais**. Coord. Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.
- RAZKY, A. (org.). **Estudos geossociolinguísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.
- RAZKY, A. *et al.* **Estudos II: geossociolinguística no estado do Pará**. Belém: EDUMA, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**. São Paulo: Pontes, 2017.

RAZKY, A. (Org.). **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

\_\_\_\_\_. **Estudos geo-sociolingüísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

RAZKY, A. A dimensão sociodialetoal do léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Signum**: estudos linguísticos, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. **Lenguaje** (Universidad del Valle), v. 32, 2010, p. 313-330.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolingüístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org.). **A geolingüística no Brasil**: Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

RAZKY, A.; GUEDES, R. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. **Revista Géolinguistique**. n. 15-2015. Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ. Grenoble Alpes, 2015.

RAZKY, A.; SANCHES, R. Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas capitais brasileiras. **Gragoatá**, Niterói, n.40, p. 70-89, 1.sem. 2016.

RONA, J. P. **The Social Dimension of Dialectology**. IJSL, 1976.

ROSSI, N. (et al.). **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. São Paulo: Ixtlan, 2016.

SANCHES, R. **Variação Lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

SCHMIDT, S.; GABRIEL, E. Gambá: *Didelphis albiventris* (Lund, 1840) - (White-eared opossum). In: **Escola do Meio Ambiente Com Vida** [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

SILVA-COSTA, D. de S.; ISQUERDO, A. N. Um estudo etnolinguístico de designativos para “gambá” no Brasil Central: contribuições do Projeto ALiB. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (2): p. 779-792, maio-ago, 2012.

ZÁGARI, M. *et al.* **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

## 3

---

## Instrumentos metodológicos de estudos geolinguísticos da Região Norte do Brasil

Bryana Connie Linda Lopes Batista

### Introdução

Os recursos tecnológicos têm avançado e colaborado para as diversas áreas científicas, inclusive a Linguística, que conta com esses instrumentos em suas perspectivas teórico-metodológicas. Um dos exemplos disso são os estudos dialetais que procuram aprimorar suas técnicas de registro de informações e visualização de dados, conforme o avanço da tecnologia. A partir dessa perspectiva, é possível contar com gravadores digitais, aparelhos celulares, computadores, programas e *softwares* que permitem uma maior compreensão da diversidade linguística encontrada no Brasil e no mundo.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil é dividido em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul. Para essa pesquisa foi escolhida a região Norte, composta de sete Estados: Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Pará e Tocantins.

Deste modo, este capítulo possui dois objetivos: identificar e apresentar os principais meios de registro de informações e ferramentas para elaboração de cartas linguísticas<sup>1</sup>, nos estudos geolinguísticos realizados na região Norte do Brasil. A seguir, faz-se um breve comentário sobre a trajetória da Geolinguística.

### Geolinguística

No primeiro momento, a Dialetoлогия teve interesse na relação língua-espaco. No entanto, devido ao avanço da Sociolinguística, a qual aborda sobre a relação de língua-sociedade, os estudos dialetológicos passaram a ter novas dimensões (idade, escolaridade, sexo) e alcançou um caráter pluridimensional (CARDOSO, 2010; THUN, 2000). Sendo assim, o objetivo em caracterizar espaços conforme sua distribuição dialetal abarcou novas variáveis que pudessem explicar de maneira mais ampla a variação linguística, pois, desde o início, a Dialetoлогия e a Sociolinguística reconheceram a existência de uma heterogeneidade linguística (CARDOSO, 2010).

A geografia linguística, conhecida por geolinguística, é “o método por excelência da dialetoлогия e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” (CARDOSO, 2010, p. 46). Atualmente, a perspectiva diatópica dos primeiros estudos dialetais vem sendo acompanhada da perspectiva social, que contempla a idade, o gênero, a escolaridade, entre outros fatores extralinguísticos. Desta forma, a aplicação do método geolinguístico fundamenta-se em um tripé básico: rede de pontos, os informantes e os questionários, conforme a perspectiva adotada (CARDOSO, 2010).

Os estudos geolinguísticos são concebidos no século XIX com dois marcos principais: o primeiro realizado por Georg Wenker, que levantou dados sobre a realidade

---

<sup>1</sup> Cartas ou mapas linguísticos correspondem à apresentação de dados linguísticos em base cartográfica que deve conter sistema de referência e de projeção (CARDOSO, 2010, p. 198).

linguística alemã, permitindo a intercomparação de dados; e o segundo com a recolha sistemática, de Jules Gilliéron, para a elaboração do *Atlas Linguistique de la France*, publicado de 1902 a 1910. De acordo com Cardoso (2010, p. 44), a obra de Gilliéron “teve o mérito de marcar o início da aplicação do método da geografia linguística com o rigor científico”. Portanto, a partir deste trabalho, a área começou a ganhar destaque nos estudos dialetológicos.

No Brasil, os estudos dialetais iniciaram com a contribuição de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi, em 1826. Seu destaque deve-se ao breve estudo que diferenciava o Português falado no Brasil e em Portugal, no nível lexical e semântico. Somente a partir de meados do século XX que a Dialetoлогия passou a se consolidar no Brasil, por meio da concretização de atlas regionais e do desejo em produzir um atlas linguístico nacional, tendo por base a metodologia da geolinguística. A seguir, apresenta-se o modo como as primeiras informações eram registradas e como elas alcançaram outros níveis, devido à tecnologia oferecida atualmente.

### Registro das informações

Nas primeiras pesquisas, observa-se o registro dos dados feito de duas formas: no trabalho de Wenker, por meio do preenchimento de um questionário enviado aos professores alemães, para que pudessem passar as frases em alemão para o dialeto local. Já no atlas produzido por Gilliéron apresenta-se uma pesquisa *in loco*, realizada por Edmond Edmont, o único inquiridor que percorreu 639 localidades, durante quatro anos. Após a aplicação de um questionário de palavras isoladas e algumas frases, as respostas eram transcritas imediatamente.

A esse respeito, Brandão (1991, p. 37) declara que

[...] a maioria dos atlas linguísticos registra formas que foram transcritas, foneticamente, pelo documentador em cadernos de respostas, no momento mesmo da entrevista. No entanto, hoje, quando se conta com gravadores portáteis, bastante sensíveis e confiáveis, convém registrar a fala dos informantes em fitas magnetofônicas. As vantagens desse procedimento são óbvias: evita-se o registro impressionista, subjetivo, ditado, muitas vezes, pelo cansaço do documentador.

Dessa forma, é possível ver a colaboração dos recursos tecnológicos para as pesquisas dialetais, já que em 1960, por exemplo, não havia possibilidades de gravar entrevistas, exatamente porque não existiam gravadores portáteis para esse tipo de uso. Entretanto, atualmente, dispõe-se de vários modelos e aparelhos, desde os que utilizam fitas cassetes até os que usam *mini-disc* ou os MP's e IPod's, de diferentes gerações (CARDOSO, 2010). Portanto, os avanços tecnológicos têm colaborado com a produção de diversos tipos de gravadores que proporcionam agilidade e segurança no momento das entrevistas. No tópico seguinte, verifica-se a adequação da cartografia dos dados, conforme a demanda dos estudos geolinguísticos.

### Cartografia dos dados

Após o inquérito e organização do material linguístico, a cartografia dos dados é o passo posterior. Sendo assim, os resultados são cartografados de diferentes formas e podem ser encontrados em atlas de primeira, segunda e terceira geração. Os de primeira geração contemplam somente a distribuição diatópica e não trazem interpretação das cartas; os atlas de segunda geração trazem algumas análises em suas cartas; e os atlas de terceira geração tratam:

[...] da introdução dos dados “vivos”, isto é, da possibilidade de audição e captação das falas referidas e documentadas pela cartografia. São os denominados “atlas parlants”. Diferenciados programas vêm permitindo a execução desse tipo de apresentação de dados. Nessa linha, e para dar exemplo entre nós, temos o Atlas Linguístico sonoro do Pará (RAZKY, 2004, *apud* CARDOSO, p.78, 2010).

Além disso, devido ao cruzamento dos dados diatópicos e sociais, foi necessário rever as maneiras de expor esses resultados obtidos pela Dialetologia Pluridimensional. Cardoso (2010, p. 64) afirma que “a moderna cartografia tende, pois descobrir caminhos que permitam não só apresentar os dados coletados, mas a interpretá-los”. Diante disso, é necessário que haja cartas que permitam ver os fenômenos linguísticos de uma forma mais clara, e para isto, o uso das ferramentas tecnológicas é fundamental.

## Metodologia

Esta pesquisa é de abordagem quantitativa, realizada a partir de um levantamento bibliográfico das pesquisas geolinguísticas realizadas na região Norte e publicadas em forma de dissertações, teses ou artigos científicos, em plataforma digital ou impressa.

Foram utilizados como fontes de pesquisa os catálogos *online* das bibliotecas e os repositórios com produções científicas das universidades de cada Estado da região Norte, disponíveis na plataforma digital. Além disso, foram encontrados artigos *online* que descreviam o tipo de gravador e a ferramenta computacional utilizada para a elaboração das cartas linguísticas das pesquisas encontradas.

Como critérios de seleção para fazer parte deste banco de dados, a pesquisa deveria ser de cunho geolinguístico, possuir dados autorais e ter sido realizada em um dos Estados da região Norte. Sendo assim, não poderia ser uma análise de dados de outro projeto, como o Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, por exemplo. A seguir, serão apresentados os resultados deste estudo.

## Apresentação dos resultados

Os resultados da pesquisa estão disponíveis em forma de tabelas e em gráficos produzidos no programa *Excel*. Após o levantamento bibliográfico realizado, foram encontradas 19 pesquisas de cunho geolinguístico/geossociolinguístico, distribuídas no quadro 1, a seguir:

**Quadro 01** - Pesquisas geolinguísticas/geossociolinguísticas da região norte

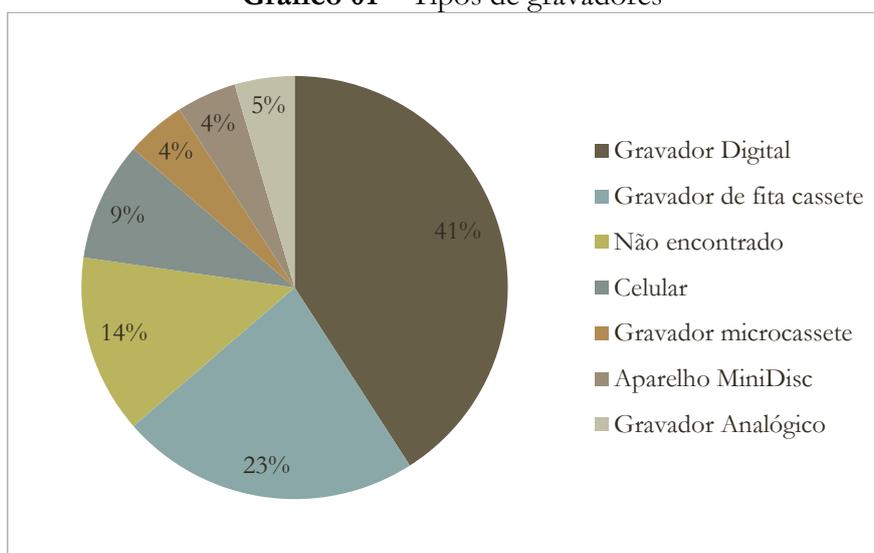
1	Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO
2	Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA
3	Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN
4	Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM
5	Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC
6	Atlas Linguístico do Amapá – ALAP
7	Atlas Linguístico do Amazonas – UFAM
8	Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA
9	Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALiTTETO)
10	Variação Lexical e Fonética na Ilha do Marajó
11	Variação Lexical em Seis Municípios da Mesorregião Sudeste Paraense
12	O falar do "caboco" paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas/PA)
13	A realização das variantes palatais / ʎ / e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (Parte do médio Amazonas)

14	Um perfil lexical do português falado em Comunidades Quilombolas em Barreirinha (AM): Um estudo dialetológico/ volume II
15	A realização fonética do /s/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá
16	Variação Lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá
17	Estudo Geossociolinguístico da Variação Lexical na Zona Rural do Estado do Pará
18	Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: Um estudo Sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)
19	Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante disso, o primeiro aspecto a ser analisado são os tipos de gravadores utilizados nas pesquisas selecionadas, os quais estão distribuídos no gráfico 1, a seguir:

**Gráfico 01 – Tipos de gravadores**



Fonte: Elaborada pela autora.

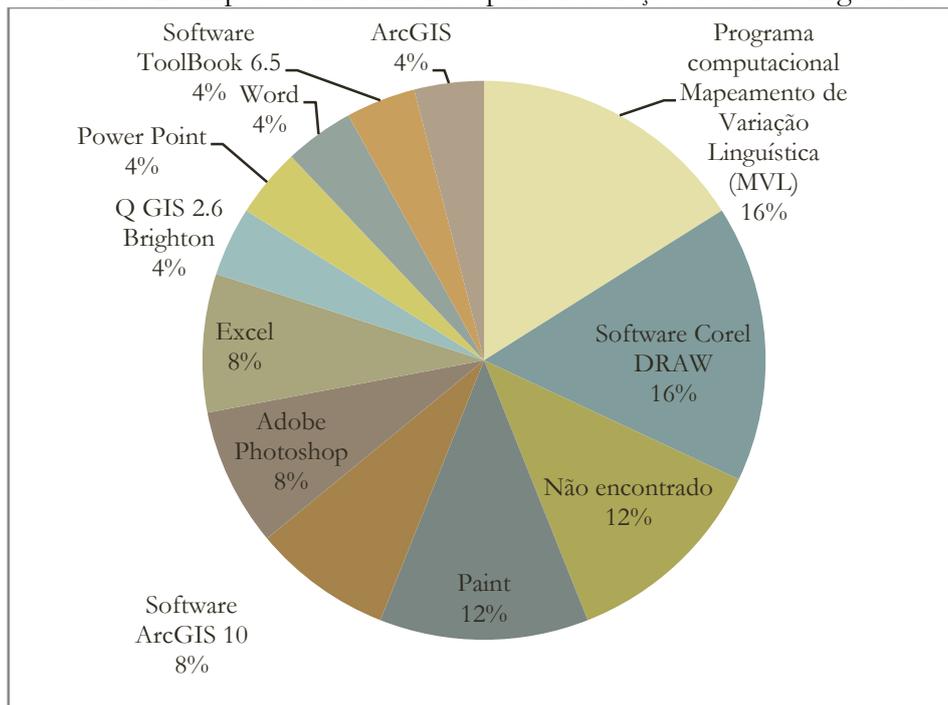
De acordo com o gráfico acima, observa-se que o Gravador digital possui adesão de 41% dos trabalhos publicados, seguido de 23% do uso de gravador de fita cassete, 9% de uso do aparelho celular, 5% do gravador analógico e 4% do aparelho Mini-Disc e gravador analógico. Além disso, muitas pesquisas não descreveram o tipo de gravador utilizado, representando 14% do gráfico.

O resultado acima é efeito do avanço tecnológico, já que o gravador de fita cassete é um dispositivo criado pela Philips, em 1963, mas substituído pelos gravadores digitais portáteis, que permitem maior velocidade, agilidade, duração e melhor armazenamento de dados, através do computador. Apesar de parecerem arcaicos, diante de tanta tecnologia disponível no mercado, é necessário esclarecer que os primeiros gravadores de voz foram revolucionários para a sua época.

Vale salientar que no início da aplicação do método da geolinguística, o registro das informações fornecidas por meio dos questionários era manual e a tecnologia proporcionou agilidade tanto na coleta quanto no armazenamento de dados, como foi observado em alguns trabalhos selecionados. No entanto, é sugerido ao inquiridor que utilize dois gravadores, para evitar problemas na hora da entrevista.

Quanto à cartografia dos dados, observam-se os tipos de ferramentas utilizadas nas pesquisas realizadas na região Norte, no gráfico 2 a seguir:

**Gráfico 02** - Tipos de instrumentos para elaboração de cartas linguísticas



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o gráfico acima, entre as pesquisas selecionadas, 18% utiliza o Programa Computacional Mapeamento de Variação Linguística, desenvolvido para a elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas (2004) e utilizado nos outros atlas desenvolvidos no Amazonas, sob orientação da Professora Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.

Além deste programa, o gráfico mostra que 17% dos trabalhos utilizaram o *software CorelDRAW*, o qual permite edição de imagens, gráficos, fotos e sites, por meio de um suporte computacional. O gráfico também apresenta 9% dos trabalhos que utilizaram *Adobe Photoshop*, que é um editor de fotos, imagens, ilustrações 3D, entre outros e o *Software ArcGIS 10*, que trabalha com a criação de mapas, edição, visualização e análise geográfica. Apenas 4% dos trabalhos utilizaram o *QGIS 2.6 Brighton*, que é um *software* aberto de Sistema de Informações Geográficas (GIS) amplamente utilizado no mundo inteiro.

Além dos programas e *softwares* destacados acima, observa-se o uso dos aplicativos disponíveis no pacote do *Microsoft Office*, como o *Excel* (9%), *PowerPoint* (4%) e *Word* (4%) e o *software Paint* (4%), incluso no sistema operacional *Windows*, que também é utilizado para criação e edição de imagens. Por fim, apresenta-se 13% de “não encontrado”, que representam os trabalhos que não descreveram a ferramenta utilizada para elaboração das cartas linguísticas da sua referida pesquisa.

### Considerações finais

Diante dos resultados, foi possível apreciar a disponibilidade dos recursos tecnológicos e de sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos dialetais. Os resultados apontam para estudos que têm buscado ferramentas atuais, tanto de registro de informações quanto de elaboração de cartas linguísticas. Uma das dificuldades enfrentadas foi encontrar a descrição desses instrumentos na metodologia, ou até mesmo, a publicação desses resultados. Observa-se a citação dos trabalhos em outras pesquisas, mas não é possível encontrá-los na plataforma digital e/ou impressa, fato este que pode evidenciar uma gama maior de pesquisas a serem averiguadas.

Outros trabalhos encontrados, de cunho geolinguístico, realizados na região, eram análises de dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e por isso foram descartados, pois esta pesquisa tinha por objetivo buscar as ferramentas que estavam sendo usadas nas pesquisas da região Norte, a fim de se obter um panorama dos recursos utilizados atualmente. Portanto, ainda há muito a ser avaliado não só na região Norte, mas em todo o país, para que os dados possam ser consultados por todos, nos diversos meios proporcionados pela tecnologia.

## Referências

AZEVEDO, O. da S. **Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.

BARBOSA, Q. M. R. de O. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem). Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2013.

BARROS, C. P. **O falar do “caboco” paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas-PA)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BRITO, R. de M. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

DIAS, M. P.; OLIVEIRA, M. B. de. Distribuição Geossociolinguística do Item Lexical “Corcunda” nos dados do Atlas Geossociolinguístico Quilombola Do Nordeste Do Pará (AGQUINPA): Imagens Preliminares. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 6, p. 001-017, 2015.

GOMES, E. de F. **Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste do Pará**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

GUEDES, R. J. da C. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mapas Regionais**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/cartas-e>

mapas/mapas-regionais/10861-mapas-regionais.html?=&t=downloads>. Acesso 19 de novembro de 2017.

JUSTINIANO, J. dos S. **Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

MAIA, E. G. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. Dissertação de (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, UFAM, 2012.

MARTINS, A. F. C. **Variação Lexical e Fonética na Ilha do Marajó**. Revista Científica da UFPA - Vol 4. Abril, 2004. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/rcientifica/ed\\_anteriores/pdf/ed\\_04\\_afcm.pdf](http://www.ufpa.br/rcientifica/ed_anteriores/pdf/ed_04_afcm.pdf)>. Acesso 19 de novembro de 2017.

KARLBERG, L. G. L. **Atlas etnolinguístico do Acre – ALAC: fronteiras léxicas**. Rio Branco: Edufac, 2018.

PRATES, I. **Disponível para download nova versão do software livre QGIS**. Disponível em: <<http://mundogeo.com/blog/2014/11/04/disponivel-para-download-nova-versao-do-software-livre-qlgis/>>. Acesso 19 de novembro de 2017.

RAZKY, A. Atlas linguístico sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de corpus geolinguístico. *In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org).* **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **O projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual**. Alfa, rev. Linguística. vol.61, n.2, pp. 303-317, 2017.

SANCHES, R. D. **Variação lexical nos dados do projeto atlas geossociolinguístico do Amapá**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

SILVA, G. A. da; AGUILERA, V. A. Proposta de rede de pontos para o Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALITETO): implicações metodológicas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 244-275, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/10947/9655>>. Acesso 19 de novembro de 2017.

TELES, I. M. Falares e aspectos culturais de Rondônia: a importância de estudos sociolinguísticos, fonéticos e dialetológicos. **Revista Signum: Estudos da Linguagem**. vol. 12.2, Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4201/4610>. Acesso 19 de novembro de 2017.

THUN, H. Introduction à la table ronde. *In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE RAMANES*, 22, 1998, Bruxelas. **Actes**, vol. 3. Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 407-409.

TORRES, F. G. L. **A realização das variantes palatais /λ/ e /ç/ nos Municípios de Itapiranga e Silves (Parte do Médio Amazonas)**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

## 4

## Análise comparativa do Português Brasileiro falado em São Luís e em Belém: uma abordagem geoprosódica

Brayna Conceição dos Santos Cardoso  
Regina Célia Fernandes Cruz

### Introdução

Este estudo visa um mapeamento geoprosódico das variedades do português brasileiro falado em São Luís do Maranhão e Belém do Pará, fazendo parte das ações do Projeto AMPER Amazônia<sup>1</sup>.

A motivação principal para a realização deste estudo surge devido o Projeto AMPER Amazônia possuir como frente de atuação mapear a influência açoriana nos dialetos da Amazônia brasileira, a nível prosódico. Logo, as variedades de São Luís e Belém deveriam obrigatoriamente ser contempladas, uma vez que se trata de variedades de formação do início do período colonial e por possuírem forte vínculo histórico, formando um estado independente.

A colonização de São Luís pelos portugueses foi datada de 1615 e logo após em 1616 ocorreu a fundação de Santa Maria de Belém do Grão Pará. Em 1621 foi formado o Estado do Maranhão ao norte, com capital em São Luís, incluindo a capitania do Grão Pará, com vistas a assegurar a posse do território e promover o desenvolvimento. No período de 1654, formou-se o Estado do Maranhão e Grão Pará, com a capital permanecendo em São Luís e em 1751, o estado passou a ser chamado de Estado do Grão Pará e Maranhão, com a capital transferida para Belém, a fim de garantir a dominação portuguesa em todo território. Esses aspectos históricos conferem as variedades evidenciadas um movimento colonizatório em comum.

O trabalho ora proposto prevê uma análise comparativa interdialetoal entre os dialetos de mesma origem de formação, com a finalidade de delinear o grau de influência açoriana nas variedades faladas em São Luís e Belém.

O ineditismo desse estudo se dá por realizar o controle de todos os parâmetros acústicos previstos pelo protocolo do projeto AMPER-POR, a saber F0, duração e intensidade. Também pelo fato de não existirem pesquisas comparativas entre as variedades dialetais alvo, a fim de delinear o grau de influência açoriana, por meio de análises acústicas.

A partir da motivação principal foram formuladas algumas perguntas e hipóteses a serem respondidas durante o percurso desse estudo, a saber, o padrão entoacional seria o mesmo para as variedades de São Luís e Belém; os parâmetros físicos de F0, duração e intensidade são fatores determinantes para atestar semelhanças entre as variedades de São Luís e Belém.

Como forma de esboçar um panorama geral do que será exposto, o texto é estruturado em três seções, nas quais são apresentados os conteúdos abordados neste

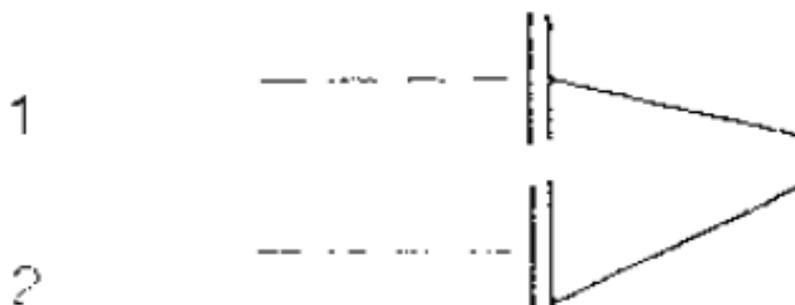
<sup>1</sup> Denomina-se de AMPER Amazônia a equipe de trabalho vinculada ao projeto AMPER-POR sedida na UFPA e cujas ações são oficializadas pelo projeto de Pesquisa Mapeamento da Variação Regional do PB na Amazônia: do nível segmental ao textual (portaria ILC/UFPA nº 027/2018), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/CNPq).

estudo. A seção 1 aborda o Panorama Geoprosódico do Português Brasileiro, de acordo com suas concepções, métodos e contribuições aos estudos prosódicos; a seção 2 detalha os procedimentos metodológicos, com a descrição da coleta de campo e do tratamento dos dados; a seção 3 apresenta a análise comparativa dos dados de São Luís e Belém, por meio dos parâmetros físicos de F0, duração e intensidade. As reflexões resultantes do estudo culminam nas conclusões aqui tecidas, comprovando que F0, duração e intensidade são parâmetros determinantes para a caracterização prosódica das variedades faladas em São Luís (MA) e Belém (PA). Em seguida, apresentam-se as Referências, que embasam o estudo realizado.

### Panorama geoprosódico do Português Brasileiro

Uma das primeiras descrições prosódicas do PB foi o estudo de Cagliari (1981), compreendendo análises segmentais e suprasegmentais. No que concerne à análise prosódica, o pesquisador aplicou o modelo de Halliday (1970), na descrição do sistema entoacional do PB tomando como base a variedade paulista. Cinco níveis de altura tonal foram estabelecidos, a saber: alto, meio-alto, médio, meio-baixo e baixo, para dar conta das variações significativas do sistema entoacional do PB. Conforme a análise das sentenças, no que tange a retirada de medidas da variação fundamental do som na sílaba tônica saliente, os resultados apontaram que, para uma sentença declarativa neutra há um tom que começa na altura média da sílaba tônica saliente e termina em um nível mais baixo, em geral, no nível baixo da pauta acentual e para uma sentença interrogativa ocorre uma curva melódica que sobe a partir do valor melódico da sílaba tônica saliente (cf. figura 1).

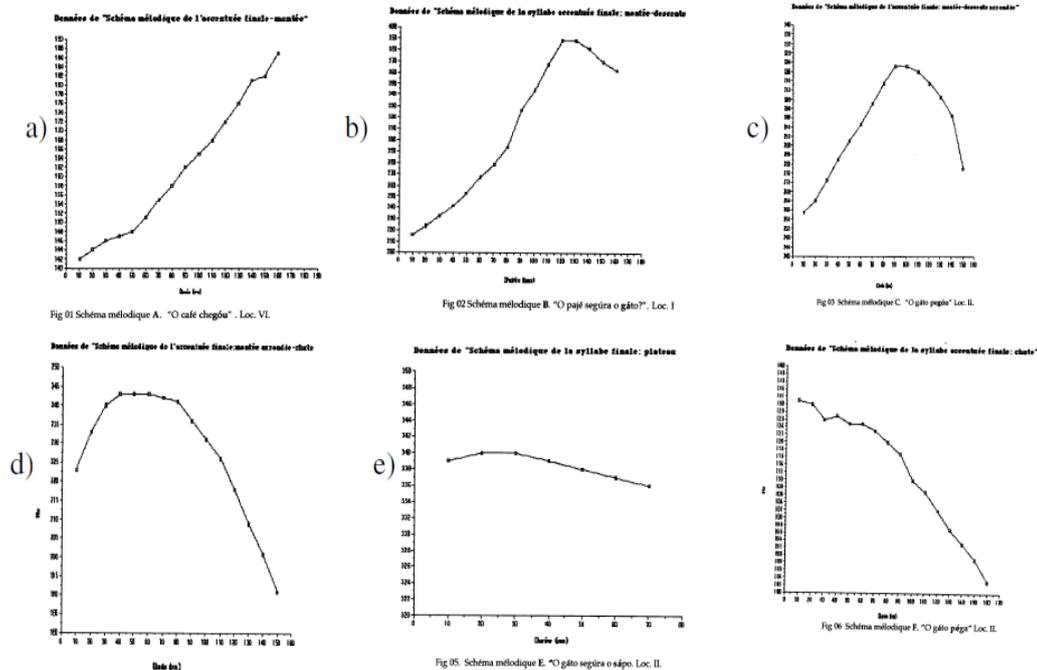
**Figura 01** – Padrão declarativo e interrogativo



Fonte: Cagliari (1981, p. 182)

Reis (1984, 1995) tratou sobre os aspectos entoacionais da variedade de Belo Horizonte, em sentenças declarativas neutras e interrogativas totais, com objetivo de comparar a relação entre o ritmo, a entonação e o acento. O padrão encontrado para as sentenças declarativas, no caso de F0, constou de uma subida inicial, na primeira tônica do enunciado ou na postônica adjacente, que pode ser seguida por outras pequenas subidas nas demais tônicas do enunciado; uma queda brusca de frequência na última tônica do enunciado (tônica nuclear), que se estendeu às sílabas seguintes, em caso de ocorrência. Para as interrogativas totais, o pesquisador encontrou seis tipos de movimentos melódicos na sílaba acentuada final, denominados como movimento claramente ascendente; movimento ascendente terminado por uma inclinação descendente de importância variável (aparecendo geralmente em átonas seguintes baixas); um contorno que sobe, estabiliza e desce; um contorno que sobe um pouco, estabiliza e desce até o fim; um movimento mais ou menos nivelado e um movimento descendente. Conforme se observa na figura 2.

**Figura 02 – Movimentos melódicos das sentenças interrogativas totais**



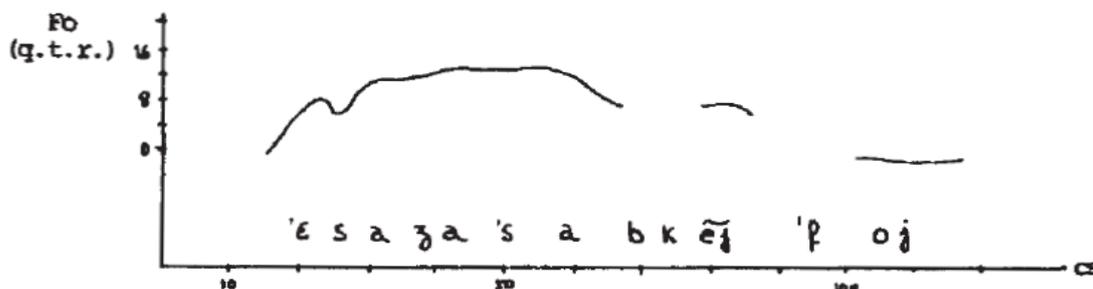
Fonte: Reis (1995, p. 352-357)

A diferença entre a declarativa neutra e a interrogativa total decorreu da F0 intersilábica, na interrogativa houve um intervalo positivo com a tônica final mais alta que a pretônica e na declarativa o intervalo foi negativo com a tônica final mais baixa que a pretônica. Na tônica final, a interrogativa realizou movimentos maiores que as declarativas. Quanto à duração, a declarativa obteve realização mais longa que a interrogativa. No que tange a intensidade, na interrogativa, os valores não diminuíram desde o início da frase como ocorreu na declarativa.

Moraes (1984, 1993) pesquisou a entoação modal tomando como base a variedade carioca. Os tipos de enunciados analisados foram a asserção, questão total, questão parcial com morfema interrogativo em posição inicial e final, pedido de confirmação de questão precedente, questão parcial repetida com morfema interrogativo em posição inicial e final, questão disjuntiva, asserção disjuntiva, ordem e pedido, com fins de investigar a configuração geral da curva de frequência fundamental; os níveis melódicos médios de certas sílabas-chaves; a forma das curvas sobre essas sílabas; a evolução da intensidade na última sílaba tônica e a localização do pico de intensidade do enunciado e a duração vocálica da última sílaba tônica, assim como a localização da mais longa duração vocálica do enunciado.

No que concerne a F0, a declarativa apresentou o ataque em um nível médio-baixo, com uma leve ascensão na pretônica e com a sílaba tônica final em um nível baixo, o mais baixo de todo o enunciado, em caso de produção da postônica final, estas mantiveram-se em um nível mais baixo, conforme a figura 3.

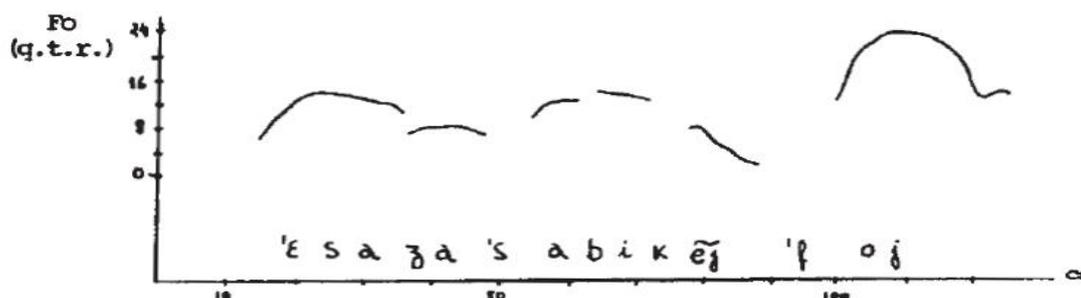
**Figura 03 – Padrão declarativo**



Fonte: Moraes (1993, p. 104)

Quanto à interrogativa total, o ataque foi um tanto superior ao ataque da declarativa, a pretônica apresentou-se em um nível mais baixo que a do padrão declarativo e a tônica final fez um amplo movimento ascendente, em caso da existência de postônica ocorreu o movimento de queda na porção final da sílaba. O contorno encontrado para a interrogativa foi composto por uma configuração circunflexa final, cujo pico alinhou-se à direita da tônica e os níveis baixos associaram-se às átonas adjacentes a essa sílaba. Vários estudos posteriores também comprovaram a existência do padrão circunflexo em outras variedades do PB. Conferir figura 4.

**Figura 04 – Padrão interrogativo**



Fonte: Moraes (1993, p. 104)

A duração apresentou um alongamento maior na vogal tônica final da frase interrogativa quando comparada com a frase declarativa.

Já a intensidade, na frase interrogativa constou de um aumento no final do enunciado ao contrastar com uma frase declarativa. Contudo, a última sílaba tônica não foi menos intensa que as demais tônicas.

O autor sintetizou as considerações inerentes aos parâmetros entoacionais, no seguinte quadro.

**Quadro 01 – Síntese dos parâmetros entoacionais**

Parâmetros \ Modalidades	Asserção	Pedido de confirmação
Níveis	/B+B/	/B+A/
forma sobre a última sílaba tônica ou acentuada	\	/
intensidade final	-	+
duração final	-	+
contexto (existência de um contexto precedente)	+	+

Fonte: Moraes (1984, p. 435, adaptado).

Cunha (2000) em seus estudos sobre Entoação Regional no Português do Brasil descreveu a variação de F0, duração e intensidade, das modalidades assertivas e interrogativas nas variedades faladas em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Para a caracterização dos padrões entoacionais, no contexto final dos enunciados, dados do falar carioca e baiano foram explorados. No que concerne ao padrão assertivo, na variedade do Rio de Janeiro, os dados tanto de fala espontânea quanto de leitura mostraram uma sílaba pretônica baixa, seguida de uma pretônica alta e uma tônica baixa. Na fala de Salvador ocorreu um movimento ascendente de uma pretônica até a outra, com movimento descendente da tônica até a postônica.

O padrão interrogativo foi verificado, apenas no *corpus* de leitura, evidenciando uma sílaba pretônica alta, seguida de uma pretônica baixa, uma tônica alta e uma postônica baixa, para as variedades do Rio de Janeiro e Salvador.

De modo geral, na análise comparativa, a pesquisadora obteve os seguintes resultados: as variedades de Recife e Salvador atribuíram maior destaque às sílabas pretônicas, marcando uma maior frequência, maior intensidade e duração pouco inferior a sílaba tônica (especialmente em Salvador); a variedade de Porto Alegre apontou um valor elevado de F0 na sílaba tônica, bem como uma maior duração e intensidade; as falas das variedades do Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram características que ora se assemelharam a fala do Nordeste e ora se assemelharam a fala de Porto Alegre. O quadro a seguir sintetiza o resultado apresentado.

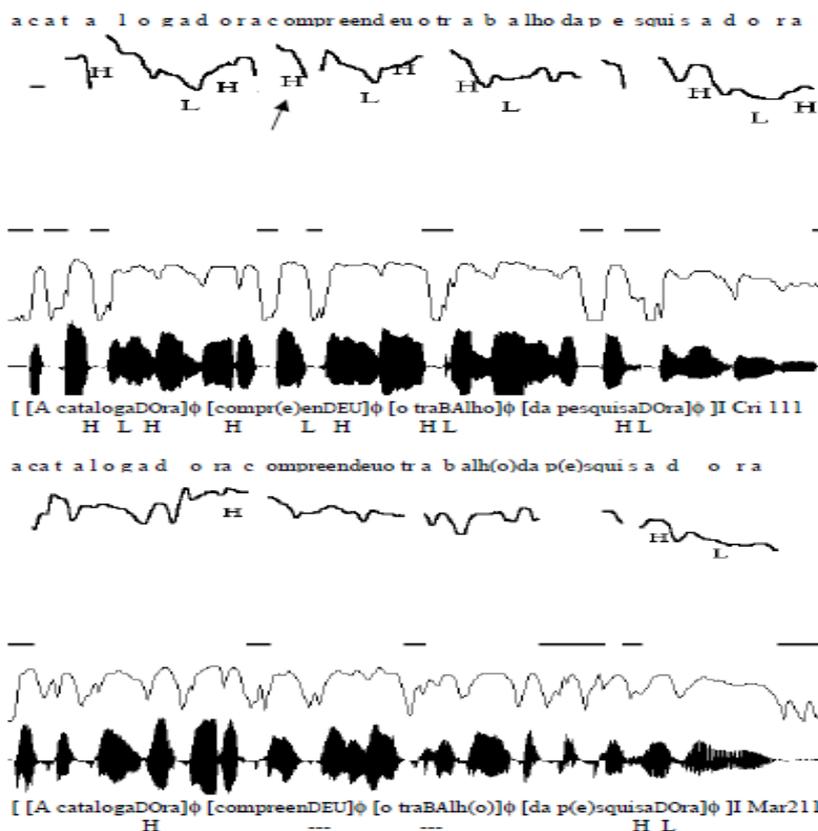
**Quadro 02** – Síntese da oposição prosódica entre as variedades analisadas com relação aos parâmetros acústicos mais relevantes para a determinação das proeminências silábicas

		<b>Proeminência nas sílabas pretônicas</b>	<b>Proeminência na sílaba tônica</b>
<b>Fator determinante da proeminência:</b>	<b>Duração</b>	RE / SSA	RJ / SP / POA
	<b>Frequência Fundamental</b>	RE / SSA / RJ / SP	POA
	<b>Intensidade</b>	RE / SSA	RJ / SP / POA

Fonte: Cunha (2000, p. 74)

No que concerne ao Português, Frota; Vigário (2000) confrontaram a variedade dialetal do PB e PE em seus estudos sobre os aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação. A pesquisa deteve-se aos enunciados declarativos neutros, com nativos de São Paulo para o PB e nativos de Lisboa para o PE. O padrão encontrado no PE e no PB, para as declarativas neutras, apresentou semelhanças e diferenças, as semelhanças consistiram em um contorno nuclear descendente e as diferenças constaram de um contorno intermediário entre a subida inicial e a descida final. A seguir a figura 5 demonstra a análise entoacional comparativa dos dialetos.

**Figura 05** – Análise entoacional comparativa entre PB e PE



Fonte: Frota; Vigário (2000, p. 14)

Um dos primeiros estudos no Brasil que seguiu a metodologia do projeto AMPER-POR foi o de Nunes (2011), o qual constou de análises de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano, por meio dos parâmetros físicos de F0, duração e intensidade, a fim de encontrar as semelhanças e diferenças prosódicas dos dialetos alvo.

A pesquisadora observou que, na região de núcleo, as proeminências das curvas melódicas distinguiram as modalidades declarativas e interrogativas nos dois falares.

No parâmetro F0, para as declarativas, o alinhamento, em geral, foi à esquerda, porém a inclinação da curva foi maior para o florianopolitano do que para o lageano. Para as interrogativas, o lageano fez um alinhamento mais à direita enquanto, para o florianopolitano, foi mais medial. O quadro 4 mostra as curvas entoacionais produzidas para as modalidades declarativas e interrogativas dos dialetos.

**Quadro 03** – Padrão declarativo e interrogativo

	oxítonas	paroxítonas	proparoxítonas
Masc Fpolis sem extensão			
Masc Lages sem extensão			
Masc Fpolis c/ extensão Adj			
Masc lages c/ extensão Adj			
Masc Fpolis c/ extensão S.Pre			
Masc Lages c/ extensão S.Pre			

Fonte: Nunes (2011, p. 112)

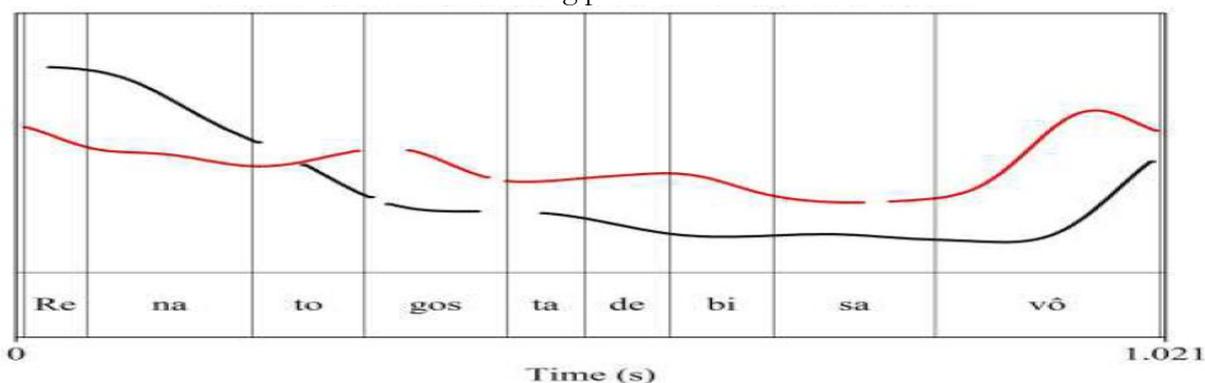
A modalidade declarativa (cor vermelha) fez um movimento descendente na tônica final e a modalidade interrogativa (cor azul) realizou um movimento ascendente, em formato circunflexo, na tônica final.

A duração, para os locutores do sexo masculino, na pauta acentual oxítona, das duas variedades apresentaram-se mais longas na modalidade interrogativa, nas pautas acentuais paroxítonas e proparoxítonas, os florianopolitanos obtiveram maior duração na modalidade interrogativa, enquanto que os lageanos manifestaram maior duração na modalidade declarativa. Os locutores do sexo feminino mostraram a seguinte distribuição temporal, as florianopolitanas exibiram maior alongamento nas tônicas interrogativas, as lageanas, nas pautas acentuais oxítonas e paroxítonas apresentaram duração maior nas interrogativas e na pauta acentual proparoxítona as durações mais longas encontraram-se nas declarativas. Os florianopolitanos também realizaram mais apagamentos do que os lageanos e isso influenciou na duração das sentenças e conseqüentemente na velocidade de fala.

No que concerne a intensidade, os locutores do sexo masculino, florianopolitanos e lageanos apresentaram maior intensidade na tônica das interrogativas onde constou o acento nuclear. As locutoras do sexo feminino mostraram as florianopolitanas realizando movimentos mais intensos nas tônicas declarativas da região núcleo e as lageanas com predominância de maior intensidade nas tônicas interrogativas da região núcleo.

Em sua tese de doutorado, Nunes (2015) estudou o comportamento melódico das sentenças interrogativas totais produzidas por catarinenses e sergipanos. O estado de Santa Catarina contemplou as variedades faladas em Blumenau, Chapecó, Florianópolis e Lages, já o estado de Sergipe elencou as variedades faladas em Aracaju, Estância e Lagarto. Os resultados mostraram as seguintes considerações, para F0, na região pré-núcleo, o ataque e a média de F0 foram mais altas na variedade sergipana quando comparada a variedade catarinense. Já a F0, na região nuclear mostrou que o desenho das curvas de F0 dos sergipanos na região da tônica se configurou abaixo da curva dos catarinenses. Conferir figura 6.

**Figura 06** – F0 da região pré-nuclear e nuclear variedades dialetais de Santa Catarina e Sergipe



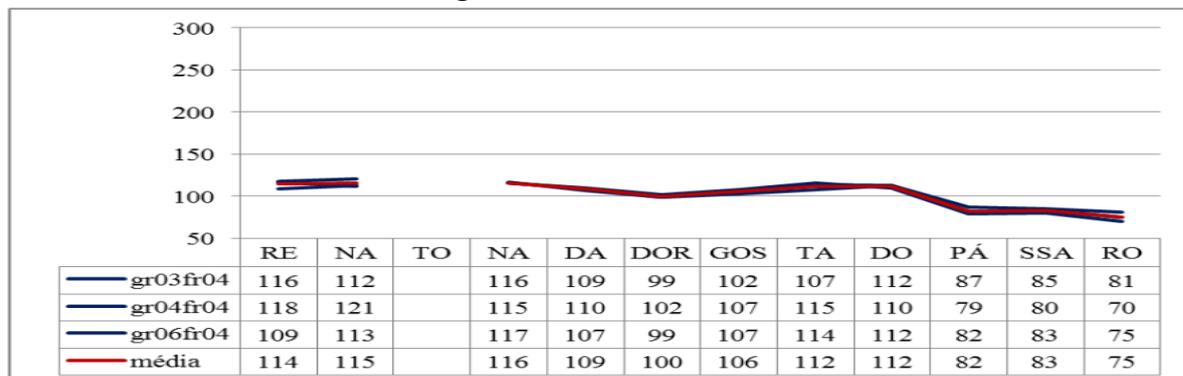
Fonte: Nunes (2015, p. 206)

No que tange à duração, a variedade catarinense apresentou valores significativamente mais altos do que a variedade sergipana.

A variedade de São Luís foi pela primeira vez contemplada num estudo prosódico em Lira (2009), a pesquisa intitulada a entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro, estudou o comportamento da frequência fundamental (F0), em frases assertivas e interrogativas, nos falares de Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza e São Luís. O trabalho seguiu a metodologia do projeto AMPER, com inserção de frases interrogativas

parciais e disjuntivas, bem como asserções correspondentes. Nos resultados das análises foi possível observar que, para o padrão assertivo, a configuração característica foi uma subida melódica moderada nas sílabas tônicas não finais, seguida de uma subida melódica mais acentuada na pretônica final e por uma descida na tônica final, permanecendo as eventuais postônicas em um nível baixo, conforme a figura 7.

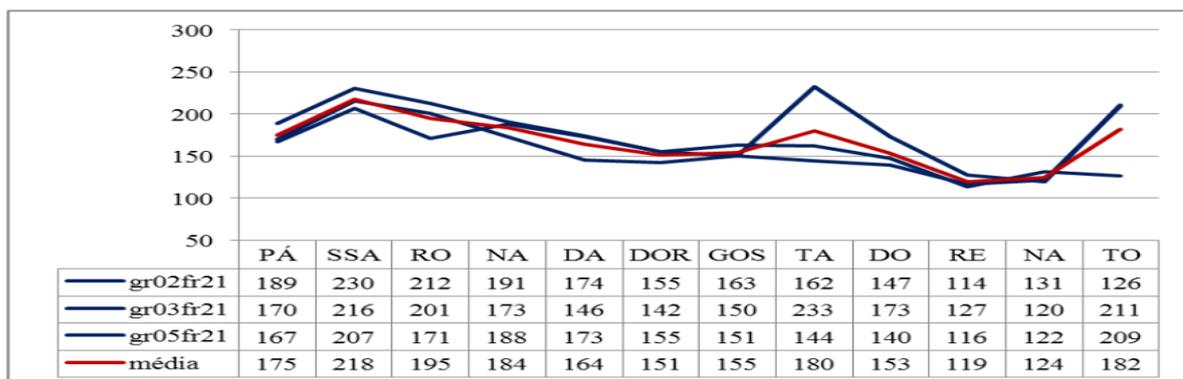
**Figura 07 – Padrão assertivo**



Fonte: Lira (2009, p. 130)

Para a interrogativa total o padrão entoacional foi realizado com a tônica final baixa, seguida de postônica alta, que prevaleceu em São Luís (cf. figura 8).

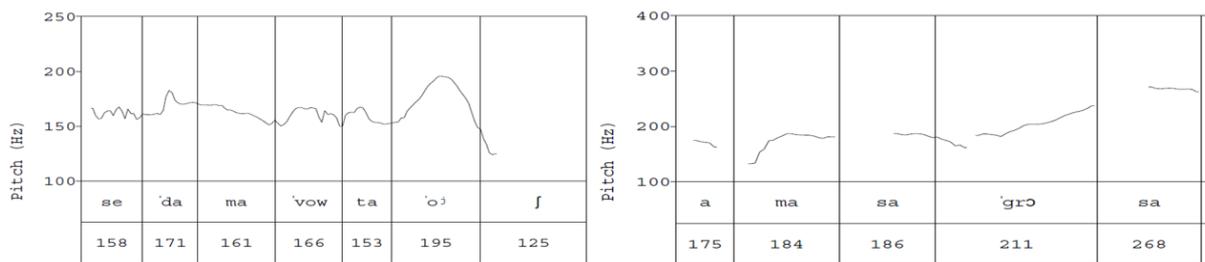
**Figura 08 – Padrão interrogativo**



Fonte: Lira (2009, p. 98)

Silva (2011) descreveu a variação regional da entoação em enunciados interrogativos do tipo questão total, em 25 capitais brasileiras, o parâmetro adotado para estudo foi a F0. Os procedimentos metodológicos adotados foram do projeto ALiB. No que tange a variedade ludovicense, a interrogativa apresentou dois tipos de contornos entoacionais, o padrão mais recorrente encontrado em São Luís foi composto por uma proeminência na primeira sílaba tônica e uma declinação contínua ao longo das sílabas tônicas que antecederam a tônica final, configurando movimento circunflexo. O outro padrão apresentou um movimento ascendente para as três últimas sílabas. Observar a figura 9.

**Figura 09 – Padrões Interrogativos**



Fonte: Silva (2011, p. 81-82)

Silvestre (2012) pesquisou a entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras, por meio do parâmetro de F0. A metodologia seguiu os moldes do projeto ALiB. Os resultados mostraram que, na capital São Luís, o padrão encontrado para a assertiva fez um tom alto na primeira sílaba tônica (acento pré-nuclear), tom este que se apresentou nas sílabas adjacentes e se encaminhou até a sílaba pretônica do acento nuclear, com movimento descendente condicionado às sílabas tônica e postônica final, ou seja, um contorno com a predominância de um padrão com acento pré-nuclear proeminente e acento nuclear descendente. Conforme a visualização expressa na figura 10.

**Figura 10 – Padrão assertivo**



Fonte: Silvestre (2012, p. 108, adaptado)

Dentre os padrões demonstrados nas pesquisas destaca-se o padrão ascendente/descendente encontrado para as sentenças declarativas neutras e o padrão circunflexo encontrado por Moraes (1984) para as sentenças interrogativas totais, uma vez que tais padrões foram evidenciados também para a variedade dialetal de São Luís e Belém, como será constatado na seção contendo a análise dos dados. Mas, antes conheceremos os procedimentos metodológicos adotados no presente estudo.

### Metodologia da pesquisa

A metodologia da pesquisa segue as etapas previstas no protocolo AMPER-POR. Este estudo consiste na seleção de dois locutores do sexo masculino, de baixa escolaridade (ensino fundamental), sendo um locutor nativo de São Luís (MA) e um locutor nativo de Belém (PA), codificados, respectivamente, em BD42 e BE02<sup>2</sup>.

Para cada variedade de fala foram selecionadas 33 sentenças para compor nossa amostra. O *corpus* apresenta sentenças contendo vocábulos das três pautas acentuais do português, a saber: oxítone (BISAVÔ, NADADOR e SALVADOR), paroxítone (RENATO, PATETA e VENEZA) e proparoxítone (PÁSSARO, BEBADO e MÔNACO), proferidas nas modalidades declarativa neutra e interrogativa total, todas contendo a mesma estrutura sintática, SVO (sujeito, verbo, objeto).

A unidade analisada encontra-se na parte nuclear da sentença, mais especificamente, no sintagma nominal final, local de maior incidência de variações significativas de F0 na caracterização do contorno entoacional das sentenças. Nunes (2015), que realizou uma comparação das variações de F0 na parte pré-nuclear e nuclear das sentenças do AMPER constatou que a parte nuclear de fato apresenta as variações de F0 mais significativas para a

<sup>2</sup> Os códigos são pré-estabelecidos pela coordenação geral do projeto AMPER-POR. B – Português Brasileiro; D – Maranhão / E – Pará; 4 – São Luís / 0 – Belém; 2 – Sexo Masculino / Ensino Fundamental.

análise prosódica. Ao todo foram analisados 396 dados (33 sentenças x 2 modalidades x 3 melhores repetições x 1 locutor x 2 variedades) submetidos ao seguinte tratamento de dados.

O tratamento de dados compreende sete etapas: i) codificação das repetições; ii) isolamento das repetições das gravações originais em arquivos individuais; iii) segmentação automática dos sinais de áudio no programa PRAAT; iv) extração das medidas acústicas dos segmentos vocálicos e das médias dos parâmetros físicos controlados; v) seleção das 3 melhores repetições; vi) normalização dos dados; vii) produção de gráficos no R. A seguir detalhamos cada etapa.

O isolamento das repetições consiste na produção de arquivos individuais das gravações originais, o procedimento é realizado no *software* PRAAT. Durante a coleta de dados, cada gravação é salva em um arquivo de áudio. wav por locutor, a partir do áudio é gerado um arquivo de transcrição, o textgrid, com os dois arquivos o isolamento de cada repetição é iniciado, para nomear os arquivos individuais utiliza-se o código do locutor, o código da sentença e o número cronológico da repetição, e o processo é finalizado salvando o novo arquivo gerado, o procedimento é realizado preservando as características da fala dos locutores.

A segmentação dos sinais de áudio no programa PRAAT é realizada por meio do script `lance_batch_easylign_V3.praat`, após a rodagem do script, as sentenças são segmentadas em cinco níveis, com transcrição de níveis ortográfico, fonético, palavras, sílabas e fones. Nessa etapa também aplica-se o *script* `correção_segmentação.praat`, a fim de ajustar as barras desalinhadas, ou seja, as fronteiras que não estão delimitando corretamente o início e o término de cada vogal presente na sentença.

A extração das medidas acústicas dos segmentos vocálicos e das médias dos parâmetros físicos controlados – F0, duração e intensidade – pelo projeto ocorre por meio da rodagem do *script* `AMPER_Textgrid2Txt_V3_boucle_DepoisEasyAlignV2.praat`, nessa etapa um nível de segmentação é acrescentado, o nível das vogais, é neste nível que incide o foco da análise, as vogais são caracterizadas em v e f, a primeira nomenclatura faz referência as vogais plenas, ou seja, vogais pronunciadas pelo locutor e a segunda referencia as vogais elididas, as vogais que não são proferidas pelo locutor.

Após as vogais v e f serem caracterizadas, automaticamente é gerado um arquivo txt com os resultados de duração, intensidade e frequência fundamental (F01, F02 e F03).

Para a seleção das três melhores repetições a espontaneidade da fala, a qualidade do sinal acústico e os valores dos parâmetros físicos controlados são fatores relevantes para a escolha.

A normalização dos dados é realizada para cada parâmetro físico, a **média de F0 (ST)** é normalizada pela variação de registro ligada ao falante, o valor da média de F0 para cada locutor é subtraída dos valores brutos; o **delta F0 (ST)** apresentando diferenças de inclinação de F0 das vogais alvo em relação às vogais precedentes, obtendo-se, portanto, o cálculo relativo ao grau de subida ou de descida de F0 em cada uma das vogais; a **duração** das unidades V-V (cf. Barbosa, 2007) calculada, e depois padronizada para tirar diferenças de ritmo do falante, expressa em z-score (cf. Campbell, 1992); a **intensidade** das vogais, expressa em decibéis (dB), é normalizada considerando a variação relativa às condições de gravação, sendo calculada uma média para cada locutor.

Por fim, o uso do software R para a geração de gráficos utilizados na análise de dados, a partir dos valores retirados dos dados normalizados.

A discussão dos resultados é feita a partir da descrição dos parâmetros de F0, duração e intensidade, com base no comportamento das três melhores repetições das 33 sentenças, com 10, 13 e 14 vogais<sup>3</sup>, produzidas no dialeto alvo, com ênfase de análise na

<sup>3</sup> Esses números fazem referência a quantidade de vogais presente no *corpus* AMPER, o *script* de segmentação em v e f é produzido para rodar exatamente o número de vogais pré-estabelecida no *corpus*.

região nuclear entoacional do sintagma nominal final das sentenças declarativas neutras e interrogativas totais.

Para análise foram construídos quatro gráficos, F0 Média, F0 Delta, Duração e Intensidade, dos quais podemos analisar a relação parâmetro físico, modalidade entoacional, pauta acentual, como veremos na próxima seção.

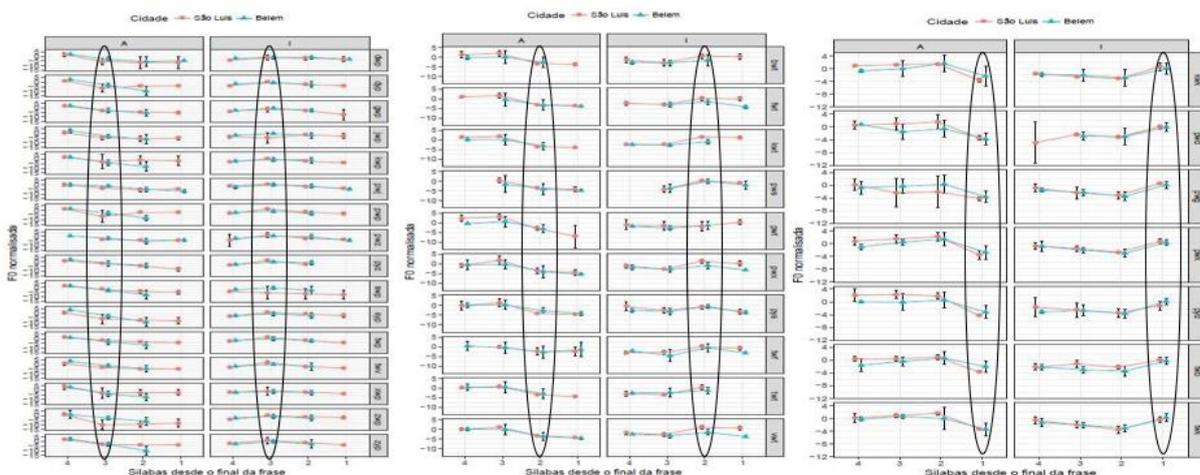
### Análise dos Dados

Demonstram-se aqui os parâmetros físicos de F0, duração e intensidade dos locutores nativos de São Luís e Belém. O principal objetivo desta análise é o de verificar se há diferenças e semelhanças prosódicas entre as sentenças declarativa neutra e interrogativa total, com ênfase na região nuclear entoacional do sintagma nominal final (SNF).

Os gráficos demonstram a variação prosódica presente nos parâmetros físicos de F0 (média e delta), duração e intensidade em relação aos falantes de São Luís (MA) e Belém (PA). Em síntese, a análise prosódica compreende o papel do parâmetro físico na discriminação da modalidade entoacional, tomando em consideração também a pauta acentual de cada vocábulo que ocupa a posição final da parte nuclear da sentença.

Após a descrição do comportamento de cada parâmetro físico, F0, duração e intensidade das variedades ludovicense e belenense é realizada uma discussão dos dados, comparando os resultados desta pesquisa com os resultados descritos na seção intitulada Panorama Geoprosódico do Português Brasileiro. A seguir é apresentado o conjunto de gráficos relativo ao parâmetro Média de F0.

**Gráfico 01** – Média de F0 em relação as variedades ludovicense e belenense



Legenda: Pauta acentual - proparoxítona (1º gráfico – à esquerda), paroxítona (2º gráfico – ao centro), oxítona (3º gráfico – à direita). Modalidade entoacional – declarativa neutra (coluna da esquerda - A), interrogativa total (coluna da direita - I). Cada nível faz referência as sentenças que compõem a amostra. Locutores do sexo masculino: variedade de São Luís - BD42/EF (vermelho) e variedade de Belém BE02/EF (azul). A elipse indica a vogal alvo analisada do SNF, de acordo com a sua respectiva pauta acentual. O espaço não preenchido no gráfico faz referência a não realização do dado.

Os resultados da média de F0 demonstraram a seguinte caracterização, na pauta acentual proparoxítona, a modalidade declarativa apresentou pico entoacional na vogal antecedente a tônica (preposição de), a tônica obteve uma queda que foi mantida até às postônicas. A modalidade interrogativa apresentou o pico entoacional na tônica, com movimentos descendentes nas postônicas.

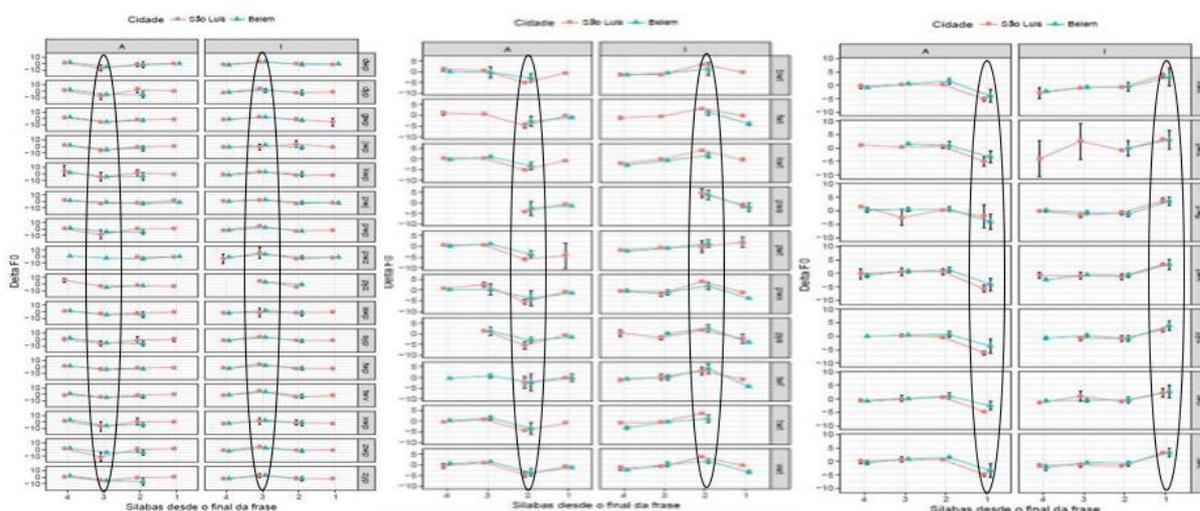
Na pauta acentual paroxítona, a modalidade declarativa apresentou pico entoacional na pretônica e movimento de queda na tônica, mantendo a descedência até a postônica. A

modalidade interrogativa indicou a realização do pico entoacional na tônica, com movimento descendente na postônica.

Na pauta acentual oxítônica, a modalidade declarativa apresentou pico entoacional na pretônica e movimento de queda na tônica. A modalidade interrogativa apresentou pico entoacional na tônica.

O conjunto de gráficos a seguir indica os resultados de Delta F0, esse tipo de análise é realizada para medir a taxa de inclinação da vogal, o contexto estudado perfaz a relação V-V, tomando-se a medida do início da vogal alvo até o início da vogal seguinte, com uma medida de subida e descida de F0 relativa a cada uma das vogais. Conferir gráfico 2.

**Gráfico 02 – Delta F0 em relação as variedades ludovicense e belenense**



Legenda: Pauta acentual - proparoxítônica (1º gráfico – à esquerda), paroxítônica (2º gráfico – ao centro), oxítônica (3º gráfico – à direita). Modalidade entoacional – declarativa neutra (coluna da esquerda - A), interrogativa total (coluna da direita - I). Cada nível faz referência as sentenças que compõem a amostra. Locutores do sexo masculino: variedade de São Luís - BD42/EF (vermelho) e variedade de Belém BE02/EF (azul). A elipse indica a vogal alvo analisada do SNF, de acordo com a sua respectiva pauta acentual. O espaço não preenchido no gráfico faz referência a não realização do dado.

Os resultados de Delta F0 apontaram uma padronização mais evidente nos dados de São Luís e Belém. Quanto a pauta acentual proparoxítônica, a modalidade declarativa indicou o pico entoacional na vogal antecedente (preposição de), com queda na tônica e ascensão nas postônicas. A modalidade interrogativa fez o pico entoacional na tônica, com movimentos descendentes e ascendentes nas postônicas.

A pauta acentual paroxítônica, modalidade declarativa mostrou a realização do pico entoacional na pretônica, com movimento descendente na tônica e ascendente na postônica. A modalidade interrogativa apresentou pico entoacional na tônica e movimento descendente na postônica.

A pauta acentual oxítônica, modalidade declarativa demonstrou o mesmo contorno entoacional para todos os locutores, o pico entoacional foi realizado na pretônica e a tônica apresentou movimento descendente. A modalidade interrogativa evidenciou o pico entoacional realizado na tônica para todos os locutores.

O padrão entoacional encontrado para a modalidade declarativa neutra mostrou um movimento ascendente na pretônica e descendente na tônica. Já na modalidade interrogativa total configurou um padrão com movimento ascendente na tônica, realizando o contorno circunflexo.

Ao comparar os resultados de F0 com os resultados presentes na literatura foram obtidas as seguintes interpretações, no que concerne as sentenças declarativas, nossos

resultados foram corroborados pelos resultados de Cagliari (1982), para a variedade de São Paulo, uma vez que em sua pesquisa constatou que para a realização de uma sentença declarativa neutra tem-se um tom que começa na altura média da sílaba tônica saliente e termina em um nível mais baixo, em geral, no nível baixo da pauta acentual.

Para a realização de uma interrogativa total o pesquisador constatou que ocorreu uma curva melódica que subiu a partir do valor melódico da sílaba tônica saliente. Nas interrogativas totais também atestamos semelhanças quanto ao padrão entocional.

Os resultados de Reis (1984, 1995) compartilharam algumas características com os dados aqui analisados, quanto ao padrão de sentenças declarativas neutras, uma vez que em seus resultados, para a variedade falada em Belo Horizonte, observou-se uma queda brusca de frequência na última tônica do enunciado (tônica nuclear), que se estendeu às sílabas seguintes, em caso de ocorrência. A exceção ocorreu nas pautas acentuais que apresentaram postônicas, a continuação do movimento descendente não ocorreu em todos os casos.

Para o padrão das sentenças interrogativas totais, o pesquisador encontrou seis tipos de movimentos melódicos na sílaba acentuada final, denominados como movimento claramente ascendente; movimento ascendente terminado por uma inclinação descendente de importância variável (aparecendo geralmente em átonas seguintes baixas); um contorno que sobe, estabiliza e desce; um contorno que sobe um pouco, estabiliza e desce até o fim; um movimento mais ou menos nivelado e um movimento descendente.

De acordo com os dados de São Luís e Belém, pode-se observar a realização de um contorno que sobe, estabiliza e desce para as proparoxítonas; um contorno que sobe um pouco, estabiliza e desce até o fim para a pauta acentual paroxítona e um contorno claramente ascendente para a pauta acentual oxítônica.

Para Moraes (1984), na variedade dialetal falada no Rio de Janeiro, a modalidade declarativa neutra apresentou o ataque em um nível médio-baixo, com uma leve ascensão na pretônica e com a sílaba tônica final em um nível baixo, o mais baixo de todo o enunciado, em caso de produção da postônica final, estas mantiveram-se em um nível mais baixo. As constações do pesquisador encontram-se em consonância com os dados obtidos, com exceção do comportamento das postônicas como descrito anteriormente.

A modalidade interrogativa total fez um amplo movimento ascendente na tônica final, em caso da existência de postônica ocorreu o movimento de queda na porção final da sílaba. O contorno encontrado para a interrogativa foi composto por uma configuração circunflexa final, cujo pico alinhou-se à direita da tônica e os níveis baixos associaram-se às átonas adjacentes a essa sílaba. Esse padrão ocorreu em todos os dados de São Luís e Belém.

Em Cunha (2000), as sentenças declarativas neutras, para a variedade do Rio de Janeiro mostraram uma pretônica baixa, seguida de uma pretônica alta e uma tônica baixa. Na fala da variedade de Salvador ocorreu um movimento ascendente de uma pretônica até a outra, com movimento descendente da tônica até a postônica. Com os resultados da pesquisadora, observou-se que o movimento descendente da tônica foi coincidente com os dados de São Luís e Belém, o padrão encontrado no Rio de Janeiro foi ocorrente na pauta acentual oxítônica, o padrão evidenciado em Salvador ocorreu em parte nos dados paroxítonos, com exceção do comportamento da postônica que apresentou movimento ascendente e na pauta acentual proparoxítona que apresentou uma postônica variável.

As sentenças interrogativas totais evidenciaram uma sílaba pretônica alta, seguida de uma pretônica baixa, uma tônica alta e uma postônica baixa. Nos dados de São Luís e Belém, a pauta acentual oxítônica apresentou pretônicas semelhantes, todas baixas, não havendo variação de movimento. As pretônicas baixas, tônicas altas e postônicas baixas, a saber, padrão circunflexo descrito por Moraes (1984) foram recorrentes em nosso *corpus*.

Frota; Vigário (2000) no que concerne ao padrão declarativo neutro, em pesquisa comparativa entre o PB e PE detectou como ponto semelhante entre as duas variedades

um contorno nuclear descendente no sintagma nominal final. Essa ocorrência foi comum aos dados dos locutores das variedades ludovicense e belenense.

Nunes (2011, 2015), no que tange a modalidade declarativa neutra, nas variedades estudadas, evidenciou a pretônica realizando um movimento ascendente e a tônica perfazendo um movimento descendente no sintagma nominal final. Os dados de São Luís também apresentaram padrão semelhante.

A pesquisadora atestou que a modalidade interrogativa total realizou um movimento ascendente, em formato circunflexo, na tônica final. Tal padrão foi recorrente nos dados da variedade ludovicense.

Lira (2009), para o padrão declarativo de São Luís apontou uma subida melódica moderada nas sílabas tônicas não finais, seguida de uma subida melódica mais acentuada na pretônica final e uma descida na tônica final, permanecendo as eventuais postônicas em um nível baixo. O padrão encontrado pelo pesquisador corrobora com nossos dados, exceto no caso das postônicas que variam entre um movimento ascendente e descendente.

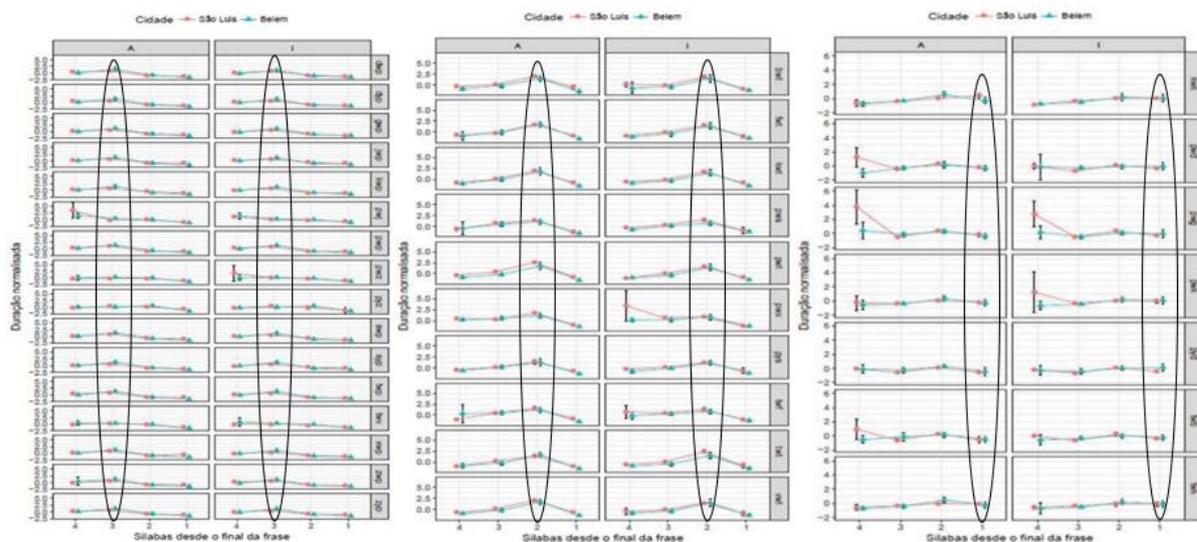
O padrão interrogativo constou de uma tônica final baixa, seguida de postônica alta. Tais resultados divergem do padrão evidenciado em São Luís e Belém.

Em Silva (2011) a interrogativa apresentou dois tipos de contornos entoacionais, o padrão mais recorrente encontrado em São Luís foi composto por uma declinação contínua ao longo das sílabas tônicas que antecederam a tônica final, configurando movimento circunflexo. O outro padrão apresentou um movimento ascendente para as três últimas sílabas. No que tange aos dados de São Luís e Belém, o padrão circunflexo foi o padrão geral.

Silvestre (2012) mostrou o padrão declarativo, na capital São Luís, perfazendo um tom alto na sílaba pretônica do acento nuclear, com movimento descendente condicionado às sílabas tônica e postônica final. A proeminência da pretônica e a descendência da tônica compartilham características comuns aos dados aqui pesquisados, com exceção da realização de postônicas com movimentos descentes, uma vez que podem variar.

Passemos agora a ver com detalhes os resultados de duração, um parâmetro que tem se mostrado de identidade entre os falares do português brasileiro investigados pelo projeto AMPER-POR (CRUZ, 2016).

**Gráfico 03 – Duração em relação as variedades ludovicense e belenense**



Legenda: Pauta acentual - proparoxítona (1º gráfico – à esquerda), paroxítona (2º gráfico – ao centro), oxítona (3º gráfico – à direita). Modalidade entoacional – declarativa neutra (coluna da esquerda - A), interrogativa total (coluna da direita - I). Cada nível faz referência as sentenças que compõem a amostra. Locutores do sexo masculino: variedade de São Luís - BD42/EF (vermelho) e variedade de Belém BE02/EF (azul). A elipse indica a vogal alvo analisada do SNF, de acordo com a sua respectiva pauta acentual.

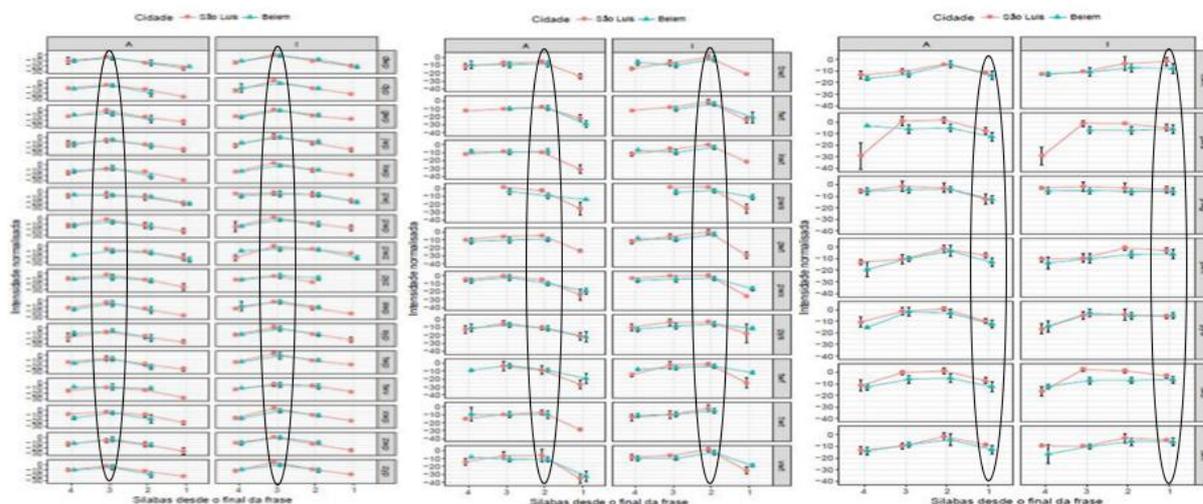
No parâmetro duração, na pauta acentual proparoxítona apresentou realizações temporais semelhantes nas sentenças das modalidades declarativa neutra e interrogativa total.

A pauta acentual paroxítona apontou o mesmo tipo de movimentação em ambas as modalidades, com as produções das sentenças tanto declarativa neutra como interrogativa total em intervalo de tempo semelhante.

A pauta acentual oxítona, as modalidades declarativa neutra e interrogativa total mostraram a realização do evento em um tempo semelhante.

Os dados demonstraram o mesmo tipo de movimentação em todas as pautas acentuais, mostrando que tanto para a modalidade declarativa neutra quanto para a modalidade interrogativa total, a realização das sentenças apresentaram um intervalo de tempo semelhante, atestando um comportamento prosódico comum. Dessa forma, ressalta-se que a duração foi um parâmetro que apresentou regularidade e padronização nos dados de dados de entoação modal. Os gráficos seguintes apontam considerações relativas ao parâmetro intensidade.

**Gráfico 04 – Intensidade em relação as variedades ludovicense e belenense**



Legenda: Pauta acentual - proparoxítona (1º gráfico – à esquerda), paroxítona (2º gráfico – ao centro), oxítona (3º gráfico – à direita). Modalidade entoacional – declarativa neutra (coluna da esquerda - A), interrogativa total (coluna da direita - I). Cada nível faz referência as sentenças que compõem a amostra. Locutores do sexo masculino: variedade de São Luís - BD42/EF (vermelho) e variedade de Belém BE02/EF (azul). A elipse indica a vogal alvo analisada do SNF, de acordo com a sua respectiva pauta acentual.

No que concerne aos gráficos de intensidade, percebe-se que São Luís e Belém apresentam o mesmo tipo de movimentação em todas as pautas acentuais. Contudo, os dados de intensidade foram irrelevantes para a caracterização modal, uma vez que apresentam resultados homogêneos em todas as pautas acentuais.

Os parâmetros de F0, duração e intensidade mostraram um padrão identitário entre os dados caracterizando-os como todos relativos a uma mesma variedade.

No que concerne à F0, a generalização do padrão entoacional da modalidade declarativa neutra constou de movimento ascendente na pretônica e descendente na tônica. Os padrões de F0 encontrados por Lira (2009) e Silvestre (2012), para a variedade ludovicense, bem como os resultados evidenciados por Cagliari (1981), Reis (1984, 1995), Moraes (1984), Cunha (2000), Frota; Vigário (2000) e Nunes (2011, 2015) para outras variedades dialetais já mapeadas no PB, corroboraram com o padrão encontrado em São Luís e Belém.

A generalização do padrão entoacional, da modalidade interrogativa total, da variedade ludovicense e belenense apontou um movimento ascendente na tônica, com a realização do contorno circunflexo descrito por Moraes (1984). Tal padrão foi corroborado também pela pesquisa de Silva (2011), para São Luís, como nas demais pesquisas de Cagliari (1982), Reis (1984, 1985), Cunha (2000) e Nunes (2011, 2015) para o PB.

Quanto à duração, as modalidades declarativa neutra e interrogativa total obtiveram um tempo de produção semelhante, atestando um comportamento prosódico comum. Ao confrontar os dados com os resultados já descritos, não encontramos resultados semelhantes.

A intensidade apontou dados irrelevantes para a distinção das modalidades declarativa neutra e interrogativa total, corroborando com o que já fora descrito no seio do projeto AMPER-POR. A seguir são apresentadas as conclusões deste trabalho.

## Conclusão

Neste trabalho, analisamos a fala de um locutor ludovicense e um locutor belenense, do sexo masculino, com escolaridade de ensino fundamental. A caracterização acústica da variedade alvo foi realizada por meio da extração de medidas físicas da fala, a saber F0, duração e intensidade. A discussão dos resultados tomou como base o comportamento das três melhores repetições de 33 sentenças, produzidas nas modalidades declarativa neutra e interrogativa total, com um número que compreendeu 10, 13 e 14 vogais passíveis de análise. Ao todo foram 396 dados analisados (33 sentenças x 2 modalidades x 3 melhores repetições x 1 locutor x 2 variedades).

O objetivo da análise incidiu sob a intenção de verificar se havia diferenças e semelhanças entre as curvas melódicas das vogais, com ênfase na região nuclear entoacional do sintagma nominal final (SNF) das sentenças declarativas neutras e interrogativas totais.

Para a F0, o padrão entoacional da modalidade declarativa neutra constou de movimento ascendente na pretônica e descendente na tônica. Na modalidade interrogativa total, o padrão entoacional das variedades ludovicense e belenense apontou um movimento ascendente na tônica, com a realização do contorno circunflexo descrito por Moraes (1984).

Quanto à duração, as modalidades declarativa neutra e interrogativa total obtiveram um tempo de produção semelhante, atestando um comportamento prosódico comum.

A intensidade não mostrou dados relevantes para a diferenciação de sentenças declarativa neutra e interrogativa total, por apresentar homogeneidade em ambas as modalidades entoacionais.

Os gráficos, no geral, no parâmetro F0, apontaram movimento ascendente/descendente para a realização de sentenças declarativas neutras e contorno circunflexo para a realização de interrogativas totais, no parâmetro duração atestaram tempo de produção semelhante tanto para a declarativa neutra quanto para a interrogativa total e no parâmetro intensidade os dados não foram relevantes para a discriminação da entoação modal.

Os dados de São Luís e Belém, até o presente momento, demonstraram indícios de um padrão prosódico identitário na variedade alvo, por meio dos três parâmetros físicos controlados, também indicaram uma possível identidade prosódica para o PB, como podemos verificar na análise comparativa realizada entre os estudos da área, o que nos faz compreender que isto é produto da influência açoriana incorporada por essas localidades desde o processo de colonização.

A composição desse *corpus* será uma contribuição para a base de dados do projeto AMPER-POR e uma importante ferramenta para o entendimento, a nível prosódico, de duas das muitas variedades do português faladas no Brasil.

## Referências

- AMPER-POR.** Disponível em <[www.varialing.eu](http://www.varialing.eu)>. Acesso em 10 fev. 2018.
- BARBOSA, P.A. Análise e modelamento dinâmicos da prosódia do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem.** 2007, v.15, p.75 - 96.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro.** Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CAMPBELL, N. **Syllable-based segmentation.** Talking Machine: Theories, models and designs. 1992. p. 211-224.
- CARDOSO, B. C. S. **A Variação Prosódica Dialetoal do Português Falado em São Luís do Maranhão.** Tese de Doutorado em Linguística. Belém: Universidade Federal do Pará, (em andamento).
- CRUZ, R. et al. **Análise Interdialetal da Entoação Modal do Português.** Trabalho aceito para o CILFR Roma 2016. Roma.
- \_\_\_\_\_.; BRITO, C. R. S. Prosodic multimedia atlas of Belém City (Brazil): an overview. In: Yolanda Congosto Martín, M<sup>a</sup> Luisa Montero Curiel y Antonio Salvador Plans. (Org.). **Fonética experimental, Educación Superior e Investigación.** 1ed.Madri: Arco Libros - La Muralla, S.L, 2014. v. 3. p. 211-226.
- CUNHA, C. S. **Entoação Regional no Português do Brasil.** Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V. & BARBOSA, P. (eds.). **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística,** v. 1. Coimbra: APL, 2000, p. 533-555.
- LIRA, Z. S. de. **A Entoação Modal em Cinco Falares do Nordeste Brasileiro.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2009.
- HALLIDAY, M. A. K. **A course in spoken English: Intonation.** London: Oxford University Press, 1970.
- MORAES, J. A. A Entoação Modal Brasileira: Fonética e Fonologia. **Caderno de Estudos Linguísticos.** v. 25. Campinas, 1993. p. 101-111.
- \_\_\_\_\_. **Recherches sur l'Intonation modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro.** Thèse (Doctorat en Phonétique Instrumentale Et Fonctionnelle). France: Université de Paris III, 1984.
- NUNES, V. G. **A Prosódia de Sentenças Interrogativas Totais nos Falares Catarinenses e Sergipanos.** Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Análises Entonacionais De Sentenças Declarativas E Interrogativas Totais Nos Falares Florianopolitano E Lageano.** Dissertação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2011.

REIS, A. C. R. **L'Interaction entre l'intonation, l'accent et le rythme en portugais brésilien**. Tese de Doutorado. França: Université Aix Marseille I, 1995.

\_\_\_\_\_. **Aspectos entoacionais do português de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.

SILVA, J. C. **Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

SILVESTRE, A. P. **A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2012.

---

## Os padrões prosódicos dos agrupamentos numéricos

Juliana de Amorim Marques

### Introdução

Segundo Musiliyu (2014), o desenvolvimento de tecnologias que reconheçam a fala natural humana tem permitido, progressivamente, o uso frequente de sistemas automatizados de reconhecimento e síntese de fala para suprir necessidades da vida cotidiana. Muitos serviços baseados em sistemas automatizados fazem uso justamente de agrupamentos numéricos para várias finalidades, tais como: ativação de cartão de crédito, transações bancárias, consulta de lista telefônica, serviços de reserva, serviços a portadores de deficiência física, como para deficientes visuais, entre outros. Em muitos casos, entretanto, o desempenho desses sistemas é considerado insatisfatório, seja por não processar corretamente a fala espontânea (no caso dos sistemas de reconhecimento de fala) ou por não apresentar, na sua produção, características tanto rítmicas quanto entoacionais inerentes à fala natural (no caso dos sistemas de síntese da fala). Estas falhas devem-se em parte ao fato de tais sistemas serem frequentemente concebidos com base em informações obtidas sobre dados de fala artificial e não espontânea. Por isso, optou-se por apresentar os resultados preliminares de um estudo sobre o tema com alvo na variedade do Português falado em Belém.

Este texto tem como objetivo descrever o padrão das estratégias numéricas e decimais dos agrupamentos numéricos de números de telefones e documentos (CPF e RENACH), as quais possibilitarão desvendar o padrão prosódico desse tipo de enunciado e propor um modelo de descrição a ser usado para aprimorar um sistema de síntese e reconhecimento de fala para o Português do Brasil, com a finalidade de complementar os estudos que se voltam para a construção de *softwares* que trabalham com o reconhecimento da fala humana. Além de formar um *corpus* representativo do Português Brasileiro de fala espontânea, motivada a partir de estruturas numéricas fixas para auxiliar nas descrições prosódicas dos agrupamentos das sequências numéricas que representam os agrupamentos de telefones, bem como de CPF e RENACH; e disponibilizar um banco de dados dos agrupamentos numéricos a fim de fornecer informações precisas para a indústria automotiva, no que se refere ao desenvolvimento de máquinas programadas para o reconhecimento da fala humana.

O presente trabalho está pautado teoricamente na fonologia prosódica e analisa as sequências enquanto números nominais. Acerca disso, a primeira função relacionada aos números é a da contagem, contudo esta não é a única maneira de atribuir números a objetos. Wiese (2003) caracteriza os números como sendo ferramentas altamente flexíveis que, quando correlacionados a objetos ou sujeitos, podem atribuir cardinalidade, classificação ou identidade, devido a duas funções básicas: ser distinto um do outro e serem elementos de uma progressão. Em face dessas duas características, Wiese (2003) defende que os números podem representar todas as propriedades que quisermos avaliar, seja cardinal, ordinal ou nominal. Esta última, por sua vez, está em consonância com esse trabalho. Pois, trata-se da atribuição de números nominais, ou seja, quando usamos números como rótulos para objetos empíricos.

Esse recurso é amplamente utilizado na vida cotidiana, por exemplo, para identificarmos as linhas de ônibus, números telefônicos, números de documentos e outros.

Nessa aplicação, os números são usados como nomes próprios, para identificar e acessar seres. O número que é atribuído a um objeto funciona como um nome que lhe é apropriado, auxiliando na sua distinção em relação a outros. Nessas atribuições de números, os objetos empíricos são elementos de um conjunto. Diferente das atribuições dos números ordinais e cardinais. Wiese (2003) enfatiza que as atribuições de números nominais são a única espécie de mensuração, onde a ordem sequencial dos números é irrelevante. Para esse efeito, é necessário que cada sequência numérica sirva para mapear uma identidade dentre outras. Essa ligação dependente não necessita estabelecer sequências, mas apenas conjuntos não ordenados de objetos. Assim, a única regra plausível para atribuir número nominal é nunca utilizar o mesmo número a mais de um objeto, porque caso isso ocorra, comprometerá o caráter de exclusividade.

O significado da declaração numérica é estabelecido pelo fato de que o número que é atribuído a um objeto é bem distinto em relação aos números atribuídos a outros. Daí a única propriedade de números que é relevante para essa categoria, é o fato deles serem entidades bem distintas. Essa é uma característica própria dos nossos números de identificação e números de telefones, eles precisam ser gerados de forma exclusiva, impedindo que uma mesma sequência seja repetida para mais de uma pessoa ou instituição. Isso irá garantir a identificação no mundo, sendo um traço distintivo em relação aos demais.

Já em relação à prosódia, segundo Trask (2008) o termo “prosódia” é antigo, aplicado, na sua origem, somente à análise de estrutura dos versos. Couper-Kuhlen (1986) afirma que, tal termo decorre do grego, utilizado para designar traços de fala que não eram indicados pela ortografia, especificamente ao tom de acento melódico que caracterizavam as palavras do Grego Antigo. Posteriormente, os símbolos ortográficos que refletiam os acentos tonais foram introduzidos e eles também ficaram conhecidos como prosódias. Dessa forma, prosódia, desde o princípio, foi associada aos traços melódicos da língua falada. Com o passar do tempo, o termo prosódia ganha um sentido mais amplo, e passa a designar os traços que não se expressam na sucessão segmental de consoantes e vogais, como duração e acento.

Nas gramáticas normativas em Língua Portuguesa há uma restrição do conceito de prosódia, que na maioria das vezes, está relacionada à boa pronúncia, como em Bechara (1969), que conceitua o termo como a parte da fonética que trata da correta acentuação e entoação dos fonemas, sendo a sua principal preocupação o conhecimento da sílaba tônica; na *Grammatica Nacional* de Azevedo (1880), a prosódia é tida como a parte da gramática que trata dos diferentes sons com que se pronunciam as palavras, e assim trata a pronúncia das vogais, das consoantes e dos ditongos, da sílaba predominante e das regras ortográficas; em *Curso de Grammatica Portuguesa* de David e Mendes (1891) ela é conceituada como a parte da gramática que trata o alfabeto - que tem letras vogais e invogais - cabendo-lhe ainda analisar alguns aspectos relacionados aos ditongos, sílabas e letras; na ilustre *Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha (1970), tal como na de Cunha e Cintra (1984), a palavra prosódia é utilizada somente como sinônimo de correta pronúncia, alertando da seguinte maneira para o erro de prosódia: “atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma silabada, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia” (CUNHA; CINTRA, 1984, p. 57).

Em busca do conceito mais adequado para o termo prosódia na literatura, Mateus (2004) afirma que do estruturalismo à teoria generativa clássica, não houve obras de linguística que desenvolveram este estudo, devido às restrições dos próprios modelos. A autora ainda expõe que tanto o estruturalismo quanto o gerativismo são modelos lineares e os seus objetos de estudo (fonemas ou segmentos) estão colocados num único nível, que não consideram um nível subjacente ao de superfície. Em consequência dessas insuficiências, ela alega o surgimento da teoria autosegmental, uma teoria multilinear

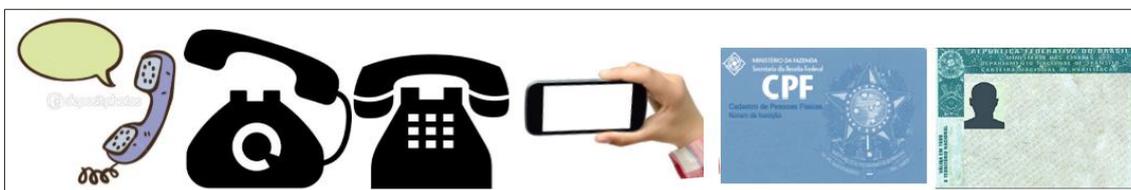
cujos domínios de aplicação se encontram distribuídos em vários níveis autônomos e podem englobar mais do que um segmento. Fazendo com que o termo prosódia voltasse a ser utilizado com frequência pelos linguistas.

Nos dicionários contemporâneos de linguística como o de Xavier e Mateus (1992) a prosódia é definida como o estudo da natureza e funcionamento das variações de tom, intensidade e duração na cadeia falada. Crystal (1994), no Dicionário de linguística e Fonética, a prosódia é um termo usado na fonética e fonologia suprasegmentais para se referir coletivamente às variações de tom, volume, tempo e ritmo. Logo, conclui-se que o tom, a intensidade, a duração, o volume, o tempo e o ritmo compõem as propriedades/traços prosódicos, as quais são inerentes ao som. Para Mateus (2004), de um ponto de vista fonológico, as línguas utilizam essas propriedades para marcar os limites das unidades prosódicas, (marca o início e o fim de uma palavra ou de um agrupamento numérico); para criar oposições distintivas (nas línguas tonais como o chinês, pode opor significados entre duas palavras cujos segmentos sejam iguais tendo, assim, uma função distintiva); para distinguir significados globais de construções fráscas (a entoação é usada frequentemente para diferenciar uma interrogação de uma afirmação). A autora também afirma que foi a partir da análise dessas características que nasceu a fonologia prosódica.

## Metodologia

Os dados foram coletados por meio da leitura das sequências numéricas motivadas visualmente por intermédio de *slideshow*. A confecção dos *slides*, compreendeu o primeiro passo necessário para a coleta de dados. Com o intuito de não influenciar o falante ao enunciar os agrupamentos numéricos, optou-se por representar cada tipo de agrupamento numérico com ícone de telefone diferente, bem como as imagens dos documentos. As imagens foram retiradas da internet como podemos visualizar na figura 1:

**Figura 01-** ícones para disposição dos números de telefones e documentos oficiais



Fonte: Imagens extraídas de: [www.google.com.br](http://www.google.com.br).

Após os *slides* preparados, foi composto um *corpus* (quadro 1 e 2) com os 80 números utilizados, bem como a confecção de uma tabela de amostra contendo um código com unidades e o perfil social dos colaboradores, a saber: dígitos de 1 a 20 que indicam a ordem de locutores, que vai de 1 a 20, as letras F e M indicando a qual sexo pertence o informante e as respectivas iniciais de seus nomes. Exemplo: Informante Orlando Pereira, 22 anos, sexo masculino, foi o primeiro locutor seu código é **M1\_22\_OP**.

**Quadro 01:** números de telefones utilizados para formação do *corpus*

Emergência	Fixo	celular	gratuito
120	3222 4034	99984 0993	0800 281 2112
104	3251 4259	99909 6294	0800 701 0114
147	3327 4686	99619 9453	0800 701 1566
190	3423 8577	99605 3681	0800 707 0044
193	3441 2276	98803 9148	0800 770 4418
180	3228 6924	98543 6731	0800 726 0101

136	3251 7343	98514 5359	0800 979 2345
129	3424 2767	98923 9748	0800 725 7282
194	3452 1425	98824 2829	0800 610 6000
181	3465 2746	98181 1635	0800 707 2003

Fonte: adaptado e expandido de Musiliyu e Oliveira Jr.(2015)

**Quadro 02:** números de documentos oficiais (CPF e RENACH) utilizados para formação do *corpus*

Registro Nacional de Condutores Habilitados (RENACH)		Cadastro de Pessoas Físicas (CPF)	
06416473562	05710911596	86654446291	04067060272
06577240481	05277069577	03168798274	02536566641
05777134334	00950457068	02540735223	78073405172
04924085624	06612217982	83905030268	03907607651
05111836450	03727036420	86771532262	59403209291
05344807634	05056419716	75553074215	17041392730
04229784757	02871624806	61756598215	12512377824
03359421458	01244670900	45640697268	21233319622
02719806406	02166061769	02540716270	12592160894
05426681282	05859905086	71144358272	15022803279

Fonte: Elaborado pela autora.

### Segmentações

Foi possível definir os níveis de segmentação em consonância com Musiliyu (2014), Silva (2015) e Almeida (2017), os 20 informantes foram segmentados na sua íntegra, dando início a segmentação dos dados gravados no *Praat*, ferramenta para a análise acústica.

Cada sequência numérica produzida pelos 20 participantes foi individualmente transcrita e segmentada em unidade entoacional<sup>1</sup> no programa *Praat*<sup>2</sup>. As unidades entoacionais são categorizadas em sete níveis de segmentação, a saber: **Pal**: palavras faladas na reprodução dos números; **Num**: ao total de número articulado internamente (com o mínimo de um e máximo de quatro números); **Agrup**: o tipo de unidade temática, o sistema numérico decimal presente nele representado pela letra U (unidade), D (dezena), C (centena) e M (milhar); **Sil**: Número de sílabas; **Silence**: Marca a pausa, se houver. Os procedimentos de segmentação e anotação foram realizados com o conjunto de agrupamentos numéricos coletados. As anotações foram transcritas e salvas em formato *textgrid*. Posteriormente, cada agrupamento numérico produzido foi segmentado automaticamente utilizando o *script 'lance\_batch\_easyalign\_v3'*, no programa *Praat*, sem danos

<sup>1</sup> Segmento funcional básico da fala, definido primeiramente em termos de contorno entoacional coesivo, variação de F0, duração, intensidade e qualidade de voz (CHAFE, 1994).

<sup>2</sup> Boersma, Paul & Weenink, David. Praat: doing phonetics by computer. Version 6.0.13. <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

ao comparar com as categorizações manuais.

### Resultados das análises dos dados referentes aos números de telefones e documentos oficiais

Nessa seção, apresentam-se as análises da distribuição de frequências (numérica e decimal) das sequências numéricas, para a leitura de números de telefones, e dos documentos oficiais. Foram coletadas 96000 sequências numéricas (80 números de telefones e documentos x 6 repetições x 20 informantes), e foram selecionadas as 3 melhores repetições, gerando assim 4800 dados para análise.

#### *Distribuição de frequências dos números de telefones, CPF e RENACH*

A partir dos dados coletados, realizou-se o levantamento das estratégias de leitura e enunciação utilizadas pelos participantes, tanto no que se refere à distribuição numérica quanto à distribuição decimal, durante a enunciação das sequências numéricas estudadas.

Os participantes dessa pesquisa, em relação aos números de CPF, apresentaram, quanto à distribuição numérica, a preferência da sequência com três agrupamentos ternários e um final binário, como mostra a tabela 1. A expressividade por essa preferência confirma o padrão de escolha quanto à distribuição numérica em: 3-3-3-2.

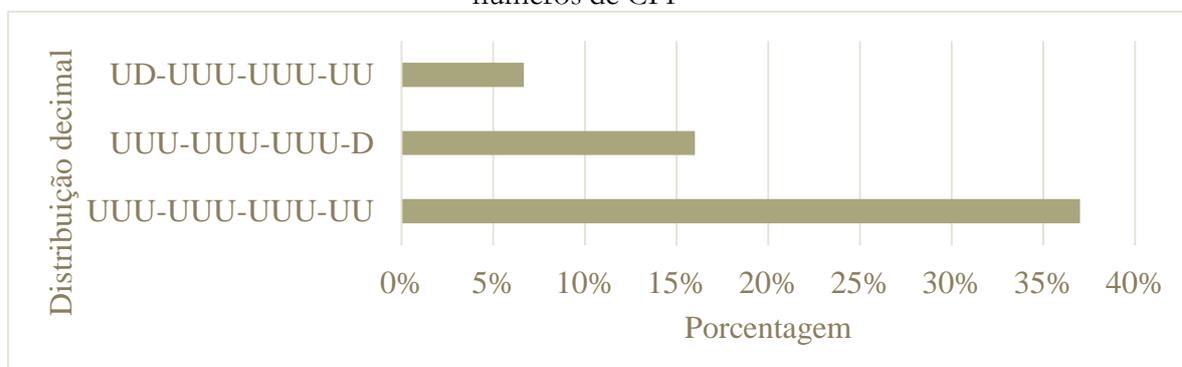
**Tabela 01:** Resultados das estratégias da distribuição numérica encontrados para os números de CPF

Distribuição Numérica	Ocorrências	%
3-3-3-2	778/1200	86%
outras formas	122/1200	-14% (cada)
TOTAL	1200	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à distribuição decimal, a realização mais recorrente foi a com os três primeiros agrupamentos enunciados em três unidades cada e o último em duas unidades: UUU-UUU-UUU-UU, o que corresponde a 37% dos casos. Contudo, essa não foi a única distribuição decimal que se destacou, pois a realização dos três primeiros agrupamentos em unidades e do último em dezena, UUU-UUU-UUU-D, foi consideravelmente recorrente, 16% dos casos, como mostra o Gráfico 1.

**Gráfico 01:** Representação gráfica das distribuições decimais da distribuição 3-3-3-2 de números de CPF



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos números de RENACH, os participantes dessa pesquisa apresentaram, quanto à distribuição numérica, a preferência da sequência com três agrupamentos ternários e um final binário, como mostra a tabela 2. A expressividade por essa preferência confirma o padrão de escolha quanto à distribuição numérica em: 3-3-3-2, igualmente ao padrão encontrado para o CPF.

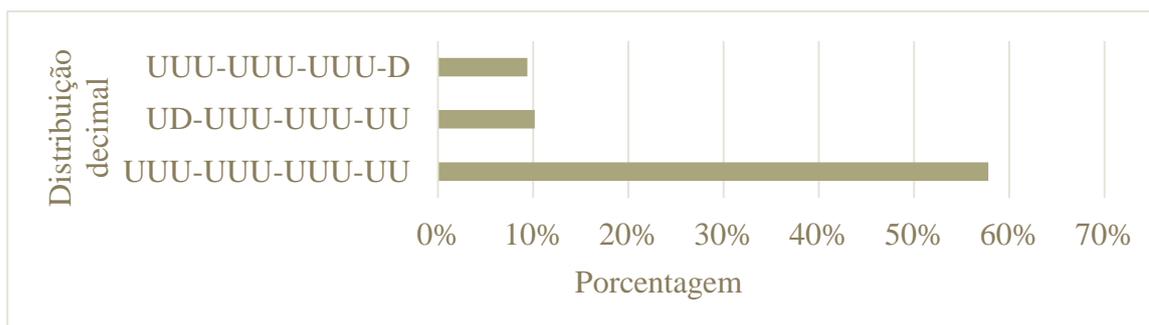
**Tabela 02:** Resultados das estratégias da distribuição numérica encontrados para os números de RENACH

Distribuição Numérica	Ocorrências	%
3-3-3-2	768/1200	85%
Outras formas	132/1200	-15% (cada)
Total	1200	100%

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à distribuição decimal, seguindo o mesmo padrão dos números de CPF, a realização mais recorrente foi a com os três primeiros agrupamentos enunciados em três unidades cada e o último em duas unidades: UUU-UUU-UUU-UU, o que corresponde, de forma mais significativa, a 58% dos casos. Acerca das outras escolhas, corresponderam a menos de 10% das realizações cada, como mostra o Gráfico 2.

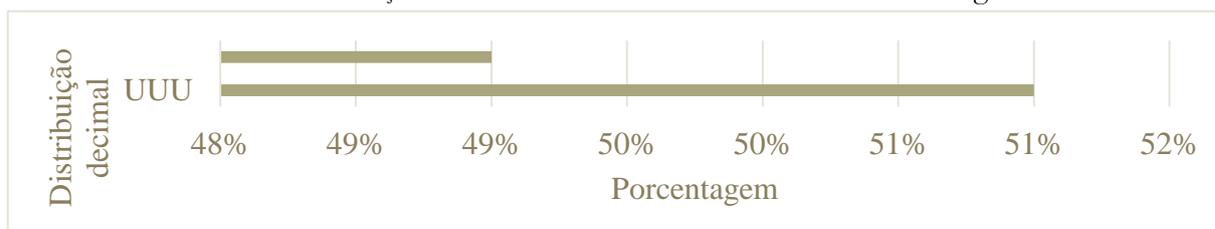
**Gráfico 02:** Representação gráfica das distribuições decimais da distribuição 3-3-3-2 de números de CPF



Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados obtidos com a pesquisa em relação à leitura dos números de telefone se deram da seguinte maneira: para os números de telefone de emergência, houve uma preferência por utilizar uma unidade prosódica, sendo a distribuição decimal preferida enunciada em três unidades (UUU), correspondente a 51% dos casos e a segunda preferência enunciada em centena (C), correspondendo a 49% dos casos como mostra o gráfico 3.

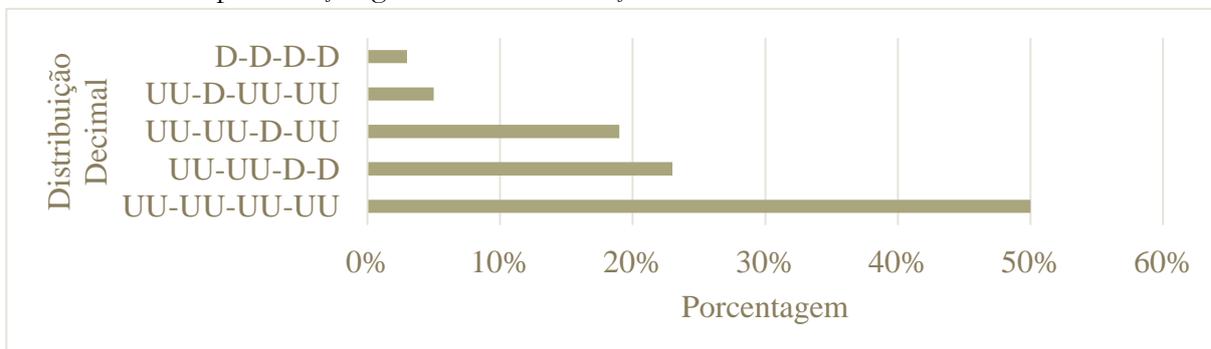
**Gráfico 03:** Distribuições decimais de números de telefones de emergência



Fonte: Elaborado pela autora

Sobre os números de telefones fixos, houve unanimidade pela predominância de 4 unidades prosódicas, entretanto, vale ressaltar, que houve oscilação nas unidades decimais, como mostra o gráfico 4.

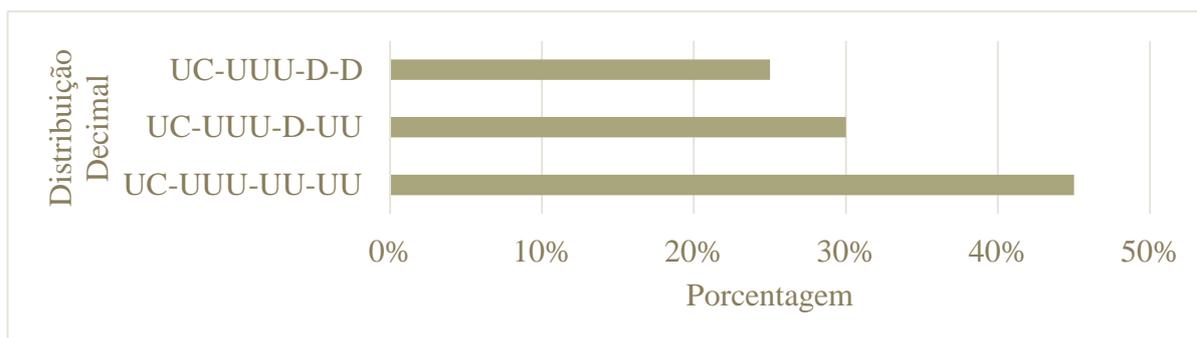
**Gráfico 04:** Representação gráfica das distribuições decimais de números de telefones fixos



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos números de telefone gratuito, mantiveram a pronúncia padronizada de 4 unidades prosódicas, mostrando variação apenas na distribuição decimal, como mostra o gráfico 5.

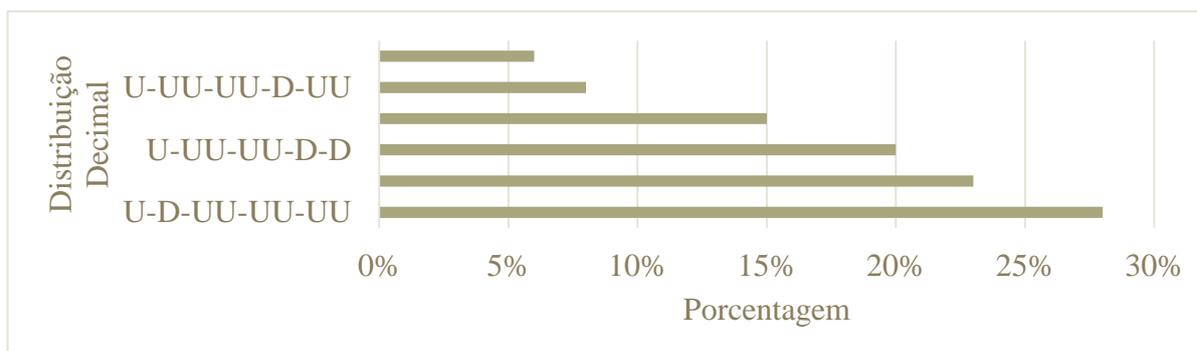
**Gráfico 05:** Representação gráfica das distribuições decimais de números de telefones gratuitos



Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, a respeito dos números de telefones celulares, a leitura dos estímulos resultaram em pronúncia padronizada em 5 unidades prosódicas, variando, contudo, no que tange à distribuição decimal, como mostra o gráfico 6.

**Gráfico 06:** Representação gráfica das distribuições decimais de números de telefones celulares



Fonte: Elaborado pela autora.

Vale ressaltar que não houve variação relevante para a análise entre os grupos estratificados em sexo e faixa-etária, por esse motivo foi apresentado neste capítulo o parecer geral de cada sequência numérica.

### Considerações finais

Este capítulo leva em consideração o estudo prosódico da enunciação de agrupamentos numéricos do PB, mais especificamente, as sequências numéricas que simbolizam os números de telefones e dos documentos de RENACH e CPF. Sobre as hipóteses levantadas no início da pesquisa, até o momento, pode-se concluir que há um padrão na enunciação das sequências numéricas estudadas ao se referir à distribuição numérica e à divisão das unidades prosódicas, porém uma variação referente à distribuição decimal desses enunciados, não demonstrando um padrão concreto em sua estrutura. Por essa razão, é necessário a continuidade da pesquisa, com um número maior de informantes, o qual possibilitará um resultado mais preciso e mais crítico sobre a variedade de Belém.

Destaca-se que no Brasil já existe trabalhos acerca do processamento de fala no sistema automotivo em relação ao conjunto numérico. Um exemplo disso pode ser observado nos atendimentos virtuais de companhias telefônicas, em que os usuários desse serviço dialogam com as máquinas. Porém, é comum ter uma resposta negativa de tais serviços. Esta ineficiência do serviço está relacionada à ausência do processamento correto da fala espontânea e de pouca produção próxima à fala natural. E, neste sentido, que este estudo vem a se engajar em descrever a prosódia de agrupamentos numéricos em estruturas fixas e propor um modelo de descrição a ser usado para aprimorar um sistema de síntese e reconhecimento de fala para o Português do Brasil.

Sabe-se que há muito a se pesquisar no que se refere à prosódia dos números nominais, pois não há no PB muitos estudos a esse respeito, principalmente sobre a variedade falada em Belém.

### Referências

- ALMEIDA, A. N. S. **Análise prosódica de agrupamentos numéricos no Português do Brasil**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2017.
- AZEVEDO, D. de, **Grammatica Nacional ou Methodo Moderno para se aprender em 24 lições a fallar e a escrever sem erros e mesmo sem auxílio de mestre a lingua portugueza**. Lisboa: Liv. Antonio Maria Pereira, 1880.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna. 37. ed. edição, revista e aumentada, 1999.
- CHAFE, W. **Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- COUPER-KUHLEN, E. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.
- CRUZ, R. *et al.* Formation and Annotation of North AMPER Project's Corpus. *In: VIIth GSCP International Conference: Speech and Corpora*, 2012, Belo Horizonte (MG). **Proceedings of VIIth GSCP International Conference: Speech and Corpora**. Firenze: Firenze University Press, p. 69-73, 2012.

CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 3. ed. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1994.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

ABÍLIO, D.; MENDES, F. **Curso de Grammatica Portugueza**. Lisboa: J. J. Nunes, 1891.

MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1983.

MUSILYU, O.; OLIVEIRA JR.; M. Padrões entoacionais dos números telefônicos no Português Brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.1, 2015.

MUSILYU, O. **Características prosódicas dos números telefônicos no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2014.

SILVA, R. B. **Aspectos Temporais em Agrupamentos de Números de Telefônicos do Português do Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alagoas, 2016.

TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2008.

WIESE, H. **Numbers, Language, and the human mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

XAVIER, M. F.; M. H. MATEUS (Org.). **Dicionário de Termos Linguísticos. Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional**. Vol. II, Ed. Cosmos, Lisboa, 1992.

## 6

---

## Categorização dos registros gráficos do <r> em coda silábica interna na escrita infantil escolar

Elaine Patrícia do Nascimento Modesto  
Regina Célia Fernandes Cruz  
Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiller

### Introdução

Esse trabalho apresenta resultados dos registros do grafema <r> na escrita escolar infantil, em especial, ocupando posição pós-vocálica na sílaba interna (coda silábica). Utilizou-se o *corpus* de duas edições do projeto “Programa de Apoio a Pesquisas com Intervenção Metodológica” (PAPIM<sup>1</sup>): “Levantamento, diagnóstico e análise das omissões ortográficas na escrita infantil com perspectiva de intervenção” (2014)<sup>2</sup> e “Diagnóstico e análise das omissões ortográficas na escrita infantil com perspectiva de intervenção pedagógica” (2015)<sup>3</sup>, no qual, montou-se um banco de dados com 4.161 registros de escrita infantil escolar. O principal foco do referido projeto foi verificar o índice de ocorrências de omissões de grafemas na escrita infantil, tendo como trabalho motivador a pesquisa desenvolvida por Amaral *et al* (2011).

Buscou-se com os resultados entender as motivações das omissões e quais ambientes as favorecem. A investigação sobre a escrita escolar infantil foi desenvolvida com dados coletados em uma escola pública de Belém, o *corpus* foi formado com registros de 93 estudantes do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental. Para análise dos resultados aqui apresentados, consideraram-se tanto as omissões em coda do <r> como também as possibilidades de outros registros nessa posição silábica, como por exemplo, a substituição do <r> por <s>, <m> ou <n>.

Os resultados obtidos neste trabalho evidenciam que durante o processo de aquisição da escrita os alunos apresentam dificuldades diante da escrita padrão da língua, confirmando o alto grau de complexidade da escrita infantil escolar, uma vez que apenas 36,65% dos dados analisados apresentam registros seguindo a norma padrão da língua.

Para melhor compreensão do estudo abordado, esse capítulo se apresenta em três seções. Primeiramente, a descrição dos aspectos relacionados ao fonema /r/ e sua complexidade tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita. Em seguida, apresenta-se o trabalho de Amaral *et al.* (2011) que foi o motivador das versões do projeto de *Escrita Escolar Infantil*. Ainda na segunda seção, apresentam-se os objetivos deste trabalho com a caracterização dos registros gráficos do <r> em coda silábica interna e a metodologia seguida. Por fim, na terceira seção, apresentam-se os resultados, em seguida a conclusão.

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pela Pró-Reitoria de Ensino e Graduação (PROEG) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Projeto coordenado pela Profa. Dra. Regina Cruz.

<sup>3</sup> Projeto coordenado pela Profa. Dra. Regina Cruz.

### Descrição dos aspectos relacionados ao fonema /r/

Inicialmente, é importante apresentar as realizações que o fonema /r/ apresenta no Português Brasileiro (PB), haja vista que o presente trabalho se focaliza exclusivamente no Português falado no Brasil. Levando o foco para as variantes do /r/ em coda interna é importante citar a afirmativa de Bisol (1999), de que existem variantes para o /r/ pós-vocálico, podendo se apresentar como: vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [R], aspirada [h], vibrante simples [r] ou retroflexa [ɾ]. Vale ressaltar que essas variantes dependem de diferentes fatores, quer sejam de natureza linguística quer sejam de natureza social.

É importante salientar que os róticos são os últimos sons a serem apreendidos na aquisição da linguagem por um ser humano, seja pelo seu ponto de articulação seja pelo seu modo de articulação. Mota (1996) propõe um Modelo Implicacional de Complexidade de Traços (MICT), nele, o processo de aquisição fonológica é representado em forma de árvore, no qual, a raiz corresponde ao estágio zero de complexidade, compreendendo os seguimentos: /p, t, m, n/. Da raiz, ou seja, do estágio zero, partem caminhos que levam aos traços mais complexos – traços marcados – e suas combinações. Quanto mais distante do ponto zero um segmento estiver, maior sua complexidade. É válido para esse trabalho ressaltar que no modelo proposto por Mota (1996), o último nível de complexidade, ou seja, de aquisição mais tardia, é ocupado pelas líquidas, concordando com Oliveira (2006) ao apontar as líquidas, em especial os róticos, como consoantes complexas e de aquisição tardia nos diferentes sistemas linguísticos. A classe das líquidas corresponde às consoantes laterais e aos róticos (alvo desse trabalho), essas consoantes são comuns às línguas do mundo, pois, para Maddieson (1984, *apud* OLIVIRA, 2006), 76% das línguas descritas apresentam róticos.

Para Tasca (2002, p. 31) é necessário primeiramente entender o funcionamento da língua oral para que se possa explicar o funcionamento da escrita nos primeiros anos escolares, já que, para o autor, ao entrar em contato com o sistema ortográfico, o aluno se depara com interferências fonológicas, o que torna necessário o estudo dos sons vocálicos e consonantais.

Quanto às realizações do /r/ na fala, temos o estudo de Lima (2003), o qual demonstra as variações no /r/ pós-vocálico em contexto interno. Segundo o autor, as variações apresentadas são reflexos não de um processo de mudança, mas apenas de predominância do uso da fricativa glotal que se realiza de maneira categórica nas cidades demonstradas no referido quadro com relação ao /r/ pós-vocálico.

**Tabela 01:** ocorrências de variações do /r/ em coda.

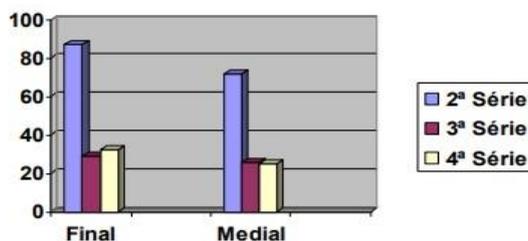
Cidades	Contexto interno	Contexto final
Belém	94% de [h]	92,8% de [ø]
Abaetetuba	91,6% de [h]	94% de [ø]
Altamira	92,8% de [h]	95,8% de [ø]
Bragança	98% de [h]	92.8% de [ø]
Conceição do Araguaia	95,9% de [h]	83,9% de [ø]
Santarém	98% de [h]	72% de [ø]

Fonte: Lima (2003, p.35).

Alvarenga e Oliveira (1997), em análise sobre a instabilidade e a canonicidade silábica do Português e sua influência na aprendizagem da escrita, apontam existir posições consonantais fortes e fracas na sílaba, sendo a coda considerada como posição fraca ou instável, portanto, passível a um grande número de variações na escrita.

Quanto às realizações na escrita, o trabalho de Costa (2009) sobre o apagamento do rótico na escrita de alunos catuenses realizada com alunos da 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, apresenta maior ocorrência de apagamento do rótico em posição final da sílaba, conforme o gráfico 01, o que não anula o fato de haver uma quantidade significativa de apagamento em posição interna.

**Gráfico 01:** Taxas gerais de apagamento (em %)



Fonte: Costa (2009, p. 5).

Em Belém do Pará, Cruz (2015) iniciou um estudo que tem como foco a escrita infantil escolar. O trabalho em questão tratou de investigar a escrita de crianças que haviam acabado de passar pelo processo de aquisição da escrita, partindo de um trabalho motivador – Amaral *et al.* (2011). Nesse sentido, como as sílabas que seguem o padrão silábico CVC são mais complexas e, portanto, mais difíceis para os alunos, a autora optou por criar um *corpus* que contemplasse esse padrão silábico e apresentasse também todas as codas possíveis no Português Brasileiro. O objetivo do projeto foi fazer um levantamento dos desvios ortográficos, especialmente a omissão de grafemas, para perceber em que ambiente fonológico ele era mais propício e quais as consoantes, pós-vocálicas, que mais apresentavam omissões ou variações nos registros gráficos.

Os resultados de Cruz (2015) apresentam muitos casos de omissão, dentre eles, o maior índice se encontra em posição de coda silábica. As omissões de grafema em posição de coda silábica nasal (C)V/N/ apresentaram maior ocorrência (57%), seguido de rótico (C)V/R/, soante (C)V/S/ e lateral (C)V/l/.

## Metodologia

Primeiramente, faz-se necessário lembrar que o trabalho de Amaral *et al.* (2011) foi o motivador do projeto de *Escrita Escolar Infantil* (PAPIM, 2014; 2015). Amaral *et al.* (2011) focalizou as omissões ortográficas, problema muito recorrente na escrita infantil. Para os autores, estudos nessa área são necessários devido à escassez de trabalhos que abordem o assunto. Sendo esta uma dificuldade comum a alunos e professores das séries iniciais, pesquisas como essas se tornam importantes para oferecer subsídios que garantam eficiência no processo de aquisição da escrita.

Em seu trabalho, Amaral *et al.* (2011) objetivou: i) identificar se a ocorrência de omissões, em sua maioria, acontecia em parte da sílaba, ou na sílaba completa; ii) caracterizar a distribuição das omissões, levando em conta a posição que o elemento omitido ocupa na sílaba; iii) nos dois casos, verificar se as omissões ocorrem em sua maioria em posições acentuadas ou não-acentuadas de palavras. Para isso, os autores utilizaram textos de alunos que no ano de 2007 frequentavam o pré III de uma escola municipal na cidade de Marília/SP. Os dados foram coletados a partir de duas listas de vocábulos contendo nomes de frutas e animais. A primeira lista compreendia 24 nomes de frutas e a segunda nove (09) nomes de animais.

A partir dos dados obtidos, os autores observaram que houve maior ocorrência em omissões em parte da sílaba (10,55%) e em relação às omissões em sílaba completa

(4,11%). Com relação à posição silábica do elemento omitido (ataque, núcleo e coda), houve maior ocorrência em coda silábica (46,20). Esses resultados podem ser explicados a partir de um ponto de vista fonético devido ao fato da posição de coda se caracterizar por um decréscimo de energia. Os autores também puderam observar que omissões em sílabas completas acentuadas apresentaram um maior índice (32,63%), comparadas às omissões de sílabas não acentuadas (pretônicas e pós-tônicas), com um percentual de 23,51%. As omissões em partes da sílaba tiveram maiores ocorrências quando eram acentuadas (12,48) com relação às omissões de elementos em partes da sílaba não acentuadas (9,27%).

Nesse sentido, a primeira versão do projeto PAPIM em 2014 utilizou a mesma metodologia adotada por Amaral *et al* (2011) para analisar a escrita de alunos de uma escola pública de Belém/PA. Os trabalhos se iniciaram com a adaptação do *corpus* original de Amaral *et al* (2011), com o objetivo de ampliá-lo para que tivéssemos um número maior de dados a serem analisados. Buscou-se também regionalizar o *corpus*, preenchendo-o com vocábulos que tivessem mais próximo à realidade dos alunos paraenses e que contemplassem todas as codas silábicas possíveis no PB. Assim, com a ampliação do *corpus* original passamos a ter um acervo de 72 vocábulos, apresentados no quadro a seguir organizados segundo seu padrão silábico.

**Quadro 01:** Moldes silábicos dos 72 vocábulos analisados

V	VC	CV	CVC	CCV	CVV
Abacate	<b>Onça</b>	<b>Bacaba</b>	<b>Tartaruga</b>	<b>Graviola</b>	<b>Mamão</b>
Abacaxi	<b>Ingá</b>	<b>Bacuri</b>	<b>Tangerina</b>	<b>Fruta-Pão</b>	Papagaio
Abiu	<b>Esquilo</b>	<b>Banana</b>	<b>Porco</b>	<b>Melão</b>	
<b>Açaí</b>	<b>Urso</b>	<b>Biribá</b>	<b>Ponkan</b>	<b>Limão</b>	
Acerola	<b>Buriti</b>	<b>Pardal</b>	<b>Guaraná</b>		
<b>Águia</b>	<b>Caju</b>	<b>Pombo</b>	<b>Goiaba</b>		
Ameixa	<b>Caqui</b>	<b>Mosca</b>	<b>Cacau</b>		
Amora	<b>Coco</b>	<b>Morcego</b>			
Avestruz	<b>Figo</b>	Morango			
<b>Égua</b>	<b>Jabuticaba</b>	Melancia			
Elefante	<b>Jaca</b>	<b>Manga</b>			
Uva	<b>Maçã</b>	Laranja			
Uxi	<b>Muruci</b>	<b>Jambo</b>			
<b>Pera</b>	<b>Golfinho</b>				
<b>Pinha</b>	<b>Garça</b>				
<b>Pupunha</b>	<b>Ganso</b>				
<b>Romã</b>	<b>Formiga</b>				
<b>Sapotilha</b>	<b>Castanha</b>				
<b>Taperebá</b>	<b>Carneiro</b>				
<b>Tucumã</b>	<b>Cisne</b>				
Carambola					
<b>Borboleta</b>					

Fonte: Cruz (2015).

No primeiro momento de análise, notou-se uma maior ocorrência de omissões em posição de coda silábica, resultado motivador do presente trabalho. Nesse sentido, constatou-se que a coda preenchida por consoante nasal (C)V/N/ apresenta maior ocorrência de omissões (57%), seguida do rótico (C)V/R/, soante (C)V/S/ e lateral (C)V/L/.

Para realização desse trabalho utilizou-se o banco de dados formado com registros da escrita infantil escolar PAPIM (2014; 2015) quanto aos registros do rótico (C)V/R/.

Para dar início a análise dos dados foi feita uma triagem no banco de dados formado pelo projeto PAPIM, no qual, excluíram-se dados de vocábulos que não continham o grafema <r> em posição de coda, uma vez que, como dito anteriormente, o *corpus* geral da pesquisa foi composto por 72 vocábulos. Assim, após essa exclusão, passamos a um *corpus* com 9 vocábulos (**borboleta**, **formiga**, **garça**, **pardal**, **porco**, **urso**, **carneiro**, **morcego**, **tartaruga**).

Para uma análise mais precisa foram inseridas duas colunas na planilha – L e M – referentes ao número de sílabas e o tipo de variação na escrita do /r/ em coda interna. Na coluna L registrou a ocorrência de omissão, caso o aluno houvesse omitido parte da sílaba, ou a sílaba completa. A coluna M especificava se havia ocorrência de omissão ou possibilidade em parte da sílaba ou em sílaba completa.

Foram utilizados para este trabalho dados de 91 estudantes do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental e passou-se a uma análise quantitativa e também uma análise qualitativa. A análise quantitativa foi aplicada aos registros de omissão e a análise qualitativa, ou os casos particulares, como as possibilidades de variação do registro de /r/ em coda interna.

## Resultados

Ao todo, após a exclusão dos dados ausentes e dos registros de escrita aleatória que se distanciavam muito da escrita padrão do vocábulo, somaram-se 532 dados analisáveis, dos 91 sujeitos mantidos na pesquisa, esses dados incluíam os que o aluno escreveu de acordo com a norma padrão ou apresentou algum desvio. Na tabela 02 podemos observar o resultado dos desvios cometidos pelos alunos quanto ao <r> em posição de coda.

**Tabela 02** - Relação desvios x acertos das 4 turmas participantes da pesquisa

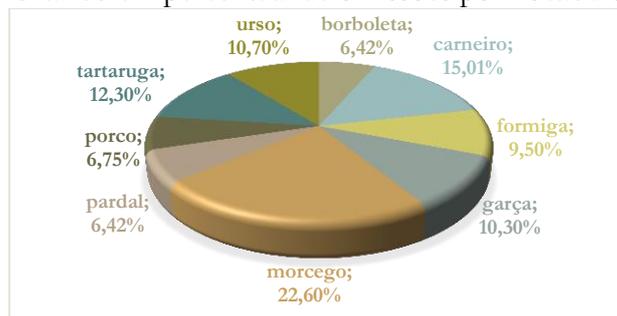
Desempenho	Ocorrência	%
Acerto	195	36,65
Desvio	337	63,34
Total	532	100%

Fonte: Elaboração das autoras.

Dos 337 desvios apresentados, 252 foram de apagamento do <r> em coda, ou seja, 74,77% dos desvios apresentados correspondem à omissão. Dessa forma, o apagamento do /r/ em posição de coda representa 47% das ocorrências nas escritas desses alunos. Esses resultados se assemelham ao de Amaral *et al.* (2011), quanto à ocorrência de omissões em coda terem sido mais frequentes que dos outros elementos que compõem a sílaba. Assim, em sua pesquisa Amaral *et al.* (2011) constatou que 46,20% das omissões ocorreram em coda silábica, os autores levantam a hipótese de que esse grande número de ocorrências de omissões em coda podem ser explicados devido a posição de coda se caracterizar por um decréscimo de energia.

Quanto à omissão, os vocábulos que apresentaram maiores números de omissões foram: *morcego* (57 ocorrências), *carneiro* (38 ocorrências) e *tartaruga* (31 ocorrências). Em contrapartida temos: *borboleta* e *pardal* (ambos com 16 ocorrências) como vocábulos que apresentaram menos casos de omissões, conforme o gráfico 02. Estes resultados estão de acordo com os encontrados por Costa (2009), no sentido de que há o apagamento em posição medial do /r/. Há também relação com os resultados de Cruz (2015), que confirmam que estudantes no processo de alfabetização apresentam maior omissão em vocábulos que contém coda preenchida, na ocasião dessa pesquisa, as codas preenchidas por nasal foram as que mais apresentaram omissões, mas também foram encontradas omissões com rótico.

**Gráfico 02:** percentual de omissões por vocábulo.



Fonte: Elaboração das autoras.

Com relação aos vocábulos com maiores ocorrências de omissões, percebe-se que em *morcego*, o *rótico* é precedido de uma vogal média alta posterior e é anterior a uma consoante fricativa alveolar desvozeada; em *carneiro*, por sua vez, é precedido de uma vogal baixa e é anterior a uma consoante alveolar nasal vozeada; já em *tartaruga* temos o *rótico* precedido também de uma vogal baixa e antecede uma consoante alveolar oclusiva desvozeada. Assim, é possível notar que nos três vocábulos o *rótico* é anterior a consoantes alveolares. Outra semelhança entre os vocábulos é em *tartaruga* e *carneiro*, nos quais, o *rótico* é precedido de uma vogal baixa.

Nos vocábulos com menos casos de omissões (*pardal* e *borboleta*) temos em *borboleta* o *rótico* posterior a uma vogal média alta posterior e antecede uma consoante oclusiva alveolar vozeada e em *pardal*, posterior a uma vogal baixa central e antecede uma consoante oclusiva dental vozeada. Assim, pode-se notar que em ambos os casos a consoante posterior ao <r> é oclusiva e vozeada, diferenciando-se no ponto de articulação.

Além dos registros de omissões quanto ao <r> em coda silábica, houve ainda registros de troca deste por outros grafemas. Nesses casos, o aluno não omitiu a coda, porém, fez o registro com outro grafema. Assim, é válido retomar ao que disse Costa (2009) quanto à posição de coda ser propícia tanto ao apagamento quanto à variação.

O aluno troca o grafema <r> pelo grafema <s>, ou seja, ele registra uma consoante fricativa alveolar desvozeada. Esses casos ocorreram em *pardal* (registrado como “**pasdal**”), *porco* (registrado como “**posca**”), *carneiro* (registrado como “**casneiro**”), *borboleta* (registrado como “**bosbosleta**”) e *urso* (registrado como “**usro**”). Podemos observar que essas trocas ocorrem anterior a consoante oclusiva alveolar vozeada [d], oclusiva velar desvozeada [k], nasal alveolar vozeada [n] e oclusiva bilabial vozeada [b], respectivamente. Assim, percebemos que o ambiente anterior a oclusiva, exceto em “carneiro”, pode ser propício a essa troca.

Outro registro encontrado foi a troca do grafema <r> pelos grafemas <m> ou <n>, nesses casos, o aluno registra consoantes nasais. Esses casos ocorreram em *porco* (registrado como “**ponco**”), *borboleta* (registrado como “**bombomteta**”) e *urso* (registrado como “**unro**”).

É válido destacar que no caso do vocábulo *borboleta*, o aluno registra uma nasal bilabial vozeada [m] anterior a uma oclusiva também bilabial vozeada, o que sugere que o aluno tem conhecimento dessa regra de escrita. No vocábulo *urso*, o indivíduo grafa uma consoante nasal alveolar vozeada [n] anterior à fricativa alveolar desvozeada [s], ou seja, assim como no caso de *borboleta*, o aluno registrou uma consoante que apresentasse alguma característica em comum com a consoante posterior da palavra, nesse caso, o ponto de articulação e a sonoridade. Na palavra *porco*, observamos a troca do *rótico* por uma nasal alveolar vozeada [n] anterior a consoante oclusiva velar desvozeada [k], portanto, nesse

último exemplo, não se apresenta características em comum entre as consoantes, como observado nos casos anteriores.

### Conclusão

Os resultados obtidos com a análise dos dados deste trabalho confirmam o alto grau de complexidade da escrita infantil escolar, visto que, dos 532 dados analisados, apenas 195 (36,65%) apresentaram registros seguindo a norma padrão da língua. Verificamos também a grande ocorrência de apagamento do rótico em coda, ao todo, dos 337 desvios constatados, 252 (74,77% dos desvios) foram desta constituinte silábica, reforçando a tese de que o rótico é altamente complexo. Outros dados importantes foram os casos de substituição, oito (8) ocorrências ao todo em que o <r> fora substituído por <s>, <m> ou <n>.

O trabalho aqui apresentado exemplifica a necessidade levantada por Tasca (2002, p. 31) quanto à importância de se entender primeiramente o funcionamento da língua oral, para que possa explicar o funcionamento da escrita nos primeiros anos escolares. Pois, ao entrar em contato com o sistema ortográfico, o aluno se depara com interferências fonológicas o que torna necessário o estudo dos sons vocálicos e consonantais. Os resultados propostos por Amaral *et al* (2011) também levantam essa necessidade, pois, segundo os autores é importante que práticas de letramento adequadas sejam desenvolvidas no contexto escolar, atentando para a importância de didáticas que facilitem o entendimento do aluno dos códigos de escrita.

Nesse sentido, apontamos para a relevância de estudos linguísticos que demonstrem as maiores dificuldades encontradas por alunos recém-alfabetizados, abordando, portanto, os desvios apresentados pelos alunos, não meramente como desconhecimento das convenções da escrita, mas procurando estender as motivações linguísticas que levam esses alunos a cometerem tais desvios e como professores podem trabalhar em conjunto com a linguística para sanar esses problemas.

Reforçamos a ideia de que práticas pedagógicas adequadas são preponderantes para que os professores obtenham êxito no processo de ensino e aprendizagem da escrita de seus alunos. O professor deve entender as dificuldades de seus alunos e a partir da leitura dar ênfase àquilo que mais parece de difícil compreensão. É importante citar que a complexidade na relação entre grafemas e fonemas confunde o entendimento da criança que, até então, apresenta pouco conhecimento da fonologia de sua língua e alfabeto. Desse modo o auxílio do professor é necessário para que a criança obtenha êxito na escrita de acordo com sua capacidade (FAYOL, 2014).

### Referências

ALVARENGA, D. OLIVEIRA, M. A. Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.6, nº5, p.127- 158, 1997.

AMARAL, A. S.; FREITAS, M. C. C.; CHACON, L.; RODRIGUES, L. L. Omissão de grafemas e características da sílaba na escrita infantil. **Rev. CEFAC** [online], vol.13, n.5, p. 846-855, 2011.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. *In*: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**. Novos Estudos. Campinas: Ed. da UNICAMP, v. 7, 1999.

COSTA, G. B. C. O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses. *In: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 05 n.10, p.1-9, 2009. Disponível em: <http://www.letramagna.com/apagamentoroticocoda.pdf>, acesso em 02 de maio de 2018.

CRUZ, R. C. F. Levantamento das Omissões Ortográficas na Escrita Infantil. **Texto Livre, Linguagem e Tecnologia**, vol. 8, nº 2, 2015, Disponível em: <http://periódicos.letras.ufmg.br/index.php/texto-livre>, acesso em 02 de maio de 2018.

FAYOL, M. **Aquisição da escrita**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

LIMA, A. **A variação do (r) pós-vocálico em Cametá-Pa**: uma abordagem Geossociolinguística. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós- graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

MORAES, I. **Banco de Dados de Escrita Infantil Escolar** (Plano de Trabalho PROEG). Belém: UFPA, em andamento.

MOTA, H. B. **Aquisição Segmental do Português**: um Modelo Implicacional de Complexidade de Traços. Tese (Doutorado em Letras) - PUCRS, Porto Alegre, 1996.

OLIVEIRA, C. C. **Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro e no espanhol**: um estudo comparativo. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TASCA, M. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais**: o papel de fatores lingüísticos e Sociais. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002.

## 7

## A desnasalização em sílabas átonas finais no falar de Belém: um estudo de variação linguística

Fábio Luidy de Oliveira Alves

### Introdução

Este trabalho apresenta um estudo da variação fonético-fonológica sobre o processo de desnasalização em sílabas átonas finais que acontece nas palavras *homem* e *passagem* do questionário fonético-fonológico (QFF) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na variedade do Português falado no município de Belém no Estado do Pará.

A desnasalização de sílabas átonas finais é um fenômeno que ocorre naturalmente na Língua Portuguesa. Estudos variacionistas sobre a desnasalização do Português Brasileiro (PB) já foram realizados por Votre (1978), Guy (1981), Battisti (2002), Bopp da Silva (2005), entre outros. Alguns desses trabalhos provam influências sociais e estruturais que motivam a perda da nasalização na sílaba átona final. Além dos estudos mencionados, há alguns trabalhos sobre o acento em Português que buscam explicar a perda de nasalidade do PB, como a pesquisa de Bisol (1992), por exemplo.

Quando falamos no fenômeno da desnasalização, a cidade de Belém apresenta um comportamento linguístico que vai em direção ao que acontece no resto do Brasil. Assim, tomamos como objetivo principal saber quais os fatores sociais (escolaridade, sexo e idade) que condicionam a desnasalização em sílabas átonas finais das palavras em estudo e se o fenômeno está em processo de variação progressiva a mudança ou se é um caso de variação estável.

Adotamos como suporte teórico-metodológico as orientações de abordagens dialetológicas pluridimensionais<sup>1</sup>. Para a formação do *corpus*, selecionamos 64 colaboradores estratificados e aplicamos duas questões do QFF do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

### Análises sobre a desnasalização no Português Brasileiro

O estudo de Gomes *et al.* (2013) utilizou a Sociolinguística Variacionista e a Fonologia de Uso para interpretar a desnasalização em sílabas átonas finais na cidade do Rio de Janeiro, levando em conta palavras como: *passagem*, *homem*, *viagem*, *jovem*, *ontem*, *compraram*, *fizeram*, *deram*, *garagem*, entre outras. Os resultados revelaram condicionamento prosódico, bem como o efeito do item lexical. Os autores destacam que a alternância do ditongo nasal com a vogal oral pode estar relacionada com a posição fraca do ditongo em

<sup>1</sup>Os estudos dialetológicos pluridimensionais passaram a se interessar pela variação linguística que sofre influências sociais, área estudada historicamente pela Sociolinguística. Esses estudos dialetológicos apresentam determinadas terminologias na concepção de seus autores, a saber: Dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998), Geossociolinguística (RAZKY, 2004) e Sociodialetologia (GUY, 2012).

sílaba átona final, o que possibilita o espraçamento da variante oral reduzida, o tipo mais frequente de sílaba átona no Português Brasileiro.

Um estudo clássico é o de Câmara Jr. (1970). O autor observou que palavras com ditongo nasal pode ser analisado como ditongo mais arquifonema nasal, ou seja, elas apresentam em sua sílaba final um travamento nasal (N) subjacente, realizado como ditongo nasal na superfície. Assim, o autor destaca que, fonemicamente, não existe um ditongo nasal. “É preferível partir do arquifonema nasal /N/ como fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal” (CÂMARA JR, 1970, p. 59).

Um estudo relevante sobre a desnasalização em sílaba final do PB é o de Bisol (1992), que se pauta na Fonologia Métrica<sup>2</sup> para analisar a perda da nasalização em palavras paroxítonas com coda na sílaba final. Para a autora, em línguas como o Português, aplica-se o princípio da extrametricidade – noção que explica o porquê de um acento não recair na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima – que torna o elemento em coda invisível. Na teoria fonológica, a regra de acento em Português é sensível à sílaba pesada.

Assim, a posição do acento na sílaba da palavra tem certa influência no fenômeno que acontece em palavras como *homem* e *passagem*, a consoante nasal se “reduz” para um núcleo silábico não ramificado. O postulado (1) de Bisol (1992, p. 69) traz à tona a regra do acento em PB e utiliza as noções de peso silábico e pé métrico.

- (1) Regra do Acento Primário  
 \*Domínio: a palavra  
 i. Atribua um asterisco (\*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.  
 ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não interativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (\* .), junto à borda direita da palavra.

Com base no postulado de Bisol (1992), destacamos alguns exemplos com os dados deste trabalho.

ho me <m>	/ pas sa ge <m>	Forma Subjacente (silabada)
(* .)	/ (* .)	Regra do acento primário
[‘õmi, ‘õme]	/ [pa ‘saʒi]	Forma de Superfície

A partir dos exemplos anteriores, como a coda subjacente é invisível ao peso silábico, a língua tende a apagar os traços remanescentes do segmento nasal, visto na Forma de Superfície.

### Procedimentos metodológicos

Para os procedimentos metodológicos, tomamos como base as orientações de estudos dialetológicos pluridimensionais. Esses estudos estão inseridos em uma Dialectologia moderna que, segundo Cardoso (2010), procura identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Essas abordagens tomam como bases teórico-metodológicas a Sociolinguística e a Dialectologia tradicional e interpretam a variedade de uma língua tanto

<sup>2</sup> A Fonologia Métrica trata de enfatizar, segundo Magalhães e Battisti (2017, p. 93), “o acento, derivado das relações de proeminência, ou seja, da alternância entre elementos acentuados ou não acentuados”. Os autores ainda destacam que “a ideia básica da Fonologia Métrica é a de que a proeminência é relativa: deriva da relação que unidades como as sílabas estabelecem umas com as outras quando em sequência. Essa relação é binária, isto é, ocorre em pares, nos quais uma das unidades é forte (F) e a outra fraca (f)” (MAGALHÃES; BATTISTI, 2017, p. 93).

no espaço geográfico quanto no espaço social. Nas seções seguintes, apresentamos detalhadamente as etapas de pesquisa.

### As dimensões sociais

Selecionamos três dimensões sociais para verificar as variações, são elas: diassexual, diastrática e diageracional. Os parâmetros dessas dimensões são apresentados no quadro 1.

**Quadro 01:** Parâmetros adotados às dimensões sociais

Dimensões	Parâmetros
Diassexual	Homem e Mulher
Diageracional	Geração de 18 a 25 anos e Geração acima de 50 anos
Diastrática	Ensino superior e Ensino fundamental

Fonte: Elaboração do autor.

### Os colaboradores

Selecionamos 64 colaboradores residentes na cidade de Belém e estratificamos em grupos sociais que caracterizam a sociedade na qual vivem. O quadro 2 apresenta a estratificação dos colaboradores.

**Quadro 02:** Estratificação dos colaboradores

Colaboradores	Escolaridade	Quantidade	Representação
Homens de 18 a 25 anos	Fundamental	8	HG1F
Homens acima de 50 anos	Fundamental	8	HG2F
Homens de 18 a 25 anos	Superior	8	HG1S
Homens acima de 50 anos	Superior	8	HG2S
Mulheres de 18 a 25 anos	Fundamental	8	MG1F
Mulheres acima de 50 anos	Fundamental	8	MG2F
Mulheres de 18 a 25 anos	Superior	8	MG1S
Mulheres acima de 50 anos	Superior	8	MG2S

Fonte: Elaboração do autor.

### Os itens do questionário

Utilizamos dois itens do Questionário Fonético-Fonológico do projeto ALiB, são eles: o item 75 – cuja pergunta é “*Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?*” e que tem como resposta esperada “passagem” – e o item 128 – que possui a pergunta “*Adão foi o primeiro?*” e que tem como resposta esperada “homem”. Os itens são as únicas questões do QFF que tratam o fenômeno da desnasalização na sílaba átona final.

### Apresentação dos resultados

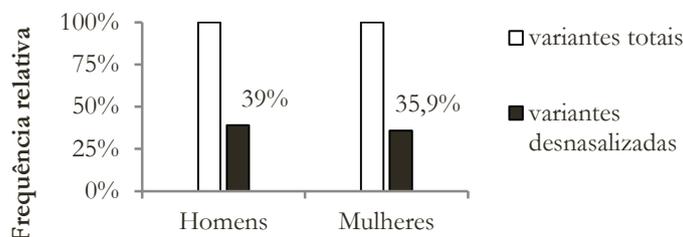
A coleta dos dados foi feita nos anos de 2015 a 2017. O *corpus* total contou com 128 ocorrências, 37,5% delas apresentaram variantes com desnasalização.

A análise variacionista deu-se de forma quantitativa, avaliando as frequências das variantes em cada parâmetro de cada dimensão.

As variantes encontradas para a variável “passagem” foram [pasaʒẽy], [pasaʒɪ] e [pasaʒe] e para a variável “homem” foram [õmẽy], [õmɪ] e [õme]. Como o fenômeno investigado ocorre em sílaba átona final, resolvemos agrupar os itens, *passagem* e *homem*, para

fins de análise. Também levamos em consideração que a redução do ditongo faz parte do processo de desnasalização. O gráfico 1 apresenta a frequência relativa das variantes distribuídas entre os sexos.

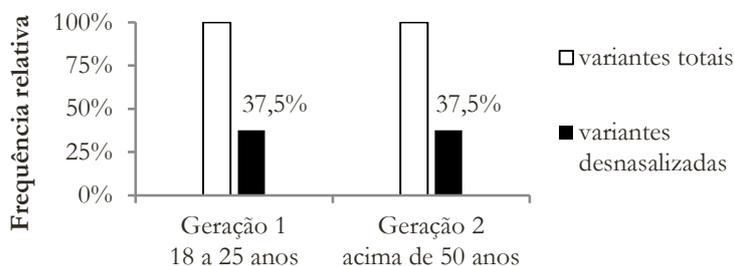
**Gráfico 01:** Desnasalização na dimensão diasssexual



Fonte: Elaboração do autor.

A partir do gráfico 1, vemos quase um equilíbrio entre as frequências de desnasalização entre homens e mulheres. Com a exposição dos dados, não podemos dizer que o sexo seja um fator condicionador, pois não há um sexo preponderante ao outro. Quanto à dimensão diageracional, apresentamos as frequências das variantes, a seguir.

**Gráfico 2:** Desnasalização na dimensão diageracional

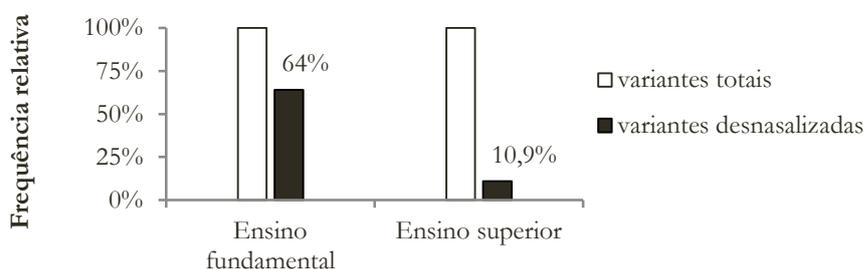


Fonte: Elaboração do autor.

Na dimensão diageracional, não há predominância da frequência de desnasalização em nenhum dos parâmetros adotados. Tanto a geração 1 quanto a geração 2 apresentam a mesma frequência. O que vemos é uma variação estável pelas gerações observadas.

Para a dimensão diastrática, o gráfico 3 apresenta as frequências das variantes em pessoas com diferentes escolaridades.

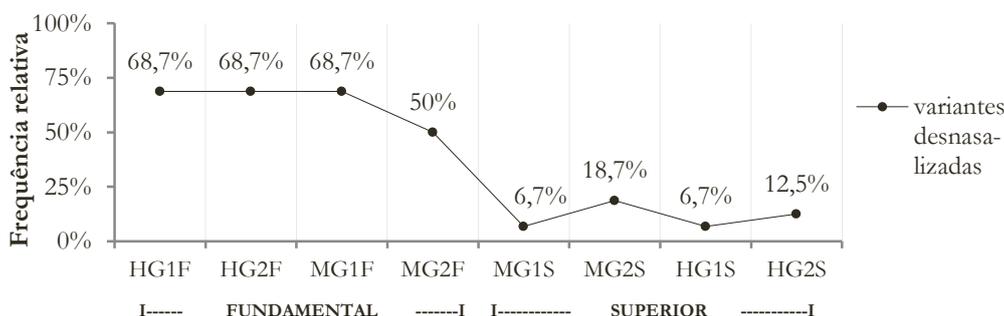
**Gráfico 3:** Desnasalização na dimensão diastrática



Fonte: Elaboração do autor.

Vemos que a escolaridade é um fator determinante na desnasalização. Os dados mostram que as pessoas com ensino fundamental apresentam maior frequência de desnasalização em relação às pessoas com ensino superior. Assim, podemos dizer que a desnasalização em sílaba átona final é condicionada diretamente pela baixa escolaridade das pessoas. Para destacar as frequências das variantes nos colaboradores estratificados, apresentamos o gráfico 4 com essas frequências em cada perfil, a seguir.

**Gráfico 4:** Desnasalização nos colaboradores estratificados



Fonte: Elaboração do autor.

Ao observar as frequências de desnasalização nos colaboradores estratificados, ratificamos que a baixa escolaridade é o fator social que condiciona a desnasalização em sílabas átonas finais. Todos os grupos de pessoas com ensino fundamental apresentam metade ou mais da metade da frequência de variantes desnasalizadas. Já os grupos com escolaridade superior apresentam baixo índice de frequência para o fenômeno investigado.

Fica claro que a dimensão diastrática é determinante para explicar as altas frequências de desnasalização e que essas frequências permanecem quase estáveis entre as gerações com baixa escolaridade. Logo, podemos dizer que a ocorrência de desnasalização não é um fenômeno da atualidade no falar belenense e que é estritamente relacionado aos grupos de pessoas com baixa escolaridade.

### Considerações finais

A partir da apresentação dos resultados, notamos que a desnasalização em sílabas átonas finais na cidade de Belém não é um fenômeno fonológico atual. Constatamos que a

baixa escolaridade condiciona diretamente o fenômeno no contexto extralinguístico e que se trata de um caso de variação estável ao observar, principalmente, as gerações com menos escolaridade.

## Referências

BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.22, p. 69-80, 1992.

BOPP DA SILVA, T. **A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

GUY, G. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. Tese (doutorado). Universidade da Pennsylvania, 1981.

\_\_\_\_\_. Rumos da sociodialetoлогия da América Latina. *In*: Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (2. : 2012 : Belém, PA). Diversidade linguística e políticas de ensino: **anais**. Coord. Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.

GOMES, C. et al., Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do rio de janeiro. **Diacrítica**. vol. 27 n.º.1, Braga, 2013.

MAGALHÃES, J.; BATTISTI, E. Fonologia Métrica. *In*: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017.

RAZKY, A. **Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004.

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY. **Atti del XXI Congresso Internazionale di linguistica e filologia romanza**, 21., 1995, Palermo. *In*: RUFINO, G. (Org.). Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

VOTRE, S. J. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1978.

## 8

---

## Imigrações, ocupações e memória: um estudo dos nomes dos municípios do Sudeste do Pará

Letícia Santos Gomes  
Elaine Ferreira Dias

### Introdução

O estudo dos nomes próprios, suas origens e processos de denominação, no âmbito de uma ou mais línguas, constituem objeto de estudo da Onomástica. O termo Onomástica vem do grego e significa “ato de nomear, dar nome”. A Onomástica é um ramo da Linguística que mantém relações com a História, a Geografia e a Sociologia dentre outras ciências. Essa ciência divide-se em duas áreas, a Antroponímia e a Toponímia. A primeira estuda particularmente os antropônimos, ou seja, os nomes próprios de pessoas, (prenomes ou apelidos), evidenciando sua origem, evolução e variação em função do local, época e costumes. A segunda, por sua vez, ocupa-se do estudo dos topônimos, isto é, do estudo dos nomes próprios de lugar, seus significados, suas origens, suas transformações e as motivações que influíram nas escolhas desses designativos. Esta pesquisa trata de um conjunto de topônimos específicos: os corotopônimos e os antropotopônimos.

Segundo Dick (1990), os estudos acerca dos topônimos sob uma forma mais sistematizada iniciaram-se na Europa, especificamente na França, por volta de 1878, tendo como seu precursor Auguste Longnon, o qual implantou os estudos toponímicos sob forma de disciplina regular em duas escolas francesas, que posteriormente resultaram em obras produzidas por seus alunos, deixando assim alguns seguidores nessa linha de pesquisa, como Albert Dauzat. No Brasil, os estudos toponímicos iniciaram com a participação de Levy Cardoso (1961), que colocou em evidência os topônimos de origem indígena.

As pesquisas acerca da toponímia brasileira com o caráter mais abrangente deram-se com os trabalhos de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, na Universidade de São Paulo (USP), sendo até hoje, a autora de grande referência dos estudos toponímicos brasileiros. Atualmente, esse quadro mudou e já existem diversos trabalhos voltados para os topônimos em todo o país, como as pesquisas desenvolvidas por Seabra (2006), em Minas Gerais. O Pará, segundo estado em extensão territorial do país, é um dos estados brasileiros com poucos estudos sobre sua toponímia.

A toponímia está voltada para duas perspectivas: a) o homem e a natureza e b) o homem e o meio sócio-cultural. Assim, os estudos toponímicos regionais mostram as características sócio-culturais, além de contribuir para preservação da memória histórica e social de uma determinada comunidade. Este estudo volta-se para a perspectiva de nomes de lugares motivados por natureza antropocultural. É o que se observa em Dick (1990):

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida (DICK, 1990. p. 47).

Desse modo, por meio dos estudos toponímicos, é possível analisar as influências linguísticas de outros idiomas/dialetos, além da influência de aspectos físicos, sociais, econômicos e políticos sobre os nomes de lugar. É, portanto, possível traçar aspectos da identidade de uma dada comunidade. De acordo com Dick (1990), a importância da toponímia está na sua função de preservação dos registros mais importantes de um povo, como sua história e memória. A memória aqui considerada, é a memória coletiva, fruto de "uma reconstrução continuamente atualizada do passado" (CANDAU, 2016, p. 9). Mais do que isso, a memória surge fundamentada na vivência/experiência o que difere da história, que é estabelecida por meio de acontecimentos do passado.

Diante disto, nota-se que a toponímia é um vasto campo de memória coletiva de uma comunidade, já que os nomes de lugares apontam características fundamentais no âmbito social, político e ideológico.

A relevância de estudar a toponímia da Mesorregião do Sudeste paraense justifica-se pela importância de um trabalho nesses parâmetros, na qual se analisa a relação entre fatores linguísticos, contexto sócio-histórico e cultural de um povo refletindo em sua identidade.

Assim, esta pesquisa busca discutir, em caráter inicial, como o processo de imigração refletiu na designação dos topônimos da Mesorregião Sudeste paraense, mais especificamente nas designações dos municípios de Abel Figueiredo, Bannach, Ulianópolis, Rondon do Pará, Canaã dos Carajás, Eldorado dos Carajás, Goianésia do Pará, Palestina do Pará e Paragominas. Os quatro primeiros municípios/localidades possuem motivação em nomes de pessoas (antropotopônimos), ao passo que os demais apresentam motivação em nomes de cidades, países ou regiões (corotopônimos).

O trabalho está dividido em duas subseções. A primeira tem por proposta apresentar a metodologia empregada na pesquisa e a segunda consiste em uma breve apresentação e discussão dos dados.

## Metodologia

Este trabalho é de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico e documental. Tem como objeto de análise os topônimos de municípios situados na Mesorregião Sudeste do Estado do Pará, com motivação em nomes próprios e em nomes de cidades, países e regiões.

O estudo foi realizado a partir de um levantamento de dados históricos e geográficos sobre o contexto sócio-histórico dos municípios em análise, com objetivo de caracterização, análise e posteriormente classificação desses topônimos, detendo-se nas motivações taxionômicas que se sobressaem nos nomes de lugares. Dessa forma, a presente pesquisa se fundamenta em estudos teóricos acerca da toponímia, estudos prévios sobre os municípios paraenses, dados do IBGE, dentre outras fontes.

## Resultados e discussão

A mesorregião do sudeste paraense é uma das seis mesorregiões do estado do Pará. Ela é composta por 39 municípios. Destes, nove possuem nomes com motivação em lugares e em nomes de pessoas. É o que se observa a seguir:

**Quadro 01:** Corpus

Nomes relacionados aos lugares	Nomes relacionados às pessoas
Canaã dos Carajás	Abel Figueiredo
Eldorado Carajás	Bannach
Goianésia do Pará	Rondon do Pará
Paragominas	Ulianópolis

Palestina do Pará
-------------------

Fonte: elaboração das autoras.

Conforme se podem observar no quadro (1), os nove topônimos selecionados apresentam características comuns por sua base motivacional. Todos trazem em maior ou menor grau a influência de imigrantes no processo de povoamento da região, seja pela referência a determinadas regiões nos designativos, corotopônimos, seja pela menção a nomes próprios, antropotopônimos.

Segundo fontes do Brasil (1991), o povoamento na Mesorregião Sudeste paraense iniciou a partir do séc. XVIII, através da garimpagem e da pecuária extensiva, mas somente na segunda década do século XX é que se observa um contingente populacional estável.

Foi no século XX, com a chegada de investimentos e a construção de rodovias como a BR-010/153, a PA-150, a PA-275 e a BR-222, que se observa uma transformação na região. No final da década de 50, a mesorregião experimentou uma intensa revitalização, apoiada pela implantação de infraestrutura (energia, ferrovia e rodovias) e por diversos programas governamentais, dentre os quais a elaboração do programa Grande Carajás e o projeto Ferro Carajás da Cia Vale do Rio Doce. Segundo fontes do Brasil (1991), na década de 70 houve um salto no desenvolvimento regional, com a exploração das jazidas de minerais e o desenvolvimento de atividades produtivas, como a atividade agrícola e a pecuária bovina.

O impacto de todos esses acontecimentos deixou registros na toponímia local. É o que se observa nos quadros (2) e (3) a seguir, que mostram a relação de corotopônimos e de antropotopônimos, com uma breve descrição de sua história, etimologia e sua estrutura morfológica.

**Quadro 02: Corotopônimos**

Topônimo	Descrição e etimologia	Estrutura morfológica
Canaã dos Carajás	O município, em sua contextualização histórica, surgiu a partir de um assentamento agrícola. A escolha desse nome deve-se à grande quantidade de evangélicos que residem na cidade. “Canaã”, topônimo de antigo país da Ásia Ocidental, designava a “Terra prometida” na região da Palestina prometida por Jeová aos descendentes de Abraão.	Topônimo composto por justaposição: Canaã + do (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + Carajás.
Eldorado Carajás	Topônimo masculino, o termo “Eldorado” vem do espanhol “el dorado” e designa país fictício ou cidade pródiga em riquezas e oportunidades.	Topônimo composto por justaposição Eldorado + do (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + Carajás.
Goianésia do Pará	O município de Goianésia do Pará pertencia à Fazenda Baronesa, cujo proprietário era originário do município de Goianésia, no estado de Goiás. Designação anterior: Santa do Rio Verde.	Termo híbrido formado por: “Goia”+ sufixo “nésia” + do (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o” + o termo <i>Pará</i> , que vem do tupi “pa’ra”, o mesmo que “rio-mar”).
Palestina do Pará	“Palestina”, de origem bíblica, designa antigo país do Oriente Médio, situado entre o deserto da Síria, o Líbano e o Mediterrâneo. Nome hebraico dos filisteus “Pelixthim”.	Topônimo composto por justaposição: Palestina + do (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o” + Pará.
Paragominas	O termo “Paragominas” é composto por “Pará”, pela sigla “GO”, que designa o Estado de Goiás, e “Minas”, forma simplificada que os mineiros chamam o estado de Minas Gerais.	Termo híbrido formado pelo nome do estado do “Pará” + a sigla do Estado de Goiás “GO” + a primeira parte do nome do estado de Minas Gerais, “Minas”.

Fonte: Adaptado de Ferreira (2003).

O quadro (2) mostra a relação de cinco municípios do Sudeste paraense com motivação em nomes de regiões, estados e países. Dos cinco municípios apresentados no quadro (2), três apresentam marcadores ideológicos, relacionados a valores da igreja Cristã<sup>1</sup>, são eles, os termos designativos de países e regiões sagradas: Palestina, em Palestina do Pará, Canaã, em Canaã dos Carajás e Eldorado, em Eldorado dos Carajás. Quanto às características internas, são topônimos compostos formados pela justaposição de um elemento genérico (EG) – a cidade do Oriente Médio, a terra prometida e a terra pródiga – a um termo específico (TE) – a designação oficial do próprio Estado, Pará, ou da designação da região dos Carajás. Quanto às características externas, esses três topônimos apresentam motivação em nomes de países e regiões relacionados à religião.

Dois outros topônimos desse grupo chamam atenção por sua estrutura morfológica, são eles: Paragominas e Goianésia do Pará. Segundo Dick (1988), com a transposição de povos de um lugar para outro, dá-se muitas vezes o deslocamento de primitivos nomes de lugares, de vocábulos que já nomeavam acidentes geográficos de outra região. Nesse caso, há o fenômeno da transposição, por isso, tem-se conhecimento de cidades que se nomeiam identicamente, em pontos distintos. Assim, em algum momento, houve interesse em trazer para o novo ambiente a presença do velho e tradicional, justificado talvez pelo saudosismo da terra distante ou por qualquer outro tipo de homenagem.

Assim, temos os étimos Paragominas, em homenagem aos Estados de Goiás e Minas e Goianésia do Pará, em homenagem à cidade de Goianésia, em Goiás. Como se pode comprovar pela história dos municípios.

De acordo com IBGE (2017), o fundador de Paragominas foi Célio Resende de Miranda, mineiro da cidade de Patrocínio e teve como contribuidores os goianos Eliel Pereira Faustino e Manoel Alves de Lima, que viajaram pela primeira vez à localidade da atual cidade no ano de 1958, com a pretensão de fundar uma nova cidade, às margens da Rodovia Belém-Brasília (FERREIRA, 2003). Desconhece-se precisamente, a data da criação do núcleo populacional que originou a atual cidade. Sabe-se, porém que fora formado por colonizadores goianos, mineiros, baianos e paulistas, logo depois dos trabalhos de demarcação e venda dos lotes de terra. Com a implantação da rodovia BR-010, que liga Belém a Brasília, passando por Paragominas, o desenvolvimento da atividade pecuária naquela localidade foi agilizado, e, em pouco tempo, tornou-se a base econômica municipal (IBGE, 2017).

Já o município de Goianésia do Pará começou a ser formado às margens da rodovia PA-150. Mais tarde, a abertura da PA-263 atraiu vários migrantes para a região em busca de trabalho. Eram centenas de pessoas que por lá acabaram ficando. Porém, havia pouca terra para muita gente. Por isso, os conflitos pela posse de terra não demoraram a acontecer. Cedendo às pressões, o dono de uma fazenda da redondeza acabou doando uma grande área para o assentamento das famílias dos trabalhadores. Em troca, o local passou a ser chamado de Goianésia, nome da cidade natal em Goiás do antigo proprietário. Assim nasceu, em dezembro de 1991, o município de Goianésia do Pará, localizado no Sudeste do Pará, a 292 quilômetros de Belém com uma população de mais de 22 mil habitantes, o município vive da agricultura, pecuária e outras atividades (FERREIRA, 2003; IBGE, 2017).

A seguir, o quadro (3) apresenta a relação de antropotopônimos considerados nesta pesquisa:

---

<sup>1</sup> Segundo Dick (1997), todo ato denominativo é um forte indicador de interação entre nome, ideologia e cultura, expresso sob distintas formas. Em cada ato notam-se valores que a comunidade social quer preservar e transmitir. Esses valores são considerados marcadores ideológicos.

**Quadro 03 - Antropotopônimos**

Topônimo	Descrição e etimologia	Estrutura morfológica
Abel Figueiredo	Abel Figueiredo foi político de grande relevância, que ocupou também o posto de deputado federal e governador do estado do Pará. O nome Abel origina-se do hebraico “hevel” indicando vaidade. Já Figueiredo constitui um sobrenome lusitano de origem geográfica.	Topônimo composto por justaposição: Abel+ Figueiredo.
Bannach	Sobrenome de origem germânica, em homenagem à família “Bannach”, que chegou na região em 1970 migrando do estado de Santa Catarina.	Topônimo simples: Bannach
Rondon do Pará	No ano de 1969, chegou ao lugar o médico e ecologista Camilo Vianna liderando estudantes e pesquisadores do Projeto Rondon que faziam atendimentos na área da saúde. Essa operação foi tão importante para a localidade que Candangolândia, designação anterior, passou a chamar-se Vila Rondon.	Topônimo composto por justaposição: Rondon + do (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o” + Pará.
Ulianópolis	O termo “Uliana” é sobrenome de origem italiana, forma feminina de “Uliano”, que, por sua vez, é variação vêneta e friulana de “Juliano>Zuliani”, e “pólis”, sufixo de origem grega que significa cidade, então, Cidade dos Uliana. Denominação anterior: Gurupizinho dos Capixabas	Termo híbrido formado pelo sobrenome “Uliana” + elemento de ligação “o” + sufixo “pólis”.

Fonte: Adaptado de Ferreira (2003).

O quadro (3), apresentado anteriormente, traz uma relação de quatro nomes de municípios com motivação em nomes próprios. São nomes de notáveis cidadãos locais que receberam homenagem. Abel Figueiredo, político de grande influência na região, a família dos Bannach, que migraram para a região na década de 70, e Rondon, em Rondon do Pará, em homenagem ao projeto Rondon, cujo nome faz uma homenagem a um bandeirante do século XX, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Contudo, antes de chamar Rondon do Pará, a região tinha por nome Candangolândia, em homenagem aos imigrantes. A cidade de Ulianópolis também teve por denominação anterior o nome Gurupizinho dos Capixabas, sendo este adjetivo gentílico um termo relativo aos imigrantes, que, no caso, foram imigrantes do Estado do Espírito Santo.

Desse modo, observa-se que, assim como os corotopônimos, os antropotopônimos selecionados refletem a influência e importância dos imigrantes na região. A forma como o signo toponímico retrata esses fatos externos reflete de perto a vivência do homem enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais do que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos (Dick 1990). O ser humano, desde o início de sua existência, procurou encontrar ou edificar locais, no qual fosse possível fixar-se e iniciar aglomerados sociais, sejam aldeias, vilas, povoados ou cidades, assim, acabaram por designar nomes a esses locais. Desse modo, é inegável a influência de aspectos não linguísticos no ato de denominação dos lugares.

Concordando com Dick (1990), é possível analisar a estrutura morfológica do topônimo por meio de aspectos intra e extralinguísticos. Portanto, a pesquisa toponímica permite a análise da relação entre o topônimo e o acidente geográfico. Ou entre aquele e aspectos humanos e sociais implicados no processo de nomeação toponímica.

### Considerações finais

Este capítulo buscou apresentar os resultados iniciais de um estudo sobre a toponímia na Mesorregião Sudeste do Pará, mais especificamente, os corotopônimos e os antropotopônimos. O *corpus* utilizado é composto de nove topônimos. Constatou-se que

todos os topônimos considerados atestam, em maior ou menor grau, a influência de imigrantes no processo de povoamento da região, seja pela designação de regiões, corotopônimos, seja pela designação de nomes próprios, antropotopônimos. Com isso, verificou-se a influência dos imigrantes provenientes dos Estados de Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, dentre outros, nos topônimos analisados.

Pode-se comprovar que o ato de designar os nomes das localidades está ligado a aspectos importantes dos valores sociais, políticos, culturais da memória coletiva e estabelece um vínculo de identidade entre o termo escolhido e o lugar nomeado. Desse modo, os topônimos podem representar valores e revelar traços culturais da memória e da identidade de uma região.

Pode-se concluir que o estudo dos topônimos constitui um importante indicador para o processo de constituição histórica, cultural e identitária de uma região. De fato, por ser um signo motivado, o topônimo preserva a memória, a história e a cultura de seu povo.

### Referências

- BRASIL. **Divisão do Brasil em messorregiões e microrregiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. V.2 t.1.
- CARDOSO, A. L. **Toponímia brasílica**. [S.l.]: Editora Biblioteca de Exército, 1961.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DICK, M. V. Toponímia e imigração no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 29, p. 83-92, 31 dez. 1988.
- DICK, M. V. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990.
- DICK, M. V. **Os Nomes como Marcadores Ideológicos**. 1997. Trabalho inédito.
- FERREIRA, J. C. V. **Cidades do Pará**. Belém: Buriti, 2003.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. História & Fotos, 2017. V4.2.4. [online] Disponível na internet via <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 24/02/2018.
- SEABRA, M. C. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

## 9

---

## A singular diversidade linguística em São Gabriel da Cachoeira

Maria Ivanete de Santana Felix

### Introdução

Neste capítulo, apresentamos a Região do Noroeste Amazônico, em especial o município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, como um espaço bastante interessante e peculiar por suas relações etnolinguísticas pouco conhecidas entre aqueles que não se dedicam a esse estudo. Contaremos a história de São Gabriel da Cachoeira, daremos uma visão geral da região, com a intenção de focalizar o alcance da imensa diversidade linguística, que embora decorra em multilinguismo e em diferenças culturais, as 27 etnias que habitam a região (22 presentes no Brasil) compõem uma mesma área cultural, estando em grande medida articuladas numa rede de trocas e identificadas, no que diz respeito à cultura material, à organização social e à visão de mundo. Apontaremos a motivação social como causa das relações multilíngues. Mostraremos as cinco famílias linguísticas e seus mais de vinte grupos étnicos, e falaremos das línguas oficializadas no município, evidenciando alguns fatores responsáveis pelo multilinguismo na região: a exogamia e a virilocalidade. Este capítulo faz parte de minha tese de doutorado, em processo, que versa sobre a relação semântico-lexical do Português falado pelas línguas oficializadas em São Gabriel da Cachoeira - AM.

### Conhecendo a história de São Gabriel da Cachoeira

A Fundação da Cidade de São Gabriel da Cachoeira data de 1761. Conforme Alves (2015), ao longo de sua história, o município recebeu quatro denominações: São Gabriel da Cachoeira, São Gabriel do Rio Negro (1891), São Gabriel e Uaupés (1943) e novamente o nome de origem, São Gabriel da Cachoeira (1966).

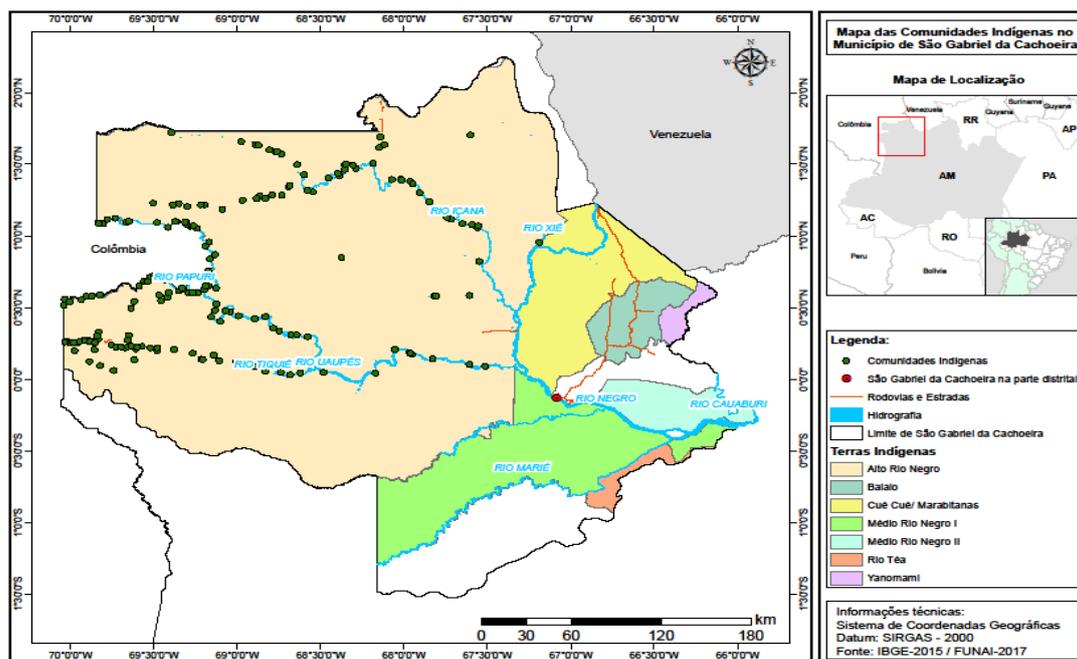
Como é sabido, por meio da história oficial, aos religiosos jesuítas e carmelitas coube a missão de catequizar os primeiros habitantes. As origens de São Gabriel estão atreladas, principalmente, à presença dos carmelitas que venceram os trechos encachoeirados do rio Negro, precisamente no local onde mais tarde viria a ser fundado o município de São Gabriel da Cachoeira. Posteriormente, seguiram desbravando a região, alcançando os rios Uaupés, Tiquié e Içana, por onde fundaram vilas e povoados, apostolando pessoas espalhadas por essa região para “o cumprimento da missão da cruz” (ALVES, 2015).

A história do município também está ligada diretamente à construção do Forte São Gabriel, o primeiro Destacamento Militar do Alto Rio Negro, o qual possuía a missão de defender a região contra as frequentes ameaças de invasões estrangeiras, em especial a espanhola.

O nome do povoado de São Gabriel da Cachoeira veio da homenagem prestada pelo seu fundador, o Capitão de granadeiros José da Silva Delgado, a um Tenente-Coronel de importante destaque na Capitania de São José do Rio Preto, atual Estado do Amazonas, Gabriel de Souza Filgueiras.

Atualmente, é um dos sessenta e dois municípios que integram o maior Estado do Brasil, o Amazonas. Segundo FOIRN (2016), sua extensão territorial é de 112.255 quilômetros quadrados, correspondentes a 7,18% da área total do Estado, dos quais mais de 80% são terras indígenas demarcadas e regularizadas, posicionando-o em terceiro lugar dentre os demais municípios do território brasileiro. Está situado a 90 metros acima do nível do mar, à margem esquerda do Rio Negro, um dos três maiores rios do mundo. É a última fronteira do noroeste da Amazônia, na região conhecida como “Cabeça do Cachorro”, limitando-se ao norte com a Colômbia e a Venezuela; e ao sul, com os municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Japurá (ver mapa abaixo).

**Figura 01:** Mapa de São Gabriel da Cachoeira (AM)



Fonte: ProDocult/IBGE/FUNAI, 2015 (Adaptado).

Os distritos que se destacam dentro de seu imenso território são Cucuí, Iuaretê, Içana, Pari-Cachoeira, Maturacá, Taracua, Querari e mais seiscentas comunidades espalhadas nos sulcos de seus rios.

Para nos situarmos em sua história, há necessidade de retrocedermos ao século XVI e apresentarmos fatos e a figura de importantes personalidades para a região do Alto Rio Negro.

Segundo o historiador Bento (2003), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a América do Sul, como é sabido pela história oficial, foi, por meio do Tratado de Tordesilhas, dividida entre dois reinos: Portugal (terras a leste) e Espanha (terras a oeste, abrangendo a atual Amazônia Brasileira).

Conforme Alves (2015), a partir de 1500, ano do descobrimento do novo mundo, outros países da Europa, como Holanda, Inglaterra e França lançaram seus interesses ávidos e gananciosos pelo que é hoje a Amazônia, surgindo a necessidade de união em um único reino entre Portugal e Espanha em defesa desse território. À Portugal coube a missão de conquistar e povoar a costa do Pará e áreas próximas do que atualmente é a Amazônia Brasileira.

Em 1616, o então Forte do Presépio ou Forte do Castelo, onde estão as origens da cidade de Belém, serviu como apoio à expedição de Pedro Teixeira. Após prestar serviços à Coroa Portuguesa, como muitos combates contra holandeses, ingleses e franceses e com a notícia da chegada de espanhóis no Alto Amazonas, e ainda procurando antecipar-se à

Espanha na conquista efetiva da Amazônia, parte com a missão de conquistar a maior porção da bacia Amazônica. Feito concretizado em 15 de agosto de 1639, à margem esquerda do rio Aquarico (atual rio do Ouro), ali plantou um marco e um povoado ao qual chamou de Franciscana, em homenagem a dois padres franciscanos mortos pelos índios Los Encabelados. Foi a partir dessas expedições, explana Bento (2003), que as regiões do Rio Negro começaram a ser identificadas e descritas com mais detalhes, além dos outros afluentes do rio Amazonas.

Considerável era a população indígena dessa região no século XVII, e seus primeiros contatos se deram, principalmente, com os brancos portugueses. E a partir de então, a penetração no rio Negro se intensificou com a presença dos colonizadores movidos pela ganância em busca de riquezas e de escravos para o trabalho em lavouras e para a coleta das drogas do sertão. Se esta foi uma época de grandes feitorias, entretanto, muito duros foram os conflitos travados no campo do relacionamento entre brancos e índios.

As emboscadas, lutas, guerras, fugas, fome, escravidão, tragédias, mortes contribuíram para a fuga em massa de nativos da região para áreas mais seguras e de difícil acesso trazendo como consequências o esvaziamento, o abandono e mesmo a extinção de determinadas povoações (ALVES, 2015). Como exemplo de atrocidades, faz-se referência às falsas tropas de resgate, que foram criadas, inicialmente, por piedade dos índios, isto é, com o intuito “de livrar seus corpos da morte e suas almas do inferno” por meio da catequização nas verdades católicas por anos, com a aclamação dos portugueses, que nos índios resgatados tinham escravos e servos para as suas lavouras. As tropas de resgate eram sempre acompanhadas de um religioso jesuíta responsável pela “liberdade” ou escravidão dos índios. A região de atuação dessas tropas era comumente no vale do Rio Negro (BENTO, 2003).

De acordo com o livro Povos Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN/ISA-2000), como consequências da atuação das falsas tropas de resgate, muitos índios foram apresados e descidos do Alto rio Negro. Entre tais escravos estavam, em grande número, indígenas das etnias Tukano, Baniwa, Baré, Maku, Werekena e outros que viviam na região e eram levados para trabalhar em Belém e em São Luís.

Diante de tamanhas atrocidades, algumas etnias se revoltaram contra os brancos e somente após muitas batalhas é que foram dominadas, evidenciam-se os Manao de origem Aruak e os Tupinambá de origem Tupi-Guarani.

Os Manao (de onde veio o nome da atual capital do Amazonas) eram os mais importantes nesta região, no século XVIII, por seu número, pela língua, pelos costumes e pelo valor. De natural espírito guerreiro, enfrentaram, durante anos, a soberania de Portugal combatendo as expedições, mantendo a imperiosidade no médio Rio Negro. A maioria da população dessa região era, até cinquenta anos atrás, seguramente, descendente desses indígenas.

Quanto aos Tupinambá, conforme Rodrigues (1996), dominavam as regiões entre Maranhão, Pará e Amazônia se estendendo até a boca do rio Tocantins, muito contribuíram no combate contra as forças portuguesas antes também de serem dominados. Esses episódios provocaram ainda um rastro de barbaridade pelos atos de crueldade praticados pelas falsas tropas de resgate, seus abusos eram exorbitantes, intoleráveis e excessivos. Finalmente, em 1750, essas tropas, após várias vezes proibidas e retomadas, visto que afetavam a ganância dos portugueses que a praticavam, foram de todo proibidas.

Atualmente, a evolução do município segue seu ciclo normal, onde cada pessoa de sua população estimada em 37.896 habitantes, desde seus primeiros ao último dos emigrantes vem contribuindo para a construção de uma contagiante história.

## Multilinguismo na Região do Rio Negro

Quando se fala em bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo, pensa-se logo na coexistência de sistemas linguísticos diferentes (língua, dialeto, etc.) numa comunidade ou na utilização simultânea de várias línguas por uma pessoa ou por um grupo, com equivalente fluência ou com proeminência de uma delas. E é exatamente isso que se evidencia em São Gabriel da Cachoeira, as duas ocorrências acima, com uma singular diferença, a proeminência, na sede do município, não é de uma das línguas que lá coexistem, mas de, no mínimo, quatro línguas: Português, Tukano, Nheengatu e Baniwa.

Com base no último censo IBGE (2010), São Gabriel da Cachoeira possui uma população residente de 37.896 pessoas, sendo que 29.017 declararam-se indígenas, isto é, 76,57% do total da população. E, conforme ainda, este último censo, a população indígena, na região, é de 50 mil pessoas, sendo essa pertencente a 23 diferentes grupos étnicos, são mais de 16 línguas indígenas faladas. A região possui cerca de 420 comunidades e 454 sítios.

Essa surpreendente característica da região do alto e médio rio Negro pode ser compreendida a partir de sua própria história e da dinâmica das relações sociolinguísticas entre as comunidades indígenas, já que o sistema social, de maior parte dessas comunidades (que envolve quinze grupos exógamos da família Tukano Oriental e quatro grupos Aruak), é baseado em exogamia linguística, em que os casamentos só são permitidos entre indivíduos que pertençam a grupos linguísticos diferentes, e a norma da virilocalidade, que junta no local de moradia do pai, numa mesma maloca ou comunidade, esposas de vários grupos exógamos. Como explanam as autoras:

Nesse sistema, cada indivíduo ‘fala’ a língua do pai enquanto, por mais proficiente que seja, apenas ‘imita’ outras, inclusive a língua da mãe. Essa distinção reflete o fato de que o uso ativo e exclusivo da língua do pai indica a identidade da pessoa como membro de um grupo social patrilinear e linguístico. Além da exogamia linguística, a norma da virilocalidade junta numa mesma maloca ou aldeia esposas de vários grupos exogâmicos. Assim, cada criança se forma num ambiente doméstico bilíngue e numa comunidade multilíngue, adquirindo primeiro a língua da mãe, mas depois adotando o uso exclusivo da língua do pai para afirmar a sua identidade social. Esses padrões de aquisição e uso linguístico tornam inevitáveis as influências mútuas entre as línguas em contato e criam um contexto rico para pesquisadores interessados em situações de mudança linguística. (STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2009, p.72).

Lasmar (2005), ressalta que a língua da mãe desempenha importante papel neste sistema multilíngue: “Ainda que a mãe use a língua do pai ao falar com seus filhos, as crianças são primeiro expostas à língua da mãe e tende a entendê-la muito bem, visto que a língua da mãe pode ser muito importante no sistema preferencial de casamento.”

Sorensen (1967) expõe sobre esse sistema preferencial: “Há uma preferência, mas não obrigação, de se casar com sua prima cruzada, particularmente a filha do irmão da mãe. Além disso, ao longo dos anos, um indivíduo é exposto a pelo menos duas ou três línguas além das línguas do pai e da mãe.”

Há ainda, segundo Stenzel (2009), uma peculiaridade extremamente interessante, o fato de que embora as pessoas sejam expostas a diferentes contextos linguísticos ao longo de anos além, como as línguas do pai e da mãe, ninguém tenta falar uma língua na qual não se tem competência. Ocorre o que a autora denomina de uma atitude “purista”, de acordo com a qual a mistura de línguas não é aconselhável.

Para Chacon (2014), as línguas são dimensões da vida social e, como tal, possuem um papel importante nas redes de alianças interétnicas. Em vez de separação, reforça-se o papel das línguas na constituição da fluidez das trocas socioculturais. O autor acrescenta

ainda que a exogamia não chega a ser um princípio regulador, mas, antes, é resultado de um equilíbrio tênue da ecologia linguística na região.

Essa prática da exogamia linguística, muito comum entre os diferentes grupos indígenas, como exemplo a maior família linguística da região, a Tukano Oriental que possui quinze grupos linguísticos exógamos, pode ser um dos maiores fatores para se entender o alto grau de diversidade linguística na área. Portanto, como consequência dessas complexas relações, chega-se a acreditar ser bem natural de se esperar que um município como São Gabriel da Cachoeira possa apresentar quatro línguas oficiais.

### **Motivação social**

Rodrigues (1993) relata que os povos indígenas sempre lidaram com contextos de multilinguismo. Por isso, que o número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado. Há aqueles que falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas. Conclui ele que não é difícil achar sociedades ou indivíduos indígenas em situação de bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo.

As comunidades indígenas da família Tukano Oriental, situadas em grande parte ao longo do rio Uaupés - um dos tributários do Rio Negro - são exemplos dessa afirmação, pois, como foi dito anteriormente, numa mesma comunidade indígena é bastante comum encontrar com pessoas que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngues ou multilíngues. Comprovando que a diferença linguística não é, necessariamente, obstáculo para que os povos indígenas se inter-relacionem, quer por meio de casamentos, de seus costumes tradicionais de trocas, de suas festas, ou que assistam aulas juntos, como ocorre cotidianamente nesta região. Conforme a seguinte observação do autor:

Entre esses povos habitantes do rio Negro, os homens costumam falar de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam de oito a dez idiomas. Além disso, as línguas representam, para eles, elementos para a constituição da identidade pessoal. Um homem, por exemplo, deve falar a mesma língua que seu pai, ou seja, partilhar com ele o mesmo “grupo linguístico”. No entanto, deve se casar com uma mulher que fale uma língua diferente, ou seja, que pertença a um outro ‘grupo linguístico’. Os povos Tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo (RODRIGUES, 1986) (Adaptado).

Assim como as línguas da família do Tukano Oriental, apresentadas aqui como exemplo dessa singularidade linguística (já que dentre elas, a língua Tukano tornou-se língua franca na área do rio Uaupés “servindo de veículo de comunicação entre falantes de línguas diferentes”), outras línguas são utilizadas a fim de superar entraves linguísticos. Os contextos de fala, como observado, nesta região, são muito variados, portanto dependendo da relação linguística, uma outra língua vem à tona como língua de contato naquela situação de comunicação. Como é o caso do Nheengatu, do Português, do Espanhol (resultante de relações comerciais) ou das línguas das famílias Aruak e Maku.

Essas diversas comunidades indígenas distribuem-se nos bairros do Distrito municipal de São Gabriel, no núcleo urbano de Iauaretê e ao longo dos rios que cortam o município, como o Uaupés, o Içana, o Xié, o Tiquié e o Negro. São mais de quatrocentas pequenas comunidades que vivem em Terras Indígenas.

Na parte distrital de São Gabriel, estão localizados os serviços básicos essenciais como os correios, grandes escolas, bancos, etc. e, também, programas sociais do governo federal, como o Bolsa Família, portanto, atraindo indivíduos das mais diferentes comunidades e línguas que interagem entre si. Como se está constatando, São Gabriel é um município onde a maioria da população é multilíngue; cuja escolha da(s) língua(s) que cada um fala e em que se exprime socialmente assume uma importância capital no processo de identidade coletiva.

Na verdade, a relação que se estabelece entre as várias línguas é, ela própria, plurifacetada: se o Nheengatu tende a ser uma língua veicular complementar das demais línguas indígenas, ele é geralmente entendido, não como uma segunda, terceira língua, mas como uma língua usada para contatar falantes de outras línguas, não suscitando formas de concorrência, de rivalidade, de antagonismo. O mesmo se poderá afirmar das outras línguas em jogo. Há casos em que é o Português que funciona como língua franca. Em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, há situações em que diferentes povos indígenas e a população ribeirinha falam o Nheengatu, quando conversam entre si. A opção pelo Português, pelo Tukano ou pelo Baniwa não tende a ser mutuamente exclusiva, ou seja, a opção por uma ou por outra dependerá da relação social, isto é, uma boa motivação social, neste contexto cotidiano multilinguístico. Praticamente, todo indivíduo conhece fluentemente três, quatro ou mais línguas. Apenas os Maku e alguns não indígenas não são multilíngues (STENZEL, 2005).

### As cinco famílias linguísticas

Segundo a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e o Instituto Socioambiental (ISA), a região do Alto e Médio Rio Negro é habitada tradicionalmente há pelo menos 2.000 anos por um conjunto diversificado de povos indígenas. Atualmente, lá convivem mais de trinta povos indígenas, que falam idiomas pertencentes a cinco famílias linguísticas distintas: Tukano Oriental, Aruak, Maku, Yanomami e Tupi-Guarani, conforme Rodrigues (1986) e Cabalzar e Ricardo (1998) (ver tabela abaixo).

**Tabela 01-** As cinco famílias linguísticas<sup>1</sup>

GRUPO ETNICO-LINGUÍSTICO	FAMÍLIA LINGUÍSTICA
Tukano, Desana, Kubeo, Kotiria/Wuanana, Utapinozona/Tuyuka, Karapanã, Wa'ikhana/Piratapuya, Miriti-tapuya, Arapaso, Bará, Siriano, Makuna, Barasana(Panenoa) Tatuyuo*, Yuruti*, Taiwano(Eduria)*	Tukano Oriental
Baniwa, Baré, Kuripako, Werekena, Tariana	Aruak
Hupda, Yuhupde, Dow, Nadöb, Kakwa*, Nukak*	Maku
Yanomami, Yanomam, Ninam, Sanumá	Yanomami
Nheengatu	Tupi-Guarani

Fonte: Siasi/Sesai (2014).

A família *Tukano Oriental* é representada pelos povos Tukano, Desana, Kubeo, Kotiria/Wuanana, Karapanã, Utapinozona/Tuyuka, Wa'ikhana/Piratapuya, Miriti-Tapuya, Arapaso, Bará, Siriano, Makuna, Barasana (Panenoa) Tatuyuo, Yuruti, Taiwano (Eduria) e são habitantes dos rios Uaupés, Tiquié, Papuri, Querari, Alto Rio Negro, Santa Izabel e São Gabriel da Cachoeira, rio Curicuriari, rio Apaporis, rio Traíra, Departamento de Vaupés e Guaviare (os dois últimos na Colômbia).

A família *Aruak* é representada pelos povos Baniwa, Baré (falantes de Nheengatu), Kuripako, Tariana e Werekena. Ocupam os rios Içana, Ayari, Cuari, Xié, Alto Rio Negro,

<sup>1</sup> As etnias marcadas com asteriscos (\*) habitam o território colombiano.

médio curso do rio Uaupés, Departamento de Guainía (Colômbia), Estado Amazonas (Venezuela).

A família *Maku* (ou Nadahup) é representada pelos povos Hupda, Yuhupde, Dow(Dâw), Nadöb, Kakwa, Nukak; habitam a região entre os rios Uaupés, Tiquié Papuri, os igarapés Castanha, Canuri e Ira, rio Apapóris, rio Traíra, nas proximidades de São Gabriel até a foz do rio Curicurari e do rio Marié, rio Uneuxi, rio panará Boá-boá, rio Téa e no Departamento de Vaupés e Guaviare (os dois últimos na Colômbia).

A família *Yanomami* é representada pelas etnias Yanomami, Yanomam, Ninam e Sanumá. Ocupam a região das bacias dos rios Padauri, Marauíá, Inambú, Cauaburi ao norte do Rio Negro.

A família *Tupi-Guarani* é representada por um grande número de indivíduos, de grupos étnicos diversos, que atualmente falam Nheengatu, língua que foi introduzida na região no século XVIII (RODRIGUES, 1986; CABALZAR; RICARDO, 1998), portanto, sua abrangência é muito diversa.

Diante desse mosaico linguístico, em um caso incomum na federação brasileira, foram reconhecidas, após a aprovação da Lei Municipal 145, de 22 de novembro de 2002 como línguas oficiais no município de São Gabriel da Cachoeira, ao lado do Português, três idiomas indígenas dissemelhantes (por possuírem um número maior de falantes, e assim consideradas línguas fortes da região ou línguas francas), são eles: o Tukano, o Baniwa e o Nheengatu, línguas tradicionais faladas pela maioria dos habitantes do município.

O município foi a primeira localidade brasileira a reconhecer outros idiomas como oficiais, além do Português. Atualmente, São Gabriel da Cachoeira (no Amazonas), Pomerode (em Santa Catarina) e Tacuru (no Mato Grosso do Sul) são exemplos de municípios brasileiros a possuir mais de um idioma oficial (Pomerode reconheceu o idioma variedade do alemão como cooficial em seu território, enquanto que Tacuru reconheceu a língua Guarani como cooficial). É importante chamar atenção para o fato de que não há, entre as línguas oficiais de São Gabriel, disputa, competição ou rivalidade.

A própria diversidade linguística, uma das maiores características do lugar, encarrega-se desse uso espontâneo nas relações cotidianas, isto é, na organização social e na ocupação dos territórios nos quais cada língua oficial assume o papel de língua franca.

## **A Língua Portuguesa**

Dentre as quatro línguas, o Português, a língua de colonização da região, aí se instalou de forma coerciva, trazido pelos missionários os quais até os dias atuais estão presentes na maioria das comunidades ao longo dos rios, calhas e estreitos.

A Igreja Católica era uma das instituições que mais se apoiava na Língua Portuguesa (a língua da igreja), bem como a administração pública, o ensino (“Colégio das irmãs”, “Colégio dos padres”) e o exército. As gerações que foram à escola com os missionários no período entre 1930 a 1960 – e mesmo depois – fizeram a sua aprendizagem escolar básica em Língua Portuguesa. Em termos gerais, pode-se afirmar que, à medida que os níveis de instrução dessa população indígena ia crescendo, os serviços sociais públicos iam estendendo os seus ramos, o que representava uma modificação positiva relativamente ao momento da Língua Portuguesa, então, esta ia se espalhando e assumindo um papel cada vez mais importante na intercomunicação entre os moradores do distrito gabrielense.

Como fatores explicativos do contraste entre o sucesso do Português e a relativa irrelevância da língua dos ancestrais, está a instituição escolar e as relações familiares, esta última expressa pelo desejo de ver o filho inserido na sociedade de forma competente, isto é, dominando o idioma oficial do país. No Ensino Fundamental, ainda que se tenha no horário escolar espaço para as línguas indígenas, não há aplicabilidades práticas dessas línguas na vida dos mais jovens.

## A Língua Tukano

Como sublinha o ISA (2000; 2003), essa língua é falada pelos Tukano e por várias outras etnias que fazem parte do grupo indígena que fala línguas da família Tukano Oriental, são elas: Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubeo, o próprio Tukano, Makuna, Miriti-tapuya, Pirá-tapuya, Siriano, Tariana-origem Aruak, Tuyuka, Kotiria, Taiwano, Tatuyo, Yuruti (sendo que as três últimas habitam a Colômbia). Dentre essas línguas, a Tukano é a mais falada pelos demais e pelos outros grupos do Uaupés brasileiro e em seus afluentes Tiquié e Papuri, passando a ser língua franca, permitindo a comunicação entre povos com línguas paternas bem diferenciadas e, em muitos casos, não compreensíveis entre si. A equipe ressalta que em alguns contextos, o Tukano passou a ser mais usado do que as próprias línguas locais. Em sua maioria, organizam-se em fratrias e sibs patrilineares exogâmicos, isto é, os indivíduos pertencem ao grupo de seu pai e falam a sua língua, mas devem se casar com membros de outros grupos, idealmente falantes de outras línguas. Participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sociocultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná” que se distribuem pela bacia do rio Uaupés e outras bacias vizinhas ao sul. Os Tukano são bastante conhecidos pela confecção de seus bancos de madeira.

Os povos Tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo. (RODRIGUES, 1986). Adaptado.

## A Língua Baniwa

Em conformidade com Wright (1981), os Baniwa autodenominam-se Walimanai ou Wakuenai e Kuripako, povos cujos idiomas pertencem à família linguística Aruak. Ocupam toda a bacia do rio Içana e estão distribuídos em 93 povoados, entre comunidades e sítios, perfazendo, no ano de 2000, um total aproximado de 15 mil indivíduos, estando cerca de 4.026 no Brasil. Em solo brasileiro, os povoados estão localizados, além do Baixo e Médio Içana, nos rios Cubate, Cuiari e Aiari.

Os Baniwa também estão presentes em comunidades do Alto Rio Negro, nas cidades de São Gabriel, Santa Isabel e Barcelos. Formaram comunidades no Rio Negro, estando presentes também nas cidades de São Gabriel, Santa Isabel e Barcelos; também migraram para a Colômbia e a Venezuela, espalhando-se pelos rios Inírida e Guainía. Embora não existam grupos linguísticos diferentes, os Baniwa também se subdividem, organizando-se em várias fratrias, que são conjuntos de grupos locais aparentados como irmãos entre si, como os Oalipere-dakenai e os Dzauinai. Geralmente as pessoas casam fora de sua fratria.

Os Baniwa traçam descendência pela linha paterna e cada uma das fratrias consiste de quatro ou cinco sibs, como por exemplo os Tuke-dakenai, Kutherueni e outros que pertencem à fratria dos Oalipere-dakenai; ou os Kathapolitana que pertencem à fratria dos Dzauinai. Os sibs de uma fratria estão ordenados como uma família de irmãos, de mais velho a mais novo, de acordo com a história de criação. São excelentes artesãos. São os únicos fabricantes dos raladores de mandioca feitos de madeira e pontas de quartzo, que são distribuídos em toda a região, através das trocas interétnicas e dos comerciantes. Atualmente, são os principais produtores de urutus e balaios para venda, tecendo as peças nos mais diferentes tamanhos, tipos de desenho e coloração.

## A Língua Nheengatu

Conforme o ISA (2018), os Baré e os Werekena, falavam a língua da família linguística de qual fazem parte, Aruak. Hoje, como consequência do contato com missionários jesuítas e a colonização adotaram a Língua Geral ou Nheengatu e, atualmente, esta língua representa uma marca de sua identidade cultural. Eles habitam, em sua maioria, as regiões do Rio Xié e do Alto Rio Negro para onde se deslocaram, forçosamente, em decorrência desse opressivo contato com o não índio. Suas histórias foram marcadas pela violência e a exploração do trabalho extrativista. Essa população é majoritariamente protestante. Atualmente, os Baré falam somente uma das línguas francas, o Nheengatu. Mas, ainda há algumas comunidades Werekena do Alto Xié que falam Werekena, em algumas de suas relações sociais.

A despeito, com o tempo, do avanço do Português, como idioma nacional, o Nheengatu foi perdendo espaço, entretanto, continua vivo e muito usado na calha do Rio Negro, em seu curso médio e alto, em alguns de seus afluentes, como no Baixo Içana e no Rio Xié e em São Gabriel da Cachoeira,

De acordo com Meira (1994), essa população indígena do Rio Xié costuma trabalhar nas cotidianas tarefas domésticas, como a caça, a pesca, a coleta, o trabalho na agricultura e a confecção de objetos de trabalho, como também na extração da fibra da piaçabeira. O que lhes confere relevância social, uma vez que piaçava representa, juntamente com o cipó, o principal recurso natural cuja comercialização permite o acesso dessa população a alguns itens industrializados de que necessitam, adquiridos em suas relações comerciais.

## Palavras finais

Localizado no Noroeste Amazônico, no Alto Rio Negro, o município de São Gabriel da Cachoeira apresenta uma realidade sociolinguística complexa por apresentar uma grande diversidade de etnias, línguas e culturas. Como foi assinalado, são cinco as famílias linguísticas presentes na região que se dividem em vários grupos étnicos. Cada família linguística se concentra em maior número de pessoas em uma das calhas de rio: Uaupés, Içana e Rio Negro e Xié. Dessa maneira, as calhas de rio apresentam uma língua predominante que serve para a comunicação interétnica. Assim, temos o *Tukano* na bacia do Uaupés, o *Nheengatu* nos rios Negro e Xié e o *Baniwa* no rio Içana. Após muitas discussões por parte das lideranças indígenas e algumas instituições e organizações (IPOL, ISA, UFAM, FOIRN) oficializou-se essas três línguas indígenas em nível municipal na Lei 145/2002 e, após alguns anos, regulamentou-se na Lei 210/2006.

Essa extrema e fascinante fragmentação linguística favoreceu o aparecimento de línguas de contato capazes de proporcionar viabilidade nas relações entre os diversos grupos de falantes. Em São Gabriel, essa função foi desempenhada, ao longo do último século, pelo Nheengatu (LGA), visto que os Baré foram os primeiros habitantes da sede do município. Ela se configura em uma língua importante na região do Rio Negro, onde é falada, além dos Baré, pelos indígenas Baniwa e Werekena. O segundo grupo a chegar a São Gabriel foi o dos Tukano, que possuem, na atualidade, o maior número de falantes e estão em crescente expansão, daí sua força diante das demais línguas. Os Baniwa, dentre eles, foram os mais recentes a residirem na sede.

Dentro do sistema multilíngue existe a ideia de que todas as línguas são iguais, nenhuma é mais importante que a outra. Porém, na prática, não é exatamente o que ocorre. O grupo Tukano tem maior número de falantes. É uma realidade que está acontecendo no Alto Rio Negro. Então, várias etnias terminam cedendo espaço a esta língua, como exemplo, a língua Tariana. O que alguns autores denominam de “processo de tukanização”.

É imprescindível considerar ainda que, além deste mosaico linguístico indígena, outras línguas são faladas na região. A língua espanhola, por exemplo, acompanhou a deslocação das práticas comerciais na fronteira com a Colômbia.

Como se observa, é por meio das formas como se constroem e se articulam as relações socioculturais, das práticas cotidianas é que se pretende chegar à compreensão dos níveis de identidade cultural e das bases sobre as quais se assenta o próprio sentimento de identidade “nacional” são gabrielense.

A abordagem dessa peculiar característica, o multilinguismo, a partir de uma visão sociolinguística, permite a análise do percurso histórico das línguas indígenas no Noroeste Amazônico e o entendimento das relações naturais de multilinguismo e da riqueza dessa herança cultural, cuja história oficial pouco ou dificilmente expõe como base de estudos escolares brasileiros para maior entendimento da pluralidade do próprio povo brasileiro.

Essas línguas, acrescidas às demais famílias linguísticas, tornam-se majoritárias neste espaço geográfico em que se encontram, porém, são integrantes de uma cultura que as tornam quase invisíveis no espaço público nacional.

## Referências

ALMEIDA, A. W. B. de (*et al.*). **Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro**. Manaus: UEA Edições, 2010.

ALVES, E. C. **São Gabriel da Cachoeira, sua Saga, sua História**. Goiânia: Editora Kelps, 2007 (2015).

BENTO, C. M. **Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação e Manutenção (1616-2003)** (História Militar Terrestre da Amazônia). Porto Alegre: Gênese, 2003.

CHACON, T. Considerações sobre a exogamia linguística no Noroeste Amazônico. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, 2014.

CABALZAR, A.; RICARDO, C. A. **Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN, 1998.

CRUZ, A. da. **Fonologia e gramática do Nheengatu: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Tese (Doutorado). Vrije Universiteit, 2011.

**Equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA)**. Povos Indígenas no Brasil. <http://pib.socioambiental.org>. Acessado em: 03/02/2018.

Levantamento socioeconômico, demográfico e sanitário da cidade de São Gabriel da Cachoeira. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, 2006.

Mapa livro Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro, FOIRN-ISA. MEC/SEF, 2. ed, 2000.

MEIRA, M. **O tempo dos padrões: extrativismo da piaçava entre os índios do rio Xié (Alto Rio Negro)**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Campinas, 1993.

RICARDO, C. A.; MARTINELLI, P. **Arte Baniwa: cestaria de arumã**. 2. ed. revisada. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira: Foirn, 2000.

RODRIGUES, A. D. Os estudos de lingüística indígena no Brasil. **Revista de Antropologia**. São Paulo, 12, p. 09-21, 1963.

\_\_\_\_\_. Relações internas na família lingüística Tupi-Guaraní. **Revista de Antropologia**. São Paulo, n. 27/28, p. 33-53, 1985.

\_\_\_\_\_. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. *In: Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL*, vol. 1, Belém: EDUFPA, 2002.

STENZEL, K. Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited. *In: II Congress on Indigenous Languages of Latin America CILLA*, Austin, Texas, 2005.

STENZEL, K; GOMEZ-IMBERT, E. Contato Linguístico e Mudança Linguística no Noroeste Amazônico: O Caso do Kotiria (Wanano). **Revista da ABRALIN**, v.8, n.2, p.71-100, jul/dez. 2009.

SORENSEN, A. Multilingualism in the Northwest Amazon. **American Anthropologist**. Vol. 69, No. 6 (Dec. 1967). 1967.

WRIGHT, R. M. **Demons with no heads**: NTM and the Baniwa of Brazil, 1981.

\_\_\_\_\_. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras; Instituto Socioambiental, 2005.

## 10

## *Debaixo desse angu tem carço?* A presença de fraseologismos no discurso político brasileiro<sup>1</sup>

Davi Pereira de Souza

### Introdução

Dois fatos inerentes à espécie humana, que se cruzam teoricamente desde as origens mais remotas de organização social, são certamente a linguagem e a política, sendo a primeira responsável pela estruturação da segunda (DORNA, 1995). De fato, pode-se considerar, em sentido amplo, que todo ato de linguagem é também um ato político na medida em que busca, em última análise, agir sobre o outro, para influenciá-lo. Assim, tal como a política, a linguagem presta-se a negociações, a tensões ideológicas, visando a algum tipo de poder. E, em nome do poder, tanto uma quanto a outra pode tornar-se prejudicial à sociedade, provocando guerras, crises e descontentamento. Nesse sentido, atualmente, no Brasil, os rótulos *coxinha* e *mortadela*, dentre tantos outros que viralizam com o suporte das mídias virtuais, figuram como instrumentos linguísticos que demarcam posicionamentos, interesses e afiliações político-partidárias, servindo-se, muitas vezes, a algum tipo de desconstrução da biografia de alguém, criando assim um clima hostil, no qual a simples menção a A ou a B pode desencadear discussões e até pancadaria.

Além dessas palavras de cunho marcadamente pejorativo, outras unidades lexicais, de maior extensão sintagmática, descrevem, nomeiam ou denunciam atos, práticas, processos e relações estabelecidas no âmbito da política. Desse modo, sequências como *crime de colarinho branco*, *balcão de negócios*, *caixa dois* e *lavagem de dinheiro* fazem referência a uma parte corrosiva, viral e repugnante da política que se instalou em praticamente todos os segmentos e repartições sociais, indo do ambiente familiar a mais alta cúpula de magistrados. A sensação, principalmente, no Brasil, é de uma *terra sem lei* (e justiça!), onde os cidadãos parecem estar constantemente *no olho do furacão*.

Nesse contexto, este capítulo tem como objetivo demonstrar a presença de fraseologismos no discurso político, com foco nos contextos de uso real em que tais unidades foram utilizadas. Apresentam-se alguns exemplos em torno de temáticas relacionadas ao âmbito da política brasileira, tais como crise política, financeira, *impeachment*, corrupção e eleição de 2014. Trata-se, na verdade, de um recorte de uma investigação mais ampla (SOUZA, 2018) que se ancorou nos aportes teóricos da Fraseologia francesa e na abordagem metodológica da Linguística de *Corpus*, tendo como objetivo final produzir um glossário, em versão impressa e eletrônica, de fraseologismos utilizados no discurso político brasileiro, a partir de um *corpus* escrito constituído de textos que tratam acerca de política, extraídos de *blogs* e colunas pessoais de quatro colonistas que assinam matéria sobre o tema nas revistas *Época*, *Isto é*, *Carta Capital* e no jornal *Folha de São Paulo*. Ao todo, compuseram o *corpus*<sup>2</sup> 570 textos publicados entre janeiro de 2014 e dezembro de 2016.

<sup>1</sup> Este capítulo constitui um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “Fraseologismos no discurso político: uma proposta de glossário”, defendida em 2018, orientada pelo prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA/UnB) e coorientada pela profa. Dra. Maria Luísa Ortiz Alvarez (UnB).

<sup>2</sup> Para selecionar os textos e as fontes a serem consultadas, estabeleceram-se os seguintes critérios: (i) os textos deveriam ter sido publicados entre janeiro de 2014 e dezembro de 2016; (ii) o colonista deveria estar

Optou-se por esse recorte temporal porque nesse período estão circunscritos o início da Operação Lava-Jato, aproximadamente em março de 2014, e o processo de *Impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Para otimizar a tarefa de tratamento dos dados, foi utilizado o *software WordsSmith Tools* (SCOTT, 2008) que realiza busca semiautomática em grandes *corpora* textuais. Já para a organização do glossário, foi usado o *software Lexique pro* – versão 3.6 (SIL, 2004-2012).

Do ponto de vista teórico, o trabalho adota principalmente os pressupostos da corrente francesa da Fraseologia, baseando-se nos estudos desenvolvidos por Maurice Gross (1982, 1993), Gaston Gross (1988, 1996), Béatrice Lamiroy (2005, 2008, 2016) e, sobretudo Salah Mejri (1997, 1998, 1999, 2002, 2005, 2008, 2012, 2018). Deste modo, considera-se unidade fraseológica ou fraseologismo a combinatória sintagmática recorrente (MEJRI, 2012) que apresenta, em diferentes graus, propriedades como polilexicalidade, fixidez, congruência, idiomatidade, frequência de uso, entre outras.

O texto está organizado em três seções principais. A primeira seção, após a introdução, apresenta as concepções de política e de discurso político adotadas no trabalho. A segunda seção discute os conceitos básicos da Fraseologia, com destaque para os critérios propostos por Mejri (2012). Por sua vez, a terceira seção apresenta os resultados e a discussão a respeito da presença de fraseologismos nos textos sobre política, seguindo-se posteriormente as considerações finais e as referências.

### Concepções de política

Etimologicamente, o termo política provém do adjetivo grego *politikós*, que deriva de *pólis*<sup>3</sup>, relativo à “cidade autônoma e soberana, cujo quadro institucional é caracterizado por uma ou várias magistraturas, por um conselho e por uma assembleia de cidadãos” (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, p. 949). Em seu sentido clássico, tributado em geral aos filósofos gregos Platão e, sobretudo Aristóteles, política diz respeito à arte ou ciência do Governo. Trata-se, pois, de uma forma de saber a respeito de atividades humanas que se referem de algum modo ao Estado (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998, p. 954). Modernamente, o termo passou a designar a atividade ou o conjunto de atividades relacionadas ao Estado.

Weber (2011 [1967, 1968]) enfatiza que o conceito de política é abrangente, podendo incluir qualquer espécie de atividade diretiva e autônoma. Neste sentido, pode-se falar de política escolar, política de sindicato adotada durante uma determinada greve, política de descontos etc. Ao levar em consideração esse caráter mais fluido da definição, Fiorin (2009, p. 148) indica que: “fala-se em política do corpo, politizar a sexualidade, política de cotas, política de ação afirmativa etc.” Na mesma direção, Maar (2006), embora reconheça certa unanimidade com relação à política institucional, afirma que, na verdade, o que existem são políticas, ou pelo menos diferentes propostas políticas na sociedade.

Por sua vez, o sociólogo alemão, acrescentando a noção de poder à definição moderna de política, entende por esse termo: “o conjunto de esforços feitos com vistas a participar do poder ou a influenciar a divisão do poder, seja entre Estados, seja no interior de um único Estado” (WEBER, 2011 [1967, 1968], p. 67). Desde Aristóteles, já se discutia

---

vinculado a revistas/jornais de grande circulação no país; (iii) deveria ser, preferencialmente, engajado em discutir assuntos relacionados à política e; (iv) na medida do possível, representar ideologicamente uma ou mais tendência política, de direita, esquerda, centro etc. Ressalte-se que este último critério, pela dificuldade de aferir com precisão a orientação política do colunista, não foi utilizado como determinante para a seleção de um ou outro jornalista, embora os colunistas escolhidos expressem implícita e/ou explicitamente, nos textos, sua preferência ideológica. O *corpus* constituído possui as seguintes dimensões: 457, 217 *tokens* e 37, 188 *types*.

<sup>3</sup> Aristóteles (2001) considera a *pólis* como uma sociedade política, sendo a mais importante das associações humanas, cuja vantagem consiste em favorecer o bem mais alto dentre todos.

o aspecto do poder político. Logo, a noção de poder não pode ser dissociada do conceito de política, pois esta, sendo concebida como forma de *práxis* humana, está intimamente relacionada à noção de poder (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998).

Assim, o poder constitui um traço definidor da política. Por esse motivo, Maar (2006, p. 8-9) explica que “Entre o voto e a força das armas está uma gama variada de formas de ação desenvolvidas historicamente visando resolver conflitos de interesses, configurando assim a atividade política em sua questão fundamental: sua relação com o poder”.

O poder político se estabelece pela posse dos instrumentos pelos quais se exerce a força física, por meio das armas de todo tipo e potência. Caracteriza-se como uma das formas de poder do homem sobre o próprio homem (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998). Nesse contexto, o Estado se destaca como o “instrumento máximo de institucionalização de todo o poder político” (BONAVIDES, 2000, p. 150). Para Weber (2011), esse poder exercido pelo Estado configura uma dominação legítima, baseada no uso da força e da violência.

Tal condição do Estado se deve ao fato de ele ser detentor majoritário dos meios pelos quais se imputa a força física. O que lhe dá sustentação é o acordo estabelecido entre os cidadãos, seja de forma voluntária e “consciente” (nas democracias, por exemplo), seja de forma autoritária, nos casos dos regimes ditatoriais. Nos regimes democráticos, é o voto dos cidadãos o principal instrumento que confere legitimidade ao Estado, a qual está fundamentada na noção de consenso (cf. ARENDT, 1972). A origem desse acordo em prol do Estado está relacionada ao fato de o ser humano, como animal gregário que é, caracterizar-se fundamentalmente por ser comunitário, buscando, no coletivo, satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência (DUSSEL, 2006). Neste sentido, a política é “uma atividade que organiza e promove a produção, reprodução e aumento da vida de seus membros” (DUSSEL, 2006, p. 24)<sup>4</sup>.

A política, embora seja atividade delimitada em um campo, está constantemente em contato com outros campos e sistemas, como a economia, o direito, o esporte etc. Consequentemente, pode haver entre eles cruzamento (DUSSEL, 2006).

Portanto, a política constitui-se na interdisciplinaridade. Assim, de acordo com Charaudeau (2006), o fenômeno político possui natureza complexa, resultando de um conjunto de fatos que, embora pertencentes a ordens distintas, se cruzam simultaneamente. Trata-se de fatos políticos, fatos sociais, fatos jurídicos e fatos morais, os quais são respectivamente objetos das diferentes disciplinas: ciências políticas, sociologia, direito filosofia política. Por essa razão, o autor considera que, diferentemente do que alguns poderiam pretender, não há um domínio exclusivo para a análise do fenômeno político, ressaltando seu caráter interdisciplinar.

Consequentemente, esse diálogo com outras áreas também se manifesta no nível do discurso político, o qual será tratado na seção a seguir.

## O discurso político

Em virtude de o fenômeno político está situado no cruzamento de outras dimensões, o universo da linguagem política não constitui um sistema fechado em si, isto é, estritamente independente e específico, comunicando-se naturalmente com os universos contíguos, tais como a economia, a sociologia, o direito etc. (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998). Essa característica do discurso político também é apontada e discutida por outros autores, como Dorna (1995) e Charaudeau (2006). Dorna (1995), por exemplo,

---

<sup>4</sup> “la política es una actividad que organiza y promueve la producción, reproducción y aumento de la vida de sus miembros” (DUSSEL, 2006, p. 24).

cita como disciplinas com as quais o fenômeno político se intercruza, além das ciências políticas, da psicologia, da sociologia, a linguística e até a teologia.

Além disso, a linguagem política é ambígua, tendo a maioria dos termos significados diversos. Segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), isso se deve a dois fatores. O primeiro diz respeito ao fato de muitos termos, majoritariamente de origem grega, terem passado por transformações ao longo da história, como *democracia*, *aristocracia*, *política* etc. O segundo fator está relacionado à ausência de uma ciência política capaz de precisar de modo universal o conceito dos termos mais frequentes e basilares do campo político.

Os referidos autores também apontam que a linguagem política se alimenta de muitas palavras da língua comum. Inversamente, muitos termos técnicos (tirania, ditadura, democracia), forjados por teóricos e especialistas do campo, comumente migram para o uso comum, integrando-se à linguagem do cotidiano, sofrendo, portanto, variações e alterações de sentido. Explicam ainda que, não raro, mesmo os termos mais técnicos, também ensejam interpretações diferentes, pois designam fatos históricos complexos e se vinculam a doutrinas muitas vezes controversas.

De acordo com Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), a linguagem política não é isenta de ideologia; pelo contrário, consideram que não há termo político ideologicamente neutro. Por isso, ao uso dos termos e fraseologismos no discurso político subjazem posicionamentos e juízos de valor. Com efeito, “O discurso político não é menos ideológico do que no passado, mas é tão habitado pelas ideologias predominantes do momento” (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 1999, *apud* BART, 2010, p. 82)<sup>5</sup>. Um caso ilustrativo seria o uso da palavra *golpe*, no contexto recente da política brasileira, como se vê abaixo, em dois trechos extraídos do *corpus* da pesquisa.

O *golpe* que por ora afasta Dilma Rousseff figura apenas no começo de uma pauta mais complexa e extensa, muito além da confirmação do impeachment. É também do conhecimento do mundo mineral que a mira da casa-grande está alçada na direção de Lula e do PT, a repetir a obsessão de Catão, o Censor, em relação a Cartago, delenda esse, destruída há de ser, repetia incansavelmente (RCMC16M7e). (grifo nosso).

Para Mino Carta, jornalista fundador e chefe de redação da revista Carta Capital, nota-se claramente que o processo de *impeachment* que afastou a ex-presidente Dilma Rousseff configurou, na verdade, um golpe. Posição divergente é assumida pela colunista Ruth de Aquino, da revista *Época*, conforme se vê em:

Na semana que vem, será morto outro garoto, outra mulher, outro policial. Porque está tudo errado. Policiais são afastados, depois voltam. Mães e avós, com bebês e crianças, fazem fila de madrugada, lutando por vaga na creche ou escola. Os sem-teto e desempregados lotam albergues para alimentar a família. Os traficantes dominam áreas carentes num país em que se rouba de tudo, de merenda a remédio, verba de cultura e obras, contracheque, Fundo de Garantia. Bilhões de reais precisam voltar aos cofres públicos para dar paz e dignidade aos brasileiros. Esse é o verdadeiro *golpe* que viola a Constituição e saqueia nossos sonhos (RERA16M7a). (grifo nosso).

Ao considerar como verdadeiro golpe as mazelas e injustiças que assolam o Brasil, a colunista, na verdade, nega implicitamente a ideia de que o *impeachment* da ex-presidente Dilma constituiu um golpe de Estado. Tais exemplos ilustram o caráter ideológico do discurso político.

<sup>5</sup> “Le discours politique n’est pas moins idéologique que par le passé, mais il est comme habité par les idéologies dominantes du moment” (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 1999, *apud* BART, 2010, p. 82).

Ao discutir as características do discurso político, Dorna (1995) denuncia que poucos autores refletem explicitamente sobre o *status* desse gênero de discurso. De acordo com Dorna (1995), há quem considere o discurso político apenas um caso do discurso de influência, fato que o submeteria às regras e princípios de uma teoria da comunicação. Por outro lado, há teóricos que defendem a existência de funções particulares desempenhadas pelo discurso político. As principais características apontadas por Dorna (1995) podem ser assim sintetizadas: a) o discurso político é a “busca da aprovação de uma determinada forma de organização social”<sup>6</sup> (MORRIS, 1946, *apud* DORNA, 1995, p. 132); b) constitui o veículo das ideologias (REBOUL, 1980 *apud* DORNA, 1995); c) figura como instrumento de ação, podendo servir como ferramenta de prescrição e de valorização; d) produz um efeito de aproximação e de adesão; e) visa a mudança ou a manutenção do *statu-quo* da ordem existente e; f) propicia um lugar de interação entre os membros de uma sociedade.

Em se tratando das funções atribuídas ao discurso político, Dorna (1995) destaca: a) *uma função estruturante* – o discurso é considerado o “cimento” do sistema político, isto é, a condição fundamental para a existência da política (ALMOND & POWELL, 1966 *apud* DORNA, 1995); b) *uma função decisional ou decisiva* – uma vez que o principal mecanismo da política é a decisão (DEUTSCH, 1963 *apud* DORNA, 1995), o discurso desempenha um papel central nesse processo, em que o poder sempre necessita persuadir, convencer, produzir e obter informação; c) *uma função pedagógica* – como consequência de outras funções, a função pedagógica deriva justamente do fato de o discurso político ser estruturante, coeso, visando a adesão e facilitando a manutenção ou reprodução do sistema político. Segundo o autor, “o poder político, a política como um todo é feita de uma boa dose de manipulação, mesmo quando é pedagógica”<sup>7</sup> (DORNA, 1995, p. 133) e; d) *uma função terapêutica* – o discurso político tende a fornecer uma “coerência simbólica a toda massa ideacional que constitui a organização do ego” (ANSART, 1976 *apud* DORNA, 1995, 133). Isso significa que esse tipo de discurso inclina-se a agradar as expectativas criadas no âmbito da própria ideologia, evitando-se o ressurgimento de dúvidas, a fim de manter uma racionalização constante para todas as relações vividas. Com efeito, “o discurso político tende a evitar a angústia pela renovação das certezas assumidas” (ANSART, 1976 *apud* DORNA, 1995, 133).

Convém, ainda, focar o discurso político relacionando-o à linguagem, à ação e ao poder, visto que esse tipo de discurso visa exatamente agir sobre o outro, levando-o a aderir posicionamentos. Nesse sentido, revelam-se muito pertinentes as análises e reflexões desenvolvidas por Patrick Charaudeau (2006), o qual apresenta uma síntese dos trabalhos de Max Weber, Hannah Arendt e Jürgen Habermas a respeito da noção de poder político.

De acordo com Charaudeau (2006), Weber concebe o poder político sob a forma de uma dominação legitimada pela violência, já que as relações entre os humanos se baseiam nas relações estabelecidas entre a figura do dominante e a dos dominados, sendo o Estado, no campo político, o agente que impõe sua autoridade pela força e pela violência legitimada sob aparente legalidade. Diferentemente, para a filósofa Hannah Arendt, o poder político estaria fundamentado no consentimento e vontade dos homens de ser e viver em comunidade. “É esse <estar junto> que funda o fato político no qual poder e ação se definem reciprocamente: todo poder é poder de agir conjuntamente” (CHARAUDEAU, 2006, p. 256). Sob esse viés, o poder não estaria subordinado à opressão e à violência, mas à liberdade dos cidadãos.

Jürgen Habermas, por sua vez, teria conseguido reconciliar os dois pontos de vista mencionados, ao distinguir um poder comunicacional e um poder administrativo. No

<sup>6</sup> “l'enjeu du discours politique est la recherche de l'approbation d'une certaine forme d'organisation sociale” (MORRIS, 1946, *apud* DORNA, 1995, p. 132).

<sup>7</sup> “Le pouvoir politique, la politique tout court est faite d'une bonne dose de manipulation, même quand elle est pédagogique” (DORNA, 1995, p. 133).

primeiro caso, o detentor do poder é o próprio povo, longe da esfera de dominação do Estado, situado, pois, no espaço público, no qual os cidadãos interagem e debatem suas opiniões pela via argumentativa, gerando assim a opinião pública. Já o poder administrativo seria reservado às relações de dominação. Compõem este campo os dispositivos que organizam a ação social, os mecanismos de regulação por lei, as sanções aplicadas a quem possa violar a vontade de agir. Dessa maneira, “se institui um sistema político que tende a se defender contra toda tentativa de desestabilização e, para fazê-lo, exclui, seleciona, busca ser eficaz e, portanto, impõe” (CHARAUDEAU, 2006, p. 256). Coadunando com o ponto de vista de Habermas, Charaudeau (2006) sintetiza que o poder comunicacional e o poder administrativo articulam-se em torno de um mesmo aspecto, ou seja, a legitimidade, ressaltando-se, porém, que:

poderíamos dizer que o poder comunicacional é o que torna possível a construção de um espaço político ao colocar em cena a questão da legitimidade, e que o poder administrativo, ao se fundar sobre essa legitimidade, ao tirar partido de uma vontade popular, implementa um dispositivo de realização concreta do poder ao se impor às próprias pessoas que o fundaram (CHARAUDEAU, 2006, p. 257).

Ao filiar-se a essa concepção de poder político, dividido em dois tipos de poder, Charaudeau (2006) defende uma concepção de linguagem política proveniente da interação de dois eixos que determinam dois tipos de atividade social, a saber: (i) *a do dizer político*, no qual se situa o debate de ideias, no campo da opinião pública e; (ii) *a do fazer político*, restrito ao espaço privilegiado para a tomada de decisão e realização de atos. Para o autor, esses dois eixos se legitimam reciprocamente, mas diferenciam-se pelo estabelecimento de relações de força e de um jogo de dominação particular. Deste modo, quanto ao campo do *dizer político*, há domínio da linguagem, que se manifesta através de uma arena discursiva na qual são permitidas diferentes estratégias, como manipulação, proselitismo, ameaça, promessa, tendo como objetivo a imposição de uma opinião. Por outro lado, no campo do *fazer político*, o que predomina é a ação como o espaço no qual atua uma instância política considerada soberana e uma instância cidadã, que frequentemente pode solicitar resultados, acompanhando-os como uma espécie de fiscais das ações realizadas. Neste caso, objetiva-se uma dominação baseada na regulamentação, na sanção e na reivindicação (CHARAUDEAU, 2006).

Em decorrência desses dois campos, o autor distingue, então, dois tipos de atividade discursiva. O primeiro volta-se para as ideias e seu valor de verdade, constituindo o espaço de fabricação das ideologias; é *o* político. O segundo tipo focaliza os atores e sua força de ação, constituindo o espaço de fabricação das relações de força; é *a* política. Esses dois tipos de atividade discursiva fundamentam o pressuposto da linguagem-ação no campo político.

Para demonstrar como esse pressuposto se aplica na análise do discurso político, e quais são as estratégias discursivas utilizadas, o autor esclarece primeiramente que o sujeito político pode encontrar-se em duas situações distintas de enunciação: *fora da governança*, quando se busca obter o poder participando-se de um pleito na condição de candidato, e *dentro da governança*, quando o sujeito já participa do sistema, ocupando uma pasta ou exercendo outra atividade dentro do Governo. Disso decorrem diferentes estratégias discursivas (palavra de promessa, palavra de decisão, palavra de justificação, palavra de dissimulação)<sup>8</sup>, uma vez que o sujeito se encontra em posições distintas de legitimidade.

Do conjunto dessas estratégias, o autor acredita que apenas a de denegação seja claramente condenável, porque ela incide no laço de confiança estabelecido entre o cidadão e seus representantes. Os demais casos podem ser discutíveis, como o foram ao longo da

<sup>8</sup> Cf. Charaudeau (2006), Souza (2018).

história. Para Maquiavel, por exemplo, citado por Charaudeau (2006), o príncipe deve ser um “grande simulador e dissimulador”. Assim também, algumas questões não precisam chegar ao conhecimento do povo, que “sente mais do que pensa” (TOCQUEVILLE *apud* CHARAUDEAU, 2006, p. 264). Conclui, então, que:

Poderíamos mesmo dizer com algum cinismo que o homem político não tem de dizer a verdade, mas parecer dizer a verdade: o discurso político se interpõe entre a instância política e a instância cidadã (sic.) criando entre os dois um jogo de espelhos (CHARAUDEAU, 2006, p. 264).

Nota-se a influência sofista nessa maneira de perceber, “com algum cinismo”, a relação do homem político com a linguagem e a verdade. Como é sabido, para os sofistas, fazer parecer verdadeiro importava mais que a própria verdade do enunciado. Ao levar em conta esse princípio, Charaudeau (2008) considera o discurso político como um lugar de “verdade presa”, no qual o que importa não é somente a verdade da declaração lançada publicamente, mas sua força de veracidade. Assim, muito mais que um objetivo de demonstração, o discurso político, sendo sempre um discurso dirigido, pretende incitar a pensar e a agir, sendo os próprios receptores desse discurso, os cidadãos, também integrantes desse processo, na condição de opinião pública.

Charaudeau (2006) conclui, enfim, que, no discurso político, ocorre uma fusão da verdade das aparências, encenada pelo discurso, e uma verdade das ações, decorrente das decisões. Funda-se assim “um <verossímil>, sem o qual não haveria ação possível no espaço público. Talvez esteja aí um dos fundamentos da palavra política” (CHARAUDEAU, 2006, p. 268).

Portanto, a política, como campo de atuação que põe em cena a linguagem, a ação e o poder, constitui um complexo fenômeno da sociedade humana, cobrindo praticamente todos os aspectos da vida social, influenciando e sendo influenciada por outros campos e sistemas existentes. Entretanto, o que lhe dá sustentação material e sócio-histórica, permitindo visualizar suas contradições e ideologias, é o discurso, visto alhures como “cimento”, estruturante de todo o sistema. Daí a importância do estudo do discurso político como forma de compreender os muitos aspectos em que a política se apresenta, como o linguístico e, em especial, sob o ponto de vista fraseológico, tal como se propõe neste capítulo.

### **Fraseologia, fraseologismos**

Embora seja conhecida a diversidade terminológica e conceitual existente na área dos estudos fraseológicos, decorrentes, por sua vez, de pontos de vista diferentes sobre o fenômeno fraseológico, serão apresentados e discutidos, neste capítulo, apenas os conceitos e definições principais que foram utilizados na análise das unidades lexicais coletadas. No entanto, antes de tudo, é preciso esclarecer que o termo *fraseologia* pode fazer referência tanto ao conjunto de unidades fraseológicas de um domínio temático específico (fraseologia especializada), ou de uma língua como um todo (fraseologia geral do Português, fraseologia do Espanhol), quanto ao ramo ou disciplina científica que tem essas unidades como objeto de estudo e descrição.

No tocante à aceção de ramo científico, há os que consideram a Fraseologia uma subdisciplina da Lexicologia (cf. BALLY, 1909 [1951]; ORTIZ ALVAREZ, 2000, 2011, 2012; CORPAS PASTOR, 1996; BARBOSA, 2012; ARAGÃO, 2016), outros que advogam para ela uma autonomia em relação à Lexicologia, mas ainda situando-a na Linguística (POLIVÁNOV, 1931 *apud* ORTIZ ALVAREZ, 2000) e outros que a defendem como uma disciplina independente (cf. CORPAS PASTOR, 2017), com objeto e metodologia

próprios, porém interdisciplinar, estabelecendo interfaces com a Linguística, a Lexicologia, a Análise do Discurso, a Sociolinguística, a Linguística de *Corpus*, etc.

Com respeito à acepção de fraseologia como unidade ou conjunto de unidades de uma língua, Ortiz Alvarez (2000, p. 73), após sintetizar e analisar algumas das definições mais conhecidas na área, define a fraseologia como “combinação de elementos lingüísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos”. Dessa definição, destacam-se os seguintes aspectos: trata-se de uma combinatória sintagmática; apresenta relações intrínsecas entre sintaxe e semântica; não se reduz a um tipo exclusivo de categoria gramatical e; seu significado é global, abrangendo toda a combinatória. Satisfazem a esse conceito sequências como *pagar o pato* (assumir a culpa ou ser responsabilizado por algo praticado por outrem), *bater as botas* (morrer), *olho gordo* (inveja), *a justiça tarda mas não falha* (a justiça sempre é feita), dentre outros.

Segundo a autora, há uma profusão denominativa para designar essas unidades: *unidade fraseológica*, *expressão pluriverbal*, *unidade pluriverbal lexicalizada*, *expressão fixa*, *fraseolexema*, *frasema*, *fraseologismo*, *combinatória lexical*. Porém, os termos mais recorrentes são *unidade fraseológica* e *fraseologismo* (ORTIZ, 2012), os quais serão utilizados como variantes neste capítulo. O primeiro, inclusive, é o termo mais utilizado na Espanha, como assinala Pamies (2014). Essa profusão denominativa caracteriza, de acordo com Biderman (2005), a primeira questão, de natureza terminológica, que se apresenta no exame da problemática teórica das unidades complexas do léxico.

Ao reconhecer essa pluralidade designativa, Salah Mejri (2012) propõe uma organização do campo terminológico a partir da distinção entre o fenômeno fraseológico e o processo pelo qual ele se manifesta nos fraseologismos da língua. Para o autor, a *phraséologie* (fraseologia) constitui um fenômeno geral das línguas vivas, que ocorre independentemente da vontade dos locutores e se concretiza por meio de associações sintagmáticas recorrentes. Por outro lado, o *figement* (cristalização ou congelamento) diz respeito ao processo lingüístico que atua em todos os níveis do sistema, sendo responsável pela combinatória lexical das sequências cristalizadas, isto é, os fraseologismos.

### **Crítérios utilizados para a delimitação dos fraseologismos**

Igualmente variados são os critérios e as propostas para a delimitação das sequências cristalizadas, mas isso não significa dizer total ausência de consenso; decorre, na verdade, de diferentes pontos de vista sob os quais se vêm estudando ou se pode estudar as unidades fraseológicas. Por esse motivo, em função da adoção da perspectiva francesa de fraseologia, mormente a abordagem de Mejri (1997, 2012, 2018), apresentaremos sucintamente nesta subseção dois critérios discutidos por esse autor para a descrição de fraseologismos, a saber: as noções de fixidez e de congruência.

A fixidez constitui um parâmetro para explicar o fenômeno fraseológico, descrevendo o mecanismo de cristalização por meio do qual as solidariedades sintagmáticas se apropriam das regras da combinatória sintagmática, no plano sintático, semântico, atingindo ainda o eixo paradigmático. No nível sintático, a fixidez atuaria no sentido de restringir algumas alterações geralmente aceitas nas sequências ditas “livres”, como acréscimo de determinantes ou modificadores. Assim, seriam interdidas, por exemplo, para o fraseologismo *abrir mão* (desistir de algo), transformações do tipo: \*abrir uma mão e \*abrir mão delicada/grossa. Ao realizar essas alterações, a unidade fraseológica se desfaria.

Já a fixidez no plano semântico manifesta-se por meio da propriedade em que determinadas sequências são fixadas de uma só vez, com seu respectivo sentido global, geralmente opaco, como “bater boca” e “cara de pau” cujos significados são respectivamente {discutir} e {falta de vergonha, cinismo ou pilantragem}. Para o autor,

essa fixidez também é de natureza paradigmática. Exemplifica-se essa noção a partir das mesmas sequências referidas acima. Não se pode comutar, por exemplo, o verbo “bater” por um outro sinônimo, como “colidir/atingir/golpear”. Do mesmo modo, a substituição de “cara” por “rosto/face” seria violada. Entretanto, convém notar aqui a possibilidade de comutação da palavra “pau” por “madeira”, o que justifica as variantes fraseológicas *cara de pau* e *cara de madeira*. A fixidez, portanto, é de natureza escalar, situando-se num *continuum*.

Outro critério apresentado por Mejri (2012) diz respeito à noção de congruência. Para ele, trata-se de um “processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória” (MEJRI, 2009, 79 *apud* MEJRI, 2012, p. 143). O autor esclarece que o referido processo atua tanto no nível morfológico e sintático, quanto semântico. Em termos de fraseologismos, a congruência seria a adequação da estrutura sintagmática às regras de formação das sequências fixas, bem como de seu uso. Inversamente, seria incongruente toda sequência de palavras que violasse essas regras. O autor cita como exemplo de incongruência sintática os casos \*Ele pegou um/os touros por um/os (só, dois...) chifre, quando a formação sintagmática e o uso fixam apenas a forma “Ele pegou o touro pelos chifres”.

O cruzamento dessas duas noções, a que Mejri (2012) trata como novos elementos metodológicos permite diferenciar, por um lado, as sequências cristalizadas das sequências livres e, por outro, descrever os fraseologismos, conjugando aspectos formais e principalmente de natureza semântica.

## Resultados e discussão

Como se trata de um recorte da pesquisa de mestrado, com foco no uso de fraseologismos em contextos discursivos que remetem a determinadas circunstâncias no âmbito do quadro político brasileiro, serão analisados, nesta seção, alguns exemplos de unidades fraseológicas em torno de questões como crise política, financeira, *impeachment*, corrupção e eleição de 2014.

Assim, tendo como pano de fundo o contexto de crise política e instabilidade econômica do Brasil, foram utilizados diversos fraseologismos, como exemplificam os excertos abaixo, retirados do *corpus* constituído.

Ao considerar o cenário de desgaste do governo Dilma, a articulista Ruth de Aquino, da revista *Época*, usou o fraseologismo *a coisa está feia*, para acentuar a imagem de fragilidade política da ex-presidente: “<A coisa está tão feia> que a presidente Dilma Rousseff, gerentona do caos, fez um apelo na quinta-feira, para que os brasileiros recebam bem os torcedores nacionais e estrangeiros durante a competição” (RERA14M5c)<sup>9</sup>. Segundo Silva (2013), essa sequência fraseológica refere-se a *uma situação difícil*.

Em outro texto, a mesma articulista usa o fraseologismo *está ruço* para avaliar a situação crítica de Dilma Rousseff, que se tornou alvo de seus próprios aliados no Senado, como do próprio presidente da Casa, à época, o senador Renan Calheiros:

O presidente do Senado, Renan Calheiros, tirou proveito para alfinetar sua amiga Dilma. Criticou-a por esbanjar em momento de ajuste. Ela tentou se defender. Disse ter cedido a um apelo do Legislativo. <Tá ruço>, Dilma. Não é mais “ou dá ou desce”. É “dá e desce”. (RERA15M4d).

Assim como *a coisa está feia*, a sequência *está ruço* alude a uma situação de dificuldade, razão pela qual foram consideradas formas variantes no glossário de Souza (2018).

<sup>9</sup> Os textos do *corpus* foram codificados da seguinte forma: R para revista (ou J, no caso do Jornal) + Primeira letra do nome da revista ou jornal+ Iniciais do colunista + ano de publicação + mês + vogais para diferenciar as edições semanais. Assim, RERA16M12b refere-se ao texto da articulista Ruth de Aquino, publicado na revista *Época*, na segunda semana de dezembro de 2016.

Ao dar continuidade à sua análise sobre a política brasileira, Ruth de Aquino, desta vez, prefere o fraseologismo *no olho do furacão*, isto é, *encontrar-se no centro de uma situação muito problemática*, para descrever os desafios que a ministra Cármen Lúcia haveria de enfrentar ao assumir a presidência do Supremo: “Nem bem assumiu a presidência do Supremo Tribunal Federal, com todas as medidas devidas a uma vida ilibada, a mineira Cármen Lúcia está <no olho do furacão> político que sacudiu o Brasil” (RERA16M12b).

A articulista, em sua crítica à ex-presidente Dilma, faz uso, num único parágrafo, de mais dois fraseologismos, como segue:

Dilma <acende a vela a deus e ao diabo>, faz promessa e reza para os santos das causas impossíveis. Pede com fervor, entre uma pedalada e outra, que sua impopularidade não suba para 80% até fevereiro, com a economia do país <em frangalhos> (RERA15M12c).

Segundo Silva (2013, p. 1489), *acender vela a deus e ao diabo* significa “Agradar ao mesmo tempo a dois adversários”. Esta sequência *cai como uma luva*, considerando que, segundo a colunista, a ex-presidente estaria recebendo apoio tanto da ala peemedebista, por meio do senador Renan Calheiros, quanto dos movimentos sociais de esquerda. Já para indicar a situação deplorável da economia brasileira, usa-se o fraseologismo *em frangalhos*, definido por Correio e Teixeira (2007, p. 270) como algo “feito em farrapos”, isto é, acabado, muito gasto.

Nessa conjuntura política, ocorreu, no ano de 2016, o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma, contexto em que também foram utilizados vários fraseologismos. Por exemplo, para criticar a forma como Michel Temer assumiu a presidência da República, o colunista do jornal Folha de São Paulo, Vladimir Safatle, utilizou o fraseologismo *tomar de assalto*, isto é, “Ocupar um local por meio de ataque rápido, inesperado; impor-se rapidamente” (SILVA, 2013, p. 88), demonstrando, assim, ironia e desaprovação em relação ao novo presidente. Segundo o colunista, “Michel Miguel [Temer], ao <tomar de assalto> a república, prometeu ao país a ‘pacificação’” (JFVS16M9b).

Safatle também analisa as alianças e acordos feitos pelos partidos em torno do processo do *impeachment* de Dilma Rousseff. Para tanto, faz uso, em um mesmo parágrafo, de três unidades fraseológicas que se adaptam aos propósitos do texto político, como se pode ver em: “Cinco grupos <tomaram a frente do> processo de derrubada do governo Dilma. Primeiro, a <casta política>, que resolveu sacrificar seu sócio mais novo (o PT) para tentar, como disse singelamente o senhor Romero Jucá, ‘<estancar a sangria>’” (JFVS16M6a). Segundo Souza (2018), *tomar a frente de* significa liderar, *casta política* designa um grupo de indivíduos que se perpetuam no poder político, enquanto *estancar a sangria* refere-se a uma declaração do senador Romero Jucá que tentou deter a Operação Lava Jato propondo uma mudança no governo federal.

Por seu turno, ao interpretar também o *impeachment* como golpe, Mino Carta, redator-geral da revista Carta Capital, demonstra que o plano foi arquitetado secretamente, *a portas fechadas*, como em: “Um especialista em humores da casa-grande expõe a tese, mas pode ser resultado de conversas <a portas fechadas>, de que o golpe foi desfechado na previsão de uma reação internacional adversa, e nem por isso capaz de alterar a rota” (RCMC16M9c).

Ainda nesse contexto político, em abril de 2016, Ricardo Boechat, colunista da revista Istoé, usou a sequência *dia D* para sinalizar que a segunda-feira do dia 11 de abril de 2016 seria uma data decisiva para a negociação de apoio do PSB ao Governo Dilma, já que este partido compunha sua *base aliada*, cujo fraseologismo diz respeito ao grupo de partidos políticos que apoiam o governo, ao qual aderem em troca de diversos benefícios que podem ser oferecidos, como ministérios, cargos públicos, secretarias, etc. Deste modo, o jornalista relata que:

<Dia D> Na segunda-feira 11, em Brasília, a bancada do PSB fará reunião para decidir se está ou não com Dilma Rousseff. Desde 2013 o partido saiu da <base aliada>. A questão agora é o impeachment. A maioria dos 33 deputados é a favor da saída da presidente, em função do desequilíbrio fiscal (RIRB16M4b).

Por sua vez, em torno da temática da corrupção, foram abundantes os fraseologismos mobilizados para provocar diferentes efeitos de expressividade e de sentido, dentre os quais se destacam neste capítulo os que seguem nos contextos abaixo.

Para demonstrar sua insatisfação com respeito ao “único” delito pelo qual Eduardo Cunha fora cassado, a articulista da revista *Época*, de forma irônica, assim se manifesta: “É uma ironia que possa [Eduardo Cunha] ser cassado apenas por 'quebra de decoro', mas é <assim que a banda toca>” (RERA16M9b). O referido fraseologismo, ao indicar que *as coisas, pessoas e leis seguem o que já é de costume em uma instituição ou núcleo social*, denuncia um aspecto negativo de que, no âmbito da justiça brasileira, seja hábito agir com essa brandura em relação a figuras políticas como a do ex-presidente da Câmara dos Deputados. O próprio crime de Eduardo Cunha é denominado por um fraseologismo específico do discurso político; trata-se da sequência *quebra de decoro parlamentar*, que se refere à “violação das normas morais parlamentares previstas na resolução n. 25, de 2001, da Câmara dos deputados, e na resolução n. 20, de 1993, do Senado.” (SOUZA, 2018, p. 215).

Em relação a crimes ligados à *sonegação fiscal* e *lavagem de dinheiro*, Ricardo Boechat, da revista Istoé, assim se manifesta:

Preocupados com a possível instalação da CPI da Swiss Leaks, escândalo financeiro global a partir da filial suíça do HSBC, alguns empresários já bateram nas portas de grandes bancas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Não querem ser presos e acusados de <sonegação fiscal> e <lavagem de dinheiro>” (RIRB15M4d).

Segundo Riboldi (2008, p. 87), a sequência *lavagem de dinheiro* “É a regularização fiscal de dinheiro obtido por meio de fraude, por ato criminoso”. Já *sonegação fiscal* diz respeito à “fraude que consiste em utilizar procedimentos que violem diretamente a lei fiscal ou o regulamento fiscal.” (SOUZA, 2018, p. 221). Pode-se dizer que *lavagem de dinheiro* e *sonegação fiscal* relacionam conceitos ligados a fraudes ao fisco, sendo aquela uma das formas desta. Ambos têm se tornado práticas comuns no Brasil, revelados sobretudo pela Operação Lava Jato.

Considerada um dos marcos do combate à corrupção no Brasil, a Operação Lava Jato é designada por um fraseologismo tipicamente brasileiro, forjado no contexto atual em que a corrupção na política se mostrou visceralmente implicada em quase todos os âmbitos da administração pública, privada etc. Essa sequência fraseológica possui 319 concordâncias no *corpus* utilizado, conforme rodada no programa *Concord*, do *WordSmith*. Segundo Souza (2018, p. 208), o referido fraseologismo nomeia o:

conjunto de investigações da Polícia Federal do Brasil, que teve início em 17 de março de 2014 e investiga crimes de corrupção ativa e passiva, gestão fraudulenta, lavagem de dinheiro, organização criminosa, obstrução da justiça, operação fraudulenta de câmbio e recebimento de vantagem indevida.

No trecho a seguir, o articulista menciona um dos processos produzidos pela Operação: “O processo que envolve o ainda deputado petista André Vargas e o doleiro Alberto Youssef, no âmbito da <Operação Lava Jato>, tem hoje cerca de 60 mil páginas” (RIRB14M4d). Nota-se, portanto, que a combinatória em tela reveste-se de um significado técnico, mas também social, na medida em que, para muitos brasileiros, essa operação representa um verdadeiro avanço no combate à corrupção, embora possa haver quem discorde disso.

Ainda no âmbito dessa temática, podem ser mencionados tantos outros fraseologismos, como *lei da ficha limpa*, *ficha suja*, *balcão de negócios*, *paraíso fiscal*, *pedalada fiscal* etc.

Por fim, destacam-se as eleições brasileiras de 2014. Trata-se de um cenário marcado pela morte trágica do presidente Eduardo Campos, do PSB, realização da Copa do Mundo no Brasil e o Governo Dilma sob fortes ataques da oposição em virtude da instabilidade financeira e das chamadas pedaladas fiscais. Nesse contexto, ocorreram muitos fraseologismos para produzir diferentes efeitos de sentido, como veremos nos exemplos abaixo:

Assim, diante da discussão sobre divisão de classes, que opõe elite a trabalhadores, Aquino (2014) utiliza o fraseologismo *braço direito* referindo-se à socióloga Neca Setubal, ao comentar um debate ocorrido na TV Band, no qual a presidente Marina Silva, que assumiu a cabeça de chapa após a morte de Eduardo do Campos, critica a concepção tradicional de elite, reformulando-a sob uma nova visão. Segundo a colunista:

É uma luta que Marina considera antiquada e ruim para o país. Sua ideia de elite é outra: quem se sobressai no que faz, quem inspira e lidera. Neca Setubal, socióloga, educadora, autora de mais de dez livros, defensora do desenvolvimento sustentável e herdeira do banco Itaú, é o <braço direito> de Marina (RERA14M8e).

Tendo como variante a sequência *braço forte*, o fraseologismo *braço direito* significa o “principal e eficaz auxiliar” (HOUAISS, 2009 *apud* SOUZA, 2018, p. 176). De fato, a educadora Neca Setubal apoiou diretamente Marina Silva na campanha presidencial de 2014, razão pela qual a referida unidade fraseológica foi atribuída convenientemente à socióloga.

No entanto, para o articulista Mino Carta, Marina estaria sendo contraditória ao apoiar e ao ser apoiada por políticos ditos de direita. Para demonstrar essa contradição, Carta (2014) faz uso do fraseologismo *pôr em xeque*, que significa “Pôr em dúvida o valor, a importância, o mérito, de” (AURÉLIO, 2004 *apud* SOUZA, 2018, p. 215). De acordo com o jornalista:

Esta adesão eufórica à velha política assinala a enésima contradição de pregadora da nova. Uma análise da personagem do ponto de vista psicológico exhibe, isto sim, uma nova Marina. A contida, austera ambientalista na qualidade de candidata em campanha mudou radicalmente o seu estilo, a ponto de <pôr em xeque> as crenças professadas até ontem (RCMC14M9b).

Em outra coluna do autor publicada em junho de 2014, Mino Carta transcreve a fala do ex-presidente Lula em que o político afirma ser *cabo eleitoral* de Dilma Rousseff no segundo mandato da petista. No trecho: “(LULA) Quero que saibam, sou candidato a <cabo eleitoral> da companheira Dilma Rousseff para o segundo mandato à Presidência da República” (RCMC14M6a), o fraseologismo em tela designa a “pessoa que, em campanha política, trabalha por dinheiro ou para obter favores pessoais” (MICHAELIS, versão on-line).

Acredita-se que os poucos exemplos mencionados permitem observar o uso expressivo dos fraseologismos no discurso político, constituindo recursos úteis na produção de inúmeros efeitos de sentido frequentes no domínio da política, como a ironia, a ambiguidade, o jogo argumentativo e a persuasão. Com efeito, conforme demonstra Dorna (1995), política e linguagem estão intimamente relacionadas, sendo o discurso o “cimento” estruturante desse domínio e, neste aspecto, as unidades fraseológicas desempenham papel fundamental ao servirem aos propósitos comunicativos e expressivos, encaixando-se como luva.

## Considerações finais

O presente capítulo, sendo apenas um recorte da dissertação de Souza (2018), objetivou demonstrar a presença de fraseologismos no discurso político, com foco nos contextos reais de uso extraídos do *corpus* da pesquisa. Apresentaram-se alguns exemplos em torno de temáticas relacionadas ao âmbito da política brasileira, tais como crise política, financeira, *impeachment*, corrupção e eleição de 2014.

A metodologia utilizada seguiu as orientações da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004) e sua relação com a Fraseologia (TAGNIN, 2005, 2011, 2012), no que tange à constituição e tratamento do *corpus*, o qual é composto de 570 textos escritos por colunistas reconhecidos na mídia brasileira que publicam matérias sobre política em periódicos de grande circulação nacional, a saber: revistas *Época*, *Istoé*, *Carta Capital* e jornal *Folha de São Paulo*.

Para embasar teoricamente o trabalho, quanto aos conceitos de política e de discurso político, a pesquisa fundamentou-se em Aristóteles (2001), Bobbio, Matteucci, Pasquino (1998), Charaudeau (2006), Dorna (1995), Weber (2011), dentre outros. Em se tratando da teoria fraseológica, adotou-se a vertente francesa da Fraseologia, a partir dos estudos de Mejri (1997, 1998, 1999, 2002, 2005, 2010, 2011, 2012, 2018). Neste sentido, assume-se o fraseologismo como sendo uma associação sintagmática recorrente, resultante do processo de cristalização lexical, no qual atuam, em diferentes níveis, a fixidez e a congruência, além de critérios como idiomaticidade e frequência de uso.

Os resultados gerais da pesquisa demonstram a predominância de fraseologismos da língua geral em detrimento de unidades fraseológicas específicas do discurso político, o que está relacionado ao fato de o *corpus* não ser especializado, uma vez que os colunistas não são tecnicamente cientistas políticos, mas jornalistas e comentaristas que lidam com assuntos da área e se direcionam para um público geral de leitores, em grande parte formado também por não especialistas. Além disso, a política, sendo de natureza interdisciplinar, produz um discurso que se constitui no cruzamento de outros domínios, como do direito, das ciências sociais, da linguística, dentre outros (DORNA, 1995; CHARAUDEAU, 2006). De todo modo, os fraseologismos desempenham um papel peculiar nesse domínio, servindo para produzir diferentes efeitos de sentido, particularmente, os de caráter irônico e ambíguo, presentes nas relações estabelecidas pelos interlocutores inseridos nas tensões ideológicas e político-partidárias que se acirram em momentos de crise política e econômica.

## Referências

ARAGÃO, M. do S. S. de. A fraseologia como marca do léxico regional popular. *In*: COSTA, Daniela de S.S; BENÇAL, Dayme R. (orgs.) **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016, p. 33-49.

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Pedro Constantin Tolens. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BARBOSA, M. A. A fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação: no sistema, nas normas, no falar concreto. *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. 2 ed. Paris: Klincksieck, 1951.
- BART, C. Le. Parler en politique. **Mots**. Les langages du politique, 94 / 2010.
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; SILVA, F. (Org.) **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. 1. ed. Porto: Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, p.747-757, 2005.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C. Varriali *et al.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BONAVIDES, P. **Ciência política**. 10. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2000.
- CHARAUDEAU, P. O discurso político. *In*: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 251-268.
- \_\_\_\_\_. Pathos et discours politique. *In*: M. Rinn (éd.). **Émotions et discours**. L'usage des passions dans la langue. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2008, p. 49-58 [en ligne]. URL: <<http://www.patrickcharaudeau.com/Pathos-et-x.html>>.
- CLAS, A.; GROSS, G. Classes de figement des locutions verbales. *In*: S. Mejri, G. Gross, A. Clas; T. Baccouche (éds). **Le figement lexical**, Tunis, CERES, 1998. p. 11-18.
- CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.
- \_\_\_\_\_. ; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Glória Corpas Pastor. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em: 25 out. 2017.
- CORREIA, E. de M.; TEIXEIRA, P. de M. **Dicionário Prático de Locuções e Expressões Correntes**. Santa Catarina: Papiro Editora, 2007.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora, 2017.
- DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES. Disponível em: <<http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/index.do>>. Acesso em: 28 jul. 2018.
- DORNA, A. Les effets langagiers du discours politique. **Hermès**, La Revue, 1995/2 (n° 16), p. 131-146.
- DUSSEL, H. **20 tesis de política**. México: Siglo XXI: Centro de Cooperacion Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe, 2006.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Editora Positivo, 2004.
- FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. **Revista ALEA**. v 11. n° 01, 2009, p. 148-165.
- GROSS, G. Degré de figement des noms composés. **Langages**, v. 90, 1988, p. 57-72.

\_\_\_\_\_. **Les expressions figées en français**. Noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

GROSS, M. Les phrases figées en français. **L'Information Grammaticale**, N. 59, 1993. pp. 36-41.

\_\_\_\_\_. GROSS, M. Une classification des phrases figées du français. **Revue québécoise de linguistique**, v. 11, n. 2, 1982, pp. 151-185.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0, 2009.

KLEIN, J. R.; LAMIROY, B. Collocations, expressions figées, phrases situationnelles, proverbes. **L'Information grammaticale** n° 148, janvier 2016, p. 15-20.

LAMIROY, B.; KLEIN, J. R. Le problème central du figement est le semifigement. **Linx**, 53, 2005.

LAMIROY, B. Le figement: à la recherche d'une définition. **Zeitschrift für Französische Sprache und Literatur**; 2008; vol. 36; pp. 85 – 99.

LAMIROY, B. *et al.* Expressions verbales figées et variation en français: le projet "BFQS". **Cahiers de lexicologie**. 2003, 83-2 : 153-172.

\_\_\_\_\_. KLEIN, J. R. Le Figement. Unité et diversité. Collocations, expressions figées, phrases situationnelles, proverbes. **L'Information Grammaticale**; 2016; Vol. 148; pp. 15 – 20.

MAAR, W. L. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MEJRI, S. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

\_\_\_\_\_. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. **L'Information Grammaticale**, n. 76, 1998, p. 50-51.

\_\_\_\_\_. Unité polylexicale et polylexicalité. **Linx** n. 40, 1999, p. 79-93.

\_\_\_\_\_. Le figement lexical: nouvelles tendances. **Cahiers de lexicologie** n. 80, 2002, p. 213-223.

\_\_\_\_\_. Figement absolu ou relatif: la notion de degré de figement. **Linx** [En ligne], n. 53, 2005.

\_\_\_\_\_. La traduction des textes spécialisés: le cas des des sciences du langage. **Colloque du 50e anniversaire de l'ISTI**, Oct 2008, Belgique. Editions du Hazard, pp.117-144, 2008.

\_\_\_\_\_. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

OLIVEIRA SILVA, M. E. O. de. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, Enrique H. (orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 161-182.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

\_\_\_\_\_.; UNTERNBÄUMEN, E. H. (orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. V.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012<sup>a</sup>.

PAMIES, A. A metáfora gramatical e as fronteiras (externas e internas) da fraseologia. **Revista de Letras**. nº 33, v. 1 – jan./jun, p. 51-77, 2014.

RAZKY, A.; LIMA, A. F. de; OLIVEIRA, M. B. de. **Geossociolinguística e Socioterminologia no Brasil** – GeoLinTerm (projeto de pesquisa). UFPA, 2010. 19f.

RIBOLDI, A. **A CPI das palavras**: origem de palavras e expressões da linguagem política. 2 ed. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2008.

SILVA, J. P. da. **Dicionário brasileiro de fraseologia** (versão preliminar). Rio de Janeiro: [s.n], 2013.

SOUZA, D. P. de. **Fraseologismos no discurso político brasileiro**: uma proposta de glossário. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**, versão 5.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

\_\_\_\_\_. Linguística de corpus e fraseologia: uma feita para a outra. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, Enrique H. (orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 277-302.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. Tradução Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

---

## Frasesologismos do futebol com o item lexical *gol*

Carlene Ferreira Nunes Salvador

### Considerações iniciais

A pesquisa fraseológica, sob diferentes perspectivas, tem se mostrado tímida em estudos da região Norte do Brasil. Neste sentido, sob a tutela do Projeto GeoLinTerm (RAZKY; OLIVEIRA; LIMA, 2010), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Pará – UFPA, a pesquisa de doutorado de Salvador (2017), a primeira dessa natureza no Norte do Brasil, abordou a temática voltada ao universo futebolístico com o objetivo de descrever, analisar e organizar o dicionário de fraseologismos do futebol em versão impressa e eletrônica.

A partir desse contexto, o objetivo deste artigo consiste em apresentar, a partir do *corpus* estabelecido, os fraseologismos que apresentam o elemento *gol* como um de seus constituintes, independentemente de sua posição no sintagma (inicial, medial ou final).

A linguagem do futebol, em face do alcance desse esporte em quase todo o globo terrestre, apresenta características próprias no que concerne tanto a lexias simples (POTTIER, 1974) quanto no que diz respeito às lexias complexas constituídas em torno dessa temática, tome-se os exemplos *gol de placa*<sup>1</sup>, *gol de bicicleta*, exemplos de fraseologismos<sup>2</sup> encontrados na amostra constituída para esse artigo, conhecidos de qualquer falante nativo brasileiro, até mesmo daquele que não seja um apreciador desse desporto, pois essas estruturas circulam em discursos próprios da área, assim como em diferentes interações cotidianas, isto é, em discursos da língua geral.

Por conta da dinâmica natural da língua e por constituir-se como um meio em constante movimento, a linguagem do futebol, utilizada em diferentes esferas da sociedade, isto é, a linguagem utilizada por homens, crianças e mulheres, apresenta fluxo contínuo, o que justifica investigações constantes dessa linguagem especializada, de forma que seja possível registrar e atualizar essa dinâmica.

Para o completo entendimento deste artigo, a escrita está dividida em seções. Assim, a primeira parte envolve as *Considerações Iniciais* em que se efetua a contextualização do tema. Em seguida, a seção *A Fraseologia e os fraseologismos* aborda as definições e os critérios de identificação do fenômeno fraseológico. Adiante, tem-se a seção *Futebol e linguagem* em que se mostra a produtividade de fraseologismos no domínio futebolístico. Na seção *Apresentação e discussão dos resultados* são apresentados e descritos os dados obtidos, assim como é feita a análise dos dados apresentados. Em seguida, são apresentadas as *Considerações finais* e as *Referências*.

---

<sup>1</sup> Aos exemplos oriundos do *corpus* de estudo foi dada a ênfase em itálico.

<sup>2</sup> Cientes da diversidade de nomenclaturas utilizadas para referir-se ao fenômeno fraseológico (séries fraseológicas, agrupamentos usuais, lexias complexas, combinações, construções linguísticas compostas, frases feitas, fórmulas rotineiras, colocações, refrões, expressões idiomáticas, unidades fraseológicas e outras parênticas) optou-se pelo termo ‘fraseologismo’, por ser o mesmo usado por Mejri (2012).

## A fraseologia e os fraseologismos

Nesta seção, apresenta-se o conceito de Fraseologia e de fraseologismos conforme as perspectivas adotadas pelos estudiosos da área. Desse modo, adota-se a abordagem cronológica dos fatos de modo a proporcionar uma visão panorâmica acerca dessa área de investigação.

A Fraseologia (grafada com F maiúsculo) alude tanto à ciência que se ocupa do estudo dos agrupamentos fixos de uma língua, os quais refletem costumes e características próprias de determinadas comunidades de fala, quanto ao seu fenômeno (fraseologia grafada com f minúsculo) que se manifesta a partir da combinatória de itens lexicais, outrora livres, que passam a figurar conjuntamente, independentemente da vontade de seus usuários, e formam uma estrutura polilexical que deve ser entendida pelo seu sentido global. Os fraseologismos apresentam ainda a fixidez, que pode ser total ou parcial, a alta frequência de uso, propriedade que lhes confere institucionalização e na maioria dos casos, a idiomatidade, isto é, apresenta ou não algum traço de sentido figurado. Por se tratar de aparecimentos produzidos e reconhecidos pelos falantes de um grupo linguístico específico, tornam-se de difícil tradução e, às vezes, de difícil entendimento até para os usuários da própria língua.

Como ciência, a Fraseologia recebeu atenção especial nos estudos de Charles Bally. O teórico em suas obras *Précis de Stylistique* (1905) e *Traité de Stylistique* (1909; 1951) cunhou o termo *phraséologie* para referir-se às combinações estáveis de associações lexicais geradas em interações linguísticas cotidianas, as quais podem ser passageiras ou podem passar a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis que devem ser entendidas pelo seu sentido global e não mais pelo significado isolado de cada um de seus constituintes. A contribuição desse autor, dentre outras, reside no fato de ele ter delimitado o objeto de estudo da Fraseologia, campo definido pelo autor genebrino como uma submacroárea da Lexicologia, dividindo-a em “Fraseologia popular”, que estuda os idiomatismos, os provérbios, as gírias, os ditados, e em “Fraseologia técnico-científica” que se ocupa do estudo das expressões terminológicas, cujo objetivo é o estudo das leis que condicionam a falta de liberdade das palavras e de seus significados.

Todavia, a Fraseologia começou a figurar no campo científico com o *status* de disciplina independente somente a partir dos estudos desenvolvidos na Rússia, antiga União Soviética (URRS). Os estudos desenvolvidos pelos linguistas russos Polivanov e Vinogradov constituem um marco para o avanço dos estudos fraseológicos. Polivanov, porque introduziu as ideias de Bally por volta dos anos 20 e Vinogradov, por ter classificado o que ele denominou de *unidades fraseológicas* e por reivindicar à Fraseologia, o *status* de disciplina autônoma em 1946. Com isso, a investigação russa começou a determinar precisamente o estado dos elementos do fraseolêxico dentro das locuções.

Quanto à visão soviética de Fraseologia, Klare (1986), relata que:

[...] a investigação soviética tende a compreender a fraseologia como disciplina linguística autônoma e para excluí-la assim da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina linguística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando à questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia. (KLARE, 1986, p. 356).

A partir dos pressupostos estabelecidos por Polivanov, observou-se a ampliação dos estudos fraseológicos dentro da perspectiva de que este seria um campo autônomo em relação à Lexicologia. Esse mesmo posicionamento pode ser encontrado em pesquisas

posteriores, como por exemplo, em Ruiz Gurillo (1997) e Rodriguez (2004), autores que também defendem o caráter autônomo da área. Para tanto, argumentam haver epistemologicamente um aparato que permite descrever, delimitar e caracterizar os fraseologismos.

Apesar da ampla divulgação dada aos estudos dos russos, Klare (1986) enfatiza o seu posicionamento divergente sobre o assunto:

Ressaltamos mais uma vez insistentemente o facto de que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico (cp. também B. Hansen; K. Hansen/A. Neubert/M. Schentke, «Englische Lexikologie», Lúpsia 1982, p. 12). Por isso a fraseologia continua para nós uma subdisciplina da lexicologia. (KLARE, 1986, p.358).

Tal qual no início das investigações fraseológicas, muitos são os autores que corroboram a posição assumida por Charles Bally em relação ao fato de que a Fraseologia constituir uma subárea da Lexicologia. Assim a entendem Pottier (1974), Coseriu (1977), Zuluaga (1980), Carneado Moré (1985), Tristá (1984), Ramos Nogueira (2008), Školníková (2010).

Porém, esse não é o único ponto suscetível a controvérsias dentro dos estudos dessa área de investigação. A diversidade de nomenclaturas usadas para nomear o fenômeno fraseológico também chama a atenção, não havendo conformidade, nem uma escolha lexical específica, dentre as possibilidades disponíveis, que consiga agrupar conceito e características atribuídos a essas estruturas. Sobre a definição e as propriedades fraseológicas, destacam-se algumas considerações.

De acordo com Roncolato (2001) Michel Bréal foi o primeiro a definir conceitualmente os fraseologismos:

Em sua obra *Essai de Semantique* (1897), Michel Bréal fala de “formules”, “locutions”, e “groupes articules”. Os “groupes articules” abrangem todo tipo de expressões fixas. Bréal reconheceu vários tipos de arcaísmos nas expressões fixas, o emprego de formas gramaticais que não se usam na língua atual e construções sintáticas próprias de estágios linguísticos anteriores. Outra descoberta deste pesquisador é o reconhecimento das expressões fixas como unidades compactas. (RONCOLATTO, 2001, p. 13).

Nessa profusão de nomenclaturas, é possível encontrar: *frases feitas* em Saussure (1969 [2001]), *séries fraseológicas* ou *agrupamentos usuais* e *unidades fraseológicas* em Bally (1909 [1951]), *lexias complexas* em Pottier (1974), *combinações recorrentes* em Fialla (1988), *estruturas formuláicas* em Gülich (1997), *combinações* em Zuluaga (2002), *sequências cristalizadas* em Gross (1996), *fraseologismos* em Mejri (2012), dentre muitos outros.

Nesse contexto de diferentes terminologias para referir-se ao mesmo fenômeno, observa-se que algumas propriedades dessas estruturas mostram-se mais recorrentes que outras (BURGER, 2003, p. 15-32), é o caso da: i) polilexicalidade, isto é, o fato de os fraseologismos se apresentarem sempre com dois ou mais constituintes *gol de placa*, *anotar o gol*, *gol de bola parada*, não se tratam, portanto, de itens monovocabulares, e apesar de esse aspecto constituir uma pista durante o processo de identificação na busca por fraseologismos, a polilexicalidade mostra-se como uma propriedade frágil, pois basear-se apenas nesse critério não permite realizar a distinção entre o que é uma expressão fixa e o que é uma expressão livre<sup>3</sup>; ii) do congelamento da estrutura resultando na fixidez do fraseologismo *na cara do gol*, característica que o torna reconhecível pelos falantes de determinada comunidade linguística, exatamente pelo fato de apresentar-se regularmente

<sup>3</sup> As expressões livres apresentam liberdade de deslocamento dentro do sintagma e os elementos que as constituem são tidos por seus significados isolados.

do mesmo modo, atrelando-se assim à frequência, isto é, a quantidade de vezes que aparece da mesma forma, e por consequência à previsibilidade, fator relacionado ao preenchimento de células dentro do sintagma, esses fatores, entretanto, não isentam o fraseologismo de prestar-se ao fenômeno da variação, iii) e do aspecto figurado *gol de letra*, em que pelo menos um dos constituintes do fraseologismo apresenta mudança de significado.

Mejri (2012), reagrupa em cinco os 11 critérios propostos por G. Gross (1996) os quais permitem a identificação de um fraseologismo, e oferece, além das três possibilidades anteriormente apresentadas, mais duas características: a congruência e a frequência, essa última atrelada ao fator previsibilidade.

A congruência refere-se à noção baseada no aspecto semântico dos fraseologismos. Para que se possa aferir o seu comportamento é necessário que ela seja cruzada com a fixidez para que se possa, além de determinar se é ou não um caso de fraseologismo, aferir o grau, estabelecer o escalonamento de sua fixidez. Assim, é do cruzamento da fixidez com a congruência que se torna possível aferir o grau de cristalização do fraseologismo, observe-se o caso de *gol olímpico* usado para referir-se ao gol feito a partir da cobrança direta de escanteio: *Na volta do intervalo, o técnico João Briagatti teria uma estratégia para reação. Porém, o Goiás foi fatal e com um minuto, Giovanni cobrou escanteio bem fechado, goleiro do Paysandu sai mal do gol e aceitou o <<gol olímpico>>. Depois disso, os goianos começaram a dominar a partida.* {ScNOAJ2010.09<sup>4</sup>}. Neste caso, não é possível comutar *olímpico* por *celeste* \**gol celeste* ou deslocar os itens dentro do sintagma \**olímpico gol* sem que haja prejuízo ao sentido original do fraseologismo.

Para o autor tunisiano, as propriedades da fixidez e da congruência encontram-se no âmbito dos instrumentos metodológicos e amparam a descrição dos fraseologismos, de modo que quanto menos o fraseologismo aceita alterações em sua estrutura, mais fixo ele é.

Além dos fatores anteriormente citados, faz-se necessário verificar também a frequência de circulação do fraseologismo, juntamente com o seu grau de previsibilidade. Esses dois últimos fatores estabelecem entre si uma relação tautológica, pois a frequência de uso do fraseologismo possibilita a projeção de possíveis itens lexicais na estrutura do sintagma. Em *gol relâmpago* usado para relatar um gol muito rápido feito nos primeiros segundos da partida, como no exemplo extraído do *corpus* de estudo: *O jogo em Itápolis ainda nem tinha começado quando um ataque fulminante do Sport acabou em um <<gol relâmpago>>, com um minuto e onze segundos!* {SBNOAJ2013.161}, entende-se que o espaço posposto a *gol* – não possa ser preenchido por *raio* ou *clarão* \**gol raio* / \**gol clarão*, mesmo que os itens pertençam ao mesmo campo de significado. Desse modo, também a previsibilidade não pode ferir o sentido do fraseologismo.

Na próxima seção são tratados, em conjunto, os elementos que envolvem o futebol e a produção de fraseologismos.

## Futebol e linguagem

Esta seção tem por objetivo apresentar como a linguagem do futebol, disseminada pela mídia, tem se constituído uma modalidade que há algum tempo tem despertado o interesse dos meios acadêmicos e, com igual ênfase, em outros segmentos da sociedade. Apesar de este trabalho não se tratar de uma investigação de base antropológica, histórica ou sociológica entende-se como necessária a contextualização, mesmo que superficial, deste esporte para que se possa também entender a linguagem que permeia a sua prática.

De tal modo, recorre-se às palavras de Rachel de Queiroz, que já em 1949 percebia a influência que o futebol exercia perante uma parte da população brasileira:

<sup>4</sup> O código gerado para a nomeação do *corpus* constituído: SB= A série do Campeonato Brasileiro (Série B); SU= uma das cinco regiões brasileiras (Região Sul); DG= nome do jornal (Diário Gaúcho); 2010=ano de vinculação da notícia; 09=número do arquivo do *corpus*.

Fala-se muito na indolência do mestiço nacional, já se escreveram bibliotecas acerca da incapacidade da nossa raça para tudo que exija esforço físico. Mas basta a paixão brasileira pelo futebol para mostrar exatamente o contrário: no ardor com que se entregam ao “esporte das multidões” nossos patrícios de todas as idades e de todas as condições sociais, está o maior desmentido da nossa preguiça (QUEIROZ, 1949, p. 106).

Percebe-se pelas palavras da autora supracitada que apesar da origem eminentemente europeia, foi no Brasil que o futebol ganhou *status* de “esporte das massas”. Trazido pelas mãos de Charles William Miller, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller (GUTERMAN, 2015), o futebol inicialmente representava o esporte da camada mais alta da sociedade.

Por tratar-se de um esporte praticado pela elite nacional, o futebol não estava ao alcance dos trabalhadores, tampouco de ex-escravos, consequência da estrutura escravista do país do início do século XX. Assim como os trilhos da Railway Company Limited, empresa que simbolizava, à época, o desenvolvimento industrial do País, foi também o ciclo do café, principal produto brasileiro, o qual dominava 80% das exportações naquele período, que gerava um ciclo não apenas econômico, mas sobretudo social, com a entrada de imigrantes e, conseqüentemente, a introdução de hábitos e costumes estrangeiros, dentre os quais a prática do “esporte bretão”.

A prática do futebol em todas as regiões brasileiras fez com que esse esporte alcançasse a condição de fenômeno socioantropológico, dando origem a um código linguístico peculiar a essa prática, por si só, suficientemente capaz de influenciar a linguagem dos cronistas que militam na imprensa especializada. Desta forma, no Brasil desde o início do século até os dias atuais, os mais representativos meios de comunicação em massa da mídia impressa, dedicam diariamente páginas, e até cadernos inteiros ao futebol, principalmente em dias que antecedem ou sucedem aos jogos, propiciando a redatores e jornalistas oportunidade de exercitar a criação de fraseologismos relativos ao exercício desse esporte.

Na seção seguinte, apresenta-se o processo de constituição da amostra e as principais etapas empreendidas na pesquisa da qual se extraiu o tema deste artigo, os fraseologismos em que há a presença do elemento *gol*.

### Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentam-se as etapas da pesquisa-fonte realizada por Salvador (2017), da qual foram extraídas partes para a escrita desse artigo.

A pesquisa realizada, de caráter descritivo (VERGARA, 2000), apresenta natureza quantiquantitativa (DEMO, 2002), pois se ancora em dados estatísticos para a descrição do fenômeno fraseológico. As informações obtidas são oriundas da técnica de coleta bibliográfica na medida em que se busca o contato com escritos acerca da tríplice temática estudada (LAKATOS; MARCONI, 2001), quais sejam: fraseologia, futebol e dicionários. Desta forma, constituiu-se um *corpus* de estudo oriundo de textos escritos publicados em jornais ancorados na *web*. Após a amostra constituída, foi aplicada a análise de conteúdo em que se visou, a partir de todo o processo realizado, amparo para a descrição sistemática do fenômeno em voga.

Desta forma, oriundos da tese de doutorado de Salvador (2017), os dados utilizados foram obtidos a partir da coleta sistemática de textos sobre futebol presentes na coluna *Caderno de Esporte*, na mídia impressa *online*, de cinco jornais populares das seguintes capitais brasileiras: Belém/PA, Goiânia/GO, Porto Alegre/RS, Salvador/BA e Rio de Janeiro/RJ. Publicados regularmente, os textos são referentes ao recorte temporal compreendido entre os anos de 2008 e 2015. A coleta teve início em janeiro de 2014 e foi finalizada em julho de

2015. Os dados coletados, após limpeza, conversão em documentos de extensão *.txt* e codificação, serviram de base para a extração dos candidatos a fraseologismos, seguindo a orientação metodológica da Linguística de *Corpus* conforme Berber Sardinha (2004) e Tagnin (2005).

Optou-se, em primeiro lugar, por centralizar cronologicamente a investigação a partir do ano de 2008 até 2015 em decorrência desse período compreender um pós-Copa do Mundo da Fifa de 2006, cujos resultados ainda estariam na *boca do povo* brasileiro, a realização da copa de 2010 e o momento de organização e da realização da Copa do Mundo da Fifa no Brasil. A copa de 2014 simbolizou a volta do país a sediar o maior torneio desse esporte depois de mais de 60 anos, o que além de movimentar a economia, pode ter despertado a produtividade linguística do povo brasileiro voltada para a temática do futebol. Em segundo lugar, por conta desse recorte possibilitar o preenchimento quase totalitário das células da amostra desejada em relação às Séries B, C e, principalmente, a Série D, do Campeonato Brasileiro que teve a sua primeira edição no ano de 2009.

O processo seletivo das fontes de informação foi determinado fundamentalmente, pela atualidade e abrangência de cada um dos representantes da mídia. Os chamados “jornais populares” dedicam inúmeras páginas, cadernos ou suplementos ao noticiário esportivo, gerando assim, uma fonte abundante de dados, fato constatado no decorrer da investigação. O *Caderno de Esportes* é uma das seções em que está dividido um jornal, trazendo informações sobre as mais variadas modalidades esportivas praticadas no Brasil e no mundo, no entanto, para os propósitos da tese de Salvador (2017), foram coletadas apenas notícias referentes ao futebol de campo masculino.

A escolha dos órgãos da mídia impressa, que contribuíram para o levantamento do *corpus*, objeto de investigação, não foi aleatória, mas decorrente da grande circulação em nível local desses jornais, fato que lhes assegura posição de destaque em relação aos seus congêneres. Assim, o caráter quantitativo da consulta, a cada jornal obedeceu aos seguintes critérios: *a*) apresentar uma versão impressa e uma versão eletrônica similar; *b*) alta tiragem impressa; *c*) valor de revenda inferior a R\$ 1,50; *d*) público-alvo e *e*) conteúdo de informações a respeito do futebol.

As publicações sobre atividades desportivas relacionadas ao futebol de campo masculino estão representadas no *corpus* pelo material coletado nos jornais *Amazônia* de Belém-Pará, *Daqui* de Goiânia - Goiás, *Diário Gaúcho* de Porto Alegre-Rio Grande do Sul, *O Massa!* de Salvador-Bahia e *Meia Hora de Notícias* do Rio de Janeiro-Rio de Janeiro. A suposição inicial levou em consideração o fato de que a linguagem utilizada pelos articulistas destes jornais, em suas edições diárias, adequa-se consoante o domínio léxico-fraseológico de seus leitores. O caráter sensacionalista desses jornais faz com que os redatores direcionem o noticiário, de forma tal que a linguagem esteja basicamente constituída por expressões facilmente decifráveis por seus leitores. Tal fato é constatado em manchetes e *leads* chamativos, observe-se a manchete extraída do jornal o Diário Gaúcho, “o jornal que deixa o leitor *na cara do gol*” (SBSUDG2012. 14), como também na própria diagramação de suas diversas colunas, onde a materialidade da inventividade e da originalidade se fazem presentes.

Os princípios orientadores da Linguística de *Corpus* foram utilizados na pesquisa, como abordagem metodológica para a coleta de dados em termos quantitativos, tomando por base Berber Sardinha (2004). Assim, o *corpus* foi preparado e sistematizado, para emprego das ferramentas presentes no *software WordSmith Tools*, em sua versão 5.0 (SCOTT, 2008). Após as etapas iniciais de tratamento da amostra, realizou-se a limpeza, a conversão dos textos em formato *txt*, pois esta é uma das extensões lida pelo referido *software*, e a codificação do *corpus* com vista a agilizar a recuperação das informações coletadas. Essa etapa foi realizada em quatro meses de intenso trabalho.

Berber Sardinha (2004) em seu artigo sobre Linguística de *Corpus* pontua que a definição mais apropriada para *corpus* é:

“Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18)

Seguindo as orientações do autor, constituiu-se o *corpus* de estudo apenas com textos digitais acerca de notícias sobre o futebol, para que pudesse ser feita a compilação desses documentos. A amostra composta por 2674 textos deu origem a um *corpus* de porte médio, pois ao se fazer a primeira rodada o *software* contabilizou um pouco mais de cinco milhões de palavras, critérios que atendem parte das noções descritas por Berber Sardinha (2004).

Após as rodadas do *WordSmith* foram selecionados os candidatos a fraseologismos para que se pudesse aplicar os testes sugeridos por Mejri (2012) e avaliar a natureza das ocorrências encontradas. Foi gerada a *WordList*<sup>5</sup> do *corpus* de estudo a qual apontou que dentre os itens lexicais encontrados, *gol* mostrou-se um dos mais produtivos. Esse dado pode indicar, entre outros fatores, a pertinência desse item lexical para o próprio esporte em voga, pois o objetivo do futebol consiste em cada equipe conseguir realizar o gol contra seu adversário.

A etapa seguinte consistiu em aplicar os testes sugeridos por Mejri (2012) em que se verificaram, um a um, os aspectos da polilexicalidade, da fixidez, da congruência, da previsibilidade e da idiomaticidade. A etapa de aplicação dos testes está descrita na seção seguinte.

## Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, apresentam-se os casos em que, a partir do *corpus* estudado, verificou-se a presença do item lexical *gol* como parte integrante dos fraseologismos do futebol. Nestes termos, de um total de 1316 ocorrências, constatou-se que 71 delas apresentam *gol* em sua constituição, ocupando a posição inicial, medial e final. No **Quadro 1**, está registrada essa primeira constatação. São 46 os casos em que *gol* ocupa a posição inicial do sintagma:

**Quadro 1** – Fraseologismos com *gol* em posição inicial

Nº	Fraseologismo	Nº	Fraseologismo
1	gol anotado	24	gol de placa
2	gol anulado	25	gol de virada
3	gol chorado	26	gol de voleio
4	gol contra	27	gol do acesso
5	gol da classificação	28	gol do artilheiro
6	gol da equipe	29	gol do atacante
7	gol da final	30	gol do clube
8	gol da partida	31	gol do duelo

<sup>5</sup> A *WordList* é uma das ferramentas do *software WordSmith Tools* que efetua a contagem do número de palavras do *corpus* em análise. Além da frequência de cada palavra a *WordList* serve de norteadora ao processo de descoberta dos candidatos a fraseologismos e fornece as características gerais dos textos analisados.

9	gol da vitória	32	gol do goleiro
10	gol de bicicleta	33	gol do jogo
<b>Nº</b>	<b>Fraseologismo</b>	<b>Nº</b>	<b>Fraseologismo</b>
11	gol de bico	34	gol do lateral
12	gol de bola parada	35	gol do rival
13	gol de cabeça	36	gol do time
14	gol de calcanhar	37	gol do título
15	gol de empate	38	gol do visitante
16	gol de falta	39	gol do zagueiro
17	gol de fora da área	40	gol feito
18	gol de honra	41	gol histórico
19	gol de letra	42	gol olímpico
20	gol de mão	43	gol por cobertura
21	gol de meia bicicleta	44	gol relâmpago
22	gol de peixinho	45	gol salvador
23	gol de pênalti	46	gol solitário

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Os dados do Quadro 1 mostram que o item lexical *gol* ocorre 46 vezes em posição inicial nos fraseologismos encontrados. A produtividade desse item em relação ao *corpus* total aferido se justifica em parte pelo objetivo principal desse esporte, o qual reside no fato de as equipes em competição, apresentarem por objetivo a realização do gol. Outro fator que poderia justificar essa característica se explica pelo caráter denotativo presente em alguns exemplos, tais como em: *gol de bicicleta*, *gol de placa*, *gol de voleio*, usados para nomear o tipo de tento conforme a característica por eles apresentada.

A amostra constituída apontou também uma ocorrência para o elemento *gol* em posição medial. Esse único item está registrado no Quadro 2.

**Quadro 2** - Fraseologismo com *gol* em posição medial

Nº	Fraseologismo
1	perder <i>gol</i> feito

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Apesar de constituir apenas um exemplo, o que não permite realizar uma descrição segura acerca desse constituinte nessa posição, percebe-se que em *perder [gol feito]* há um caso de inserção de um fraseologismo dentro de outro, dentro de uma segmentação maior. Do mesmo modo, *gol feito*, usado primeiramente, para referir-se ao tento marcado a seu favor, o qual equivale a gol pró, apresenta-se sem nenhum elemento anterior a ele, ou seja, existe sozinho e por esse motivo aparece registrado no primeiro quadro. Porém, no Quadro 2 já em posição medial, *gol feito* apresenta-se como parte em um fraseologismo maior, isto é, associado ao verbo *perder*, em que estabelece sentido diferente do primeiro registro, nesse segundo caso, refere-se ao jogador que erra ao tentar fazer um gol, que teoricamente, não haveria como perder, por exemplo, quando o jogador encontra-se sozinho, apenas ele e a bola, de frente para a rede sem o goleiro, e ele perde a oportunidade, veja-se: *Diego <<perdeu gol feito>>, depois de atravessar todo o campo adversário, driblar o goleiro, conseguiu acertar a trave na hora de finalizar.* {SCCODA2011.02}.

Adiante, passou-se a observação dos fraseologismos em que o item *gol* estava a ocupar a posição final do sintagma. Foram registrados 24 casos, os quais estão dispostos no Quadro 3.

**Quadro 3** – Fraseologismos com *gol* em posição final

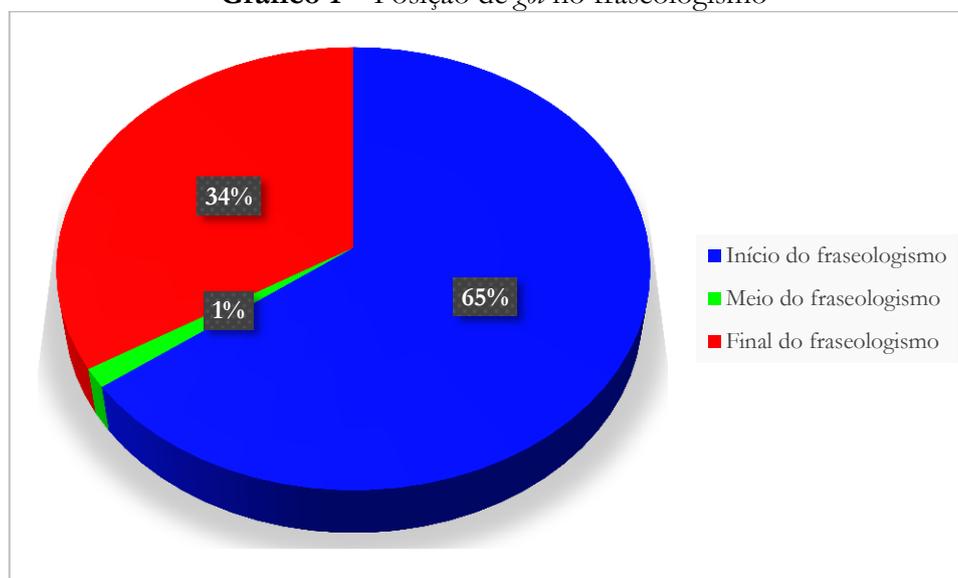
Nº	Fraseologismo	Nº	Fraseologismo
1	anotar o gol	13	média de gol
2	bater para o gol	14	morrer no cantinho esquerdo do gol
3	boca do gol	15	morrer no fundo do gol
4	chance de gol	16	na cara do gol
5	chute ao gol	17	oportunidade clara de gol
6	cruzamento na frente do gol	18	por cima do gol
7	empatar sem gols	19	reencontrar o caminho do gol
8	faro de gol	20	saco de gol
9	fundo do gol	21	sair na cara do gol
10	invalidar o gol	22	saldo de gol
11	linha de gol	23	tirar a bola de dentro do gol
12	marcar o gol	24	tiro ao gol

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

No Quadro 3 é possível visualizar as 24 vezes em que o elemento *gol* apareceu ocupando a posição final nos fraseologismos listados. Nesses exemplos foi possível identificar alguns padrões, os quais podem apresentar as seguintes configurações constitutivas: i) substantivo + preposição + substantivo: *boca do gol*, *chance de gol*, *chute ao gol*, *faro de gol*, *linha de gol*, dentre outras. ii) verbo + artigo + substantivo: *anotar o gol*, *invalidar o gol*, *marcar o gol*, dentre outros casos.

A distribuição geral do posicionamento de *gol* nos fraseologismos encontra-se ilustrada no Gráfico 1.

**Gráfico 1** – Posição de *gol* no fraseologismo



Fonte: Elaboração da autora, 2019.

No Gráfico 1, visualiza-se que 65% dos fraseologismos apresentam o item *gol* no início do sintagma. Em posição medial esse índice corresponde a 1% das realizações, enquanto 34% deles aparecem em posição final. Porém, estes não foram os únicos padrões observados, pois para a certificação fraseológica ora proposta seria necessária a aplicação dos critérios de Mejrí (2012), o que se realizou em seguida.

Após as observações efetivadas quanto ao aspecto constitutivo de cada fraseologismo e a posição em que o item *gol* se encontrava dentro de cada exemplar, passou-se à aplicação dos critérios sugeridos por Mejri (2012) iniciando pela certificação do caráter polilexical. Desta forma, verificou-se que as formações apresentam dois ou mais constituintes em sua base, portanto, são polilexicais e atendem ao primeiro critério no processo de reconhecimento dessas estruturas.

Tomando-se, por exemplo, o fraseologismo *na cara do gol* observou-se, primeiramente, o caráter polilexical, o que foi aferido, pela estrutura do sintagma que apresenta quatro itens lexicais, separados por espaços em branco. Em seguida, testou-se a fixidez dessa estrutura cruzando-a com a congruência. Para tal, observou-se, no eixo sintagmático, em nível sintático, a não anuência para inserção a partir da flexão de número, por exemplo: *\*na (s) cara (s) do (s) gol (s)*; em nível morfológico também não seria possível *\*na car(inha) do gol(zinho)*; seria impossível também a possibilidade de adjetivo entre a preposição e o substantivo *\*na (pequena) cara do gol*, entre o substantivo e a preposição *\*na cara* ou mesmo o deslocamento de elementos dentro do sintagma: *\*do gol na cara*. Também se verificou, em nível paradigmático, a comutação por itens de igual significado, em *\*na (face) do gol*, não apresenta o mesmo sentido de *na cara do gol*, havendo, portanto, alteração de sentido em todos os casos. Essa restrição evidencia o caráter fixo, cristalizado do fraseologismo do ponto de vista sintagmático.

O terceiro fator observado diz respeito a frequência e a previsibilidade. Em todos os casos, os exemplares tratados apresentaram frequência maior que 10 vezes no *corpus* de estudo. Os critérios da frequência e da previsibilidade estão intimamente ligados e refletem a atração entre os itens lexicais. Esses elementos passam a ser ligados entre si, e desse caráter atrativo decorre quase que uma relação unívoca, pois um fraseologismo é frequente porque é previsível e vice-versa. Desse modo, enquanto a frequência está relacionada à quantidade de vezes que um fraseologismo é repetido, a previsibilidade reflete as escolhas do falante em detrimento de outras estruturas. O fator frequência, por exemplo, pode ser notado na comparação entre *anotar o gol / marcar o gol*. Ambas as ocorrências se referem ao ato de conseguir fazer o gol, porém *marcar o gol* é bem mais frequente, no *corpus* analisado, (88) vezes que *anotar o gol* (64) vezes. Também ainda com base nesses dois exemplos, os quais não esgotam todas as possibilidades, pois são listados apenas a título de exemplificação de como os testes foram aplicados, verifica-se a previsibilidade quando ao se projetar – *o gol*, o espaço anterior ao artigo evidencia a escolha lexical do articulista de cada jornal, podendo ser ocupado, por exemplo, por: fazer ou assinalar e ainda assim o sentido primeiro do fraseologismo estaria preservado.

No que concerne ao critério da idiomaticidade, nos 71 exemplos tratados, há casos em que a partir de um dos elementos do fraseologismo é possível recuperar traços denotativos, tome-se os exemplos: *gol de cabeça*, *gol de pênalti*, *gol de mão*, *chance de gol*, *linha de gol*. Nos três primeiros exemplares têm-se a característica e o tipo de gol feito, enquanto nos dois últimos: *chance* ainda conserva o sentido referente a oportunidade e *linha* diz respeito ao tracejado desenhado no chão do campo. São, portanto, fraseologismos transparentes.

Observa-se, porém, que em *anotar o gol*, *gol de honra*, *gol de letra*, *gol de peixinho*, *morrer no fundo gol*, *gol olímpico* e outros, há, em pelo menos um dos elementos, uma mudança de sentido que torna a leitura dos mesmos não-composicional, atribuindo-lhes um aspecto opaco, pois dependem do contexto para o seu completo entendimento, é preciso que o bloco seja entendido pelo seu caráter global, e não mais pelo significado de cada constituinte.

Em suma, a aplicação dos critérios sugeridos por Mejri (2012) permitiram certificar a existência dos fraseologismos com a presença do item lexical *gol*, além de permitir a categorização de tais estruturas, sendo possível listar a posição assumida por esse elemento

dentro de cada exemplar mostrado. Assim, foram encontradas sequências totalmente fixas como *na cara do gol* ao mesmo tempo em que se pode dizer que, neste caso, a fixidez atrelou-se à frequência e ao critério da idiomaticidade, pois *cara* não se refere a rosto ou face, mas é feita uma analogia a essa parte do corpo e estruturas semifixas, tais como: *bater para (ao) o gol, chance (s) de gol, chute (s) ao gol, saco (s) de gol*, alterações no nível sintático que não prejudicam o sentido primeiro dos fraseologismos citados.

### Considerações finais

Buscou-se neste artigo apresentar a presença do item lexical *gol* como elemento constituinte de fraseologismos no domínio do futebol. Foram encontrados na amostra um total de 71 exemplares ocupando a posição inicial *gol de bicicleta*, a posição medial *perder gol feito* e a posição final *saldo de gol*. A produtividade desse item mostra a relação estreita do item com o domínio do futebol.

Apesar da dificuldade em se afirmar sobre ser ou não uma área dependente da Lexicologia e do entrave terminológico para nomear o fenômeno, pesquisas fraseológicas passaram a figurar com maior frequência e diversidade de temas a partir dos anos 1980 em diferentes países, Rússia, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Alemanha, e também no Brasil. Em alguns desses trabalhos a temática futebolística figurou como foco, pois a prática desse esporte, de alcance global, de alguma forma favorece o exercício da criatividade linguística de torcedores e articulistas, principalmente quando eles conseguem adequar essas manifestações aos contextos próprios do esporte e também às situações da língua geral, tal qual em *gol de placa*, fraseologismo frequentemente utilizado para referir-se a um gol que foi feito com muita destreza e que por esse mesmo motivo mereceria uma placa, mas que também é utilizado na língua geral para sinalizar uma ação, atividade em que se obteve êxito, sendo esse um fraseologismo muito utilizado *fora das quatro linhas*.

Deste modo, além de se conseguir realizar a atividade proposta no início do trabalho, qual seja a apresentação do item *gol* em relação ao *corpus* constituído, foi possível por meio da aplicação dos critérios aludidos por Mejri (2012) eleger a tipologia dos fraseologismos aferidos em fixo *na cara do gol* e semifixos *gol (s) de (o) zagueiro (beque)*.

A carência de estudos fraseológicos na Região Norte do Brasil, conduz a estudos nessa área e nesse sentido, espera-se ter contribuído com mais “um grão” e que se possa suscitar pesquisas futuras.

### Referências

- BALLY, C. **Précis de stylistique**. (Esquisse d'une méthode fondée sur l'étude du français moderne). Ginebra : Eggimann. 1905.
- BALLY, C. **Traité de stylistique française**. vols. 1 et 2, Paris: Libraire C.Klincksieck, 1909-1951.
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- CARNEADO MORÉ, Z. **La fraseologia en los diccionarios cubanos**. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1985.
- CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.
- COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: **Revista de Filologia Românica, IV**. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm\\_4KQCg&usg=AFQjCNEODI\\_I0QWsg9m\\_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJlXfmZ5MWE3w](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm_4KQCg&usg=AFQjCNEODI_I0QWsg9m_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJlXfmZ5MWE3w). Acesso em: 28 junho de 2015.

MEJRI, S. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

POTTIER, B. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris, Klincksieck, 1974.

RAMOS NOGUEIRA, L. C. **A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. 2008. 235p.

RAZKY, A.; LIMA, A. F. de; OLIVEIRA, M. B. de. **Geossociolinguística e Socioterminologia no Brasil – GeoLinTerm (projeto de pesquisa)**. UFPA, 2010.

RODRIGUÉZ, M. A. S. **Unidades fraseológicas francesas**. Estudios en un *corpus*: la Petalogía de Belleville de Daniel Pennac. Planteamiento didáctico. Tesis Doctoral. Universidad de Murcia. Departamento de Filología Francesa, Románica, Italiana y Árabe. Murcia, 2004.

RONCOLATTO, E. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências**. 2001. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Linguística Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.

RUIZ GURILLO, L. **Aspectos de fraseología teórica española**, (Anejo XXIV de Cuadernos de Filología). Valencia: Universitat de València, 1997.

SALVADOR, C. F. N. **Estudo da fraseologia do futebol brasileiro das séries B, C e D em jornais digitais: construção de um dicionário eletrônico**. Tese de doutorado. Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2001[1916].

SCOTT, M. **WordSmith Tools, versão 5.0**. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

TAGNIN, S. E. O. **O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. Fuentes de las unidades fraseológicas. Sus modos de formación, en **Homenaje a Alejo Carpentier**, Universidad de la Habana, n. 223, set./dez., p. 281-303, 1984.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M.-Bern-Cirencester/U.K., Studia Románica et Lingüística, Verlag Peter D. Lang, 1980.

## SOBRE OS AUTORES

---

**Brayna Conceição dos Santos Cardoso** possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é doutoranda em Linguística pela mesma instituição. Contato: brayna.cardoso@gmail.com.

**Bryana Connie Linda Lopes Batista** possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atualmente é mestranda em Letras pela mesma instituição. Contato: bryconnie@gmail.com.

**Carlene Ferreira Nunes Salvador** possui doutorado em Letras (Estudos Linguísticos) - PPGL/UFPA. Atualmente é professora efetiva nível III da Secretaria Executiva de Educação e atua como professora substituta da Universidade do Estado do Pará.

**Davi Pereira de Souza** possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é professor substituto na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Contato: davips312@gmail.com.

**Edmilson José de Sá** possui doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é professor titular no Centro de Ensino de Arcoverde (CESA). Contato: edjm70@gmail.com.

**Elaine Ferreira Dias** possui doutorado em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Atualmente é professora da Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Contato: edias@unifesspa.edu.br.

**Elaine Patrícia do Nascimento Modesto** possui graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Contato: elainemodesto.lp@hotmail.com.

**Fábio Luidy de Oliveira Alves** possui mestrado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é membro do grupo de pesquisa GeoLinTerm. Contato: fabio-luidy@hotmail.com.

**Juliana de Amorim Marques** possui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente é mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Contato: juliana-2904@hotmail.com.

**Letícia Santos Gomes** possui graduação em Letras pela Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Atualmente participa do projeto de pesquisa *A toponímia do sudeste do Pará* (TSPA). Contato: leticia18o@unifesspa.edu.br.

**Maria Ivanete de Santana Felix** possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é doutoranda em Linguística pela mesma instituição (UFPA). E-mail: misfelix@uol.com.br

**Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiller** possui mestrado em estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é discente do curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA e professora vinculada à Secretária de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA). Contato: nairsauaia@gmail.com.

**Regina Célia Fernandes Cruz** possui doutorado em Ciências Humanas pela Université daix-Marseille I – França. Atualmente é professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará e Bolsista Produtividade CNPq. Contato: reginafcruz@gmail.com.

**Romário Duarte Sanches** possui mestrado em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é professor substituto na Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Contato: romariodsanches@gmail.com.

